BIBLIOTHECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL
4.ª SECÇÃO
M.C.
931
ANNO XXV — N.º 20
Rio, 16 de Maio de 1931
PREÇO: 1$000
FON FON

Tambem eu!

— O segredo da minha fortuna e do meu exito como banqueiro é este: **CONFIANÇA.** Têm-na em mim os meus clientes, pois nunca me aventuro em coisas que não a mereçam. Sou, porém, meticuloso quando se trata de proteger a **fortuna das fortunas,** isto é, a minha saude e a dos meus . . .

Por isso em minha casa, para dôres, absolutamente nada mais se toma que não seja a

CAFIASPIRINA

Ha longos annos todos a usamos; os mais debeis e delicados, como minha mãe, que vae nos seus oitenta, me convenceram que é o remedio **unico verdadeiramente digno da minha confiança.** Além disso, como homem de negocios que sabe o que é reputação, digo-lhes apenas isto: bastaria que uma entidade como a Casa Bayer apresentasse um remedio para que eu tivesse confiança absoluta.

Cinco palavras nas quaes está concentrada a opinião universal.

INCOMPARAVEL e unica para dôres de cabeça, de dentes e de ouvidos; nevralgias, enxaquecas, colicas das senhoras, etc. Allivia rapidamente, levanta as forças e regulariza a circulação do sangue.

Exija-se sempre a **Cruz Bayer.**

O ABÔIO

(Episodio da novella mestiça "MÃE TONHA")

por Maciel-filho

AQUELLA enorme palmeira esguia e solitária do "Açude das Bêstas", chamavam-na, talvez por isso mesmo, de "Palmeira do Maçarico".

Sua sombra, ao reflectir-se no lençol das aguas, parecia uma giboia vadeando para a outra margem do açude.

E, quando começava a galgar o alpendre da casa grande, eram cinco horas da tarde nos melhores trescofes do mundo.

O papagaio, vendo a primeira nêsga da sombra querendo subir à pedra de mó do amolador, abria o bico, manobrando com o feitor do engenho.

— Pêro? Ô Pêro?

Cinco horas! Bota o gado prá curra, Pêro!

Dahi a pouco, *seu* Pedrinho estava de volta, toando os seus abôios plangentes.

— Ou....o! Ou....o! Ou....o!
Chiqueiro! Chiqueiro... Ovelha!
Ou...o! Ou...o! Ou...o!
Caiana! *Fazenda!*
Ou...o! Ou...o! Ou...o!

Eram as vaccas mais tardas do cercado.

Ultima cria é sempre assim... Já deram o que tinham de dar.

— A *Fazenda*, na tapagem da casa do Julio, vae dar que fazer às panellas do João Pedra. E a Caiana, no sabbado de alleluia, será carne no prato e farinha na cuia...

— Si daqui pra lá a cobra não mordêl-as, nem as tachas do assentamento chamál-as aos peitos, quando ellas foram lamber mel na casa de purga...

Seu Pedrinho esconjurou o agouro do coringa.

E o cabôclo, rematando a sua sentencia:

— Tambem as panellas têm de dormir de minjuada no fôgo...

Zé do Leite tinha acabado de ferrar em cruz a primeira cria da Serra Azul, atacada de caruára.

Ferrou bem em cima das juntas da *mão* direita.

Bezerrão macho, filho do guadimá do coronel João da Rocha da Jussára!

Foi uma dos seiscentos diacho terem pegado nas juntas do sonhado senhor daquelles pastos!

Seu Yôyô já tinha feito os calculos do touro passar o inverno na solta da chan e o tempo de moagem esturrando alli na bagaceira.

Aquella tinha sido mesmo uma do Não-Sei-Que-Diga!

Quando nada, o bezerro tinha perdido quasi metade da orelha. Não servia... Servir servia, mas todo bicho bom de raça tem que ser é bonitão, sem defeito nem bitaco.

Emquanto o feitor não vinha, o ajudante esperava trepado nos varáes da porteira do curral, com a caixa de mercurio na mão e batendo com o feixe de batatas de tinhorão, dependurado pelas folhas, cantando para despairecer...

Tú pra que' me chama, nêgo!
Eu vou onde o branco vae...
Quando tenho o meu dinheiro,
Eu faço o que o branco faz...

— Izé! ô Izé!... Curaste no rastro a bicheira da *Bonina?*

— Inhor sim, *seu* Pêdinho! E ferrei o burrégo da *Serra Azú*... e cortei, lá nêlle, a ponta da orêia, do lado da caruára... Escapa o quê, *seu pêdinho*...

Mãe Tonha lavava o néto no açude e preparava o somno do molecóte com as corruptélas e nuanças mais ou menos bizarras, vendo accenderem-se no engenho as primeiras tóchas dos bibianos da *casa de caldeiras*, para o serão da moagem daquella noite.

Candiêro... ô...
Tá na mão de Yôyô...
Candiêro... ô...
Tá na mão de Yáyá!

No tempo do captiveiro, era quando terminava o quinguingú.

Hoje em dia, êlle tem um nome mais ou menos compatível com a mentalidade dos nossos senhores de engenho e dos seus mestres de assucar, cumplices alternativos da mesma organização do trabalho roceiro e emperrado pela ferrugem da ancestralidade. Não é mais que os taes *quartos-ivos* das botádas, entrando fixe pelas noites a dentro, no rojão do trabalho tacanho e esbaforido das eternas bêstas de carga dos banguês.

Mãe Tonha vinha vindo com o néto ao hombro, trôpega, empurrando-se no pêso das pernas. E scismava na dolencia do quebranto daquelle lusco-fusco merencóreo que agonizava no zarcão desbotado das ultimas nuvens que passavam cansadas, naquelle fim de jornada, a se diluirem no reflexo da noite, morrendo nos derradeiros lampejos da téla da natureza, mesclada e immensa, borrifada de tonalidades furta-côres, misturada com o mormaço do dia, a sumir-se na volúpia insaciavel da bocca da noite...

A papa-ceia, no céo profundo e tenebroso, tremelicava o facho das suas luzes, coruscando e chamando a fedelhada para a primeira madórna de todas as tardes, no esbanjar dos seus pisca-piscas reluzentes, namoriscando no mesmo farfalhar frenetico e infindo...

O emprezario. — Recommendo-lhe que se faça dar um tiro no actor, em vez deste envenenar-se.
O autor. — Por que?
O emprezario. — Assim despertará os espectadores.

Esta serpente, prompta a morder a perna da joven, reconhece, nos seus sapatos, a pelle de sua finada mãe, e commove-se profundamente...

A MAGNOLIA

De LY-CHAO-PÉE

NO dominio de Kiang-Sou, situado a éste da China, vivia, ha muitos annos, uma rica familia composta de tres irmãos e suas respectivas esposas. Tres gerações tinham vivido alli em perfeita concordia, e até então tudo caminhára bem. Mas a esposa do menor dos tres irmãos, orgulhosa de seu dote consideravel, foi a primeira a perturbar aquella paz.

Noite e dia se queixava a seu marido, dizendo que o patrimonio estava nas mãos do irmão mais velho, e que este o manejava á sua vontade.

— Tu não sabes nada do que occorre — ajuntava. — Elle gastará um tostão e dirá que gastou dez. E como poderás averiguál-o? Devemos separar-nos. Si nossa fortuna se perdesse, tu serias o mais prejudicado. Que se divida o patrimonio. Que cada qual tenha o seu.

Ao ter conhecimento dos propositos do irmão, os dois outros se negaram a considerar provavel uma separação. Mas, assediado por conselhos de parentes e amigos, acabaram consentindo. Fixou-se o valor da casa, das terras e das colheitas e se dividiu tudo em tres partes.

Mas, em meio do grande pateo da casa, havia uma magnifica magnolia, já secular, que fôra plantada por um de seus antepassados. Era como um monumento de familia e se encontrava em plena floração.

E os irmãos pensavam:

— Já que é preciso separar-nos, a quem pertencerá esta arvore?

E não sabiam que fazer.

O mais velho, animado por sentimentos de equidade, propoz que fosse a arvore derribada e com seu tronco e seus ramos feitas tres partes iguaes. Os outros acceitaram a proposta, mas ficou resolvido que se não cortasse a magnolia até o dia em que se firmasse a acta de separação da familia. Celebrar-se-ia esse acontecimento com um grande banquete, para o qual seriam convidados todos os altos personagens da região.

Chegou o dia da separação, e os irmãos foram contemplar, pela ultima vez, a magnolia.

Mas, oh, assombro!, a arvore soberba estava completamente secca, sem uma flor, sem uma folha.

Os tres irmãos, consternados, lamentavam-se em voz alta.

— Oh, desgraçada magnolia! — diziam. — Como é possivel que hontem estivesses cheia de vida e hoje te vejamos morta?...

E o mais velho accrescentou:

— Não sinto apenas tua perda, oh, magnolia! Penso que somos tres irmãos, nascidos na mesma casa, criados juntos ao lado de nossos paes, e podemos separar-nos a ti, cujos ramos, folhas, raizes e tronco formavam somente um corpo. Porque a raizes produzem o tronco, o tronco os ramos e os ramos as folhas. Uma mesma vida os une e os torna inseparaveis. Hontem, essa vida resplandecia em tuas flores. Mas quando resolvemos dividir-te em tres partes, soffreste a sentença desta separação, e uma só noite te bastou para morreres. Como tu, nós, que formavamos uma familia, ao separarmo-nos, morreremos.

Os dois irmãos mais moços, ouvindo as palavras do primogenito, se commoveram e o abraçaram, soluçando.

E, num mesmo impulso, juraram não separar-se nunca.

Quando chegou a hora do banquete e vieram os convidados, os tres irmãos annunciaram-lhes sua nova resolução e foi queimada a acta que ia separal-os. Depois, todos quizeram ver a pobre magnolia.

Oh, prodigio! A arvore havia voltado á vida e estava coberta de folhas e de nevadas flores!

O LIVRO DE VERSOS

JACOB Kuroski retirou os exemplares de seu livro *O caminho das estrellas* da livraria onde estavam consignados para a venda, sem que se houvesse vendido um só.

— Amanhã offerecel-os-ei aos amigos — disse comsigo, emquanto empilhava os pacotes que constituiam a edição completa do livro.

Estava certo de que seus amigos os acceitariam e até lhe agradeceriam a offerta; sobretudo os companheiros de escriptorio, aquelles bons rapazes que, apesar de suas troças chamando-o ironicamente o *poeta*, pareciam apreciál-o.

Tomou um livro e longo tempo esteve compulsando-lhe as paginas, separando-as com seus dedos tremulos. Depois, pensou que o primeiro exemplar que sahisse de suas mãos deveria ir para as de uma pessôa capaz de aquilatar o valor daquelle presente espiritual materializado em sua obra.

Individualmente, desfilaram por sua imaginação todas as suas relações: Fulano, Beltrano, Sicrano... Julgava o preparo, a cultura, a intelligencia, os sentimentos de cada um.

— Não, não — dizia comsigo. — Fulano é *sportman*. Jogará meu livro ao lixo, sem lêl-o. Beltrano é jogador. Sua cabeça é uma tômbola. Na cavidade de seu craneo só ha bolinhas numeradas. Para que quer elle um livro de versos? Atiral-o-á ao fogo, logo que o receba. Entretanto, Fulana... Fulana tambem não o leria. Ella gosta mais do tennis. Não, não o darei a Fulana. E' uma mulher sem espirito. Que entende, pois, de versos? Mas, então, a quem offerecer meu primeiro livro? A quem?

A voz de Zulema, a filha da dona da casa, que falava com sua mãe no patêo, lhe resolveu o problema. Daria o livro a ella.

Zulema era uma pequena espiritual, por isso que apreciava a musica, martyrizava o piano e preferia as flores naturaes ás de panno. Além disso, tinha dezesete annos e uns olhos grandes e azues, onde parecia dormir o romantismo de outros tempos.

Ella, pois, seria a distinguida. E quem sabe? Talvez chegasse a commovêl-a e tambem a interessál-a como não o conseguira até então.

Poz o livro no bolso do *paletot* e sahiu.

No saguão encontrou Zulema.

— Zulema, você gosta de ler?

— Eu? Gosto, sim.

— Então... Então, vou offerecer-lhe um livro.

— Um livro de que?

— Um livro de versos, de poesias...

Um pouco desilludida, ella exclamou:

— Ah! Um livro de versos... Si se tratasse de outra especie de livro... Porque eu, francamente, não me interesso pela poesia... Os tangos, sim... Hontem á noite, escutei um pelo radio. Si visse que lindo! Si seu livro fosse...

Jacob notou que toda a sympathia que sentia por Zulema se dissipava. Olhou-a com olhos cheios de surpresa e pareceu-lhe que tinha á sua frente a mais frivola e vulgar das moças da localidade.

* * *

No dia seguinte, com um exemplar de seu livro sob o braço, entrava no escriptorio. Lá já se encontrava seu companheiro de mesa.

— Que trazes ahi? — perguntou-lhe.

— Meu livro.

O outro, admirado, novamente perguntou, como si não entendesse:

— Teu livro?

— Sim, Gonçalves. Meu primeiro livro.

— Santo Deus! ... Vamos ver de que trata.

— Versos — respondeu Jacob com uma voz tão fraca, que parecia de moribundo.

Depois, ajuntou, sem fazer caso do sorriso compassivo que se estendia na bocca de Gonçalves:

— Si o quizeres, eu to offereço.

E ficou cohibido, como uma joven a quem surprehendessem beijando o noivo.

Gonçalves tomou o livro e começou a folheál-o sem o menor interesse.

Kuroski sentia-se incommodado por aquella maneira de voltar paginas.

— Não está mal... De sorte que te decidiste. E quanto te custou isto?

— Um conto de réis.

— Um conto de réis!... Pois, filho, com um conto de réis poderias offerecer algo melhor a teus collegas.

E devolveu-lhe o livro.

— Como?... Não o queres?

— Não leio versos nem que me paguem. A poesia é uma xaropada que me faz mal.

Jacob recebeu seu livro.

Entraram outros companheiros de trabalho.

Gonçalves pôl-os ao corrente do que significava um acontecimento para elles. Em seguida, aboletou-se em uma cadeira e disse, depois de chamar Jacob e collocál-o a seu lado:

— Senhores: o poeta do escriptorio acaba de publicar seu livro. Gastou para isso um conto de réis. Sabeis vós o que representa um conto de réis?... Com um conto de réis nos divertiriamos lindamente durante uma noite, e ainda nos seria possivel declamar-lhe as poesias depois de uma da madrugada...

PRIMEIROS PREMIOS. — Nosso club obteve um primeiro premio, em um concurso.

— Homem, pois me falaram que foi um quarto premio.

— Sim; mas como o club não havia sido nunca premiado...

Mas elle não o quiz assim. Imprimiu em um volume seus versos e hoje chegou com a premeditada e aleivosa intenção de offerecer-nos o livro. Vamos julgál-o e dar-lhe, por isso, o castigo que merece.

Estalou unisona a brutal gargalhada dos empregados.

Jacob sentiu, a principio, desejos de agarrar uma cadeira e esmagar aquellas cabeças de barro, começando pela de Gonçalves. Mas o ruidoso riso de seus collegas esmagou-o antes. Sentiu-se fraco, impotente para reprimir com um gesto ou com uma palavra a troça sangrenta de semelhantes energúmenos.

— Que o guarde!

— Não queremos seu livro!

— Que limpe o nariz com elle!

— Um conto de réis gasto na impressão de versinhos! Só lynchado!

— Mas... mas... — gaguejava Jacob.

Gonçalves interrompeu:

— Senhores! O poeta tem desejo de fallar. Certamente, vos dará explicações e... nos pedirá perdão.

— Que fale!

E Jacob, com os olhos injectados de sangue e de lagrimas, em uma reacção inesperada, exclamou:

— Sois uns cretinos!

Nunca se vira nelle attitude tão feroz. Os companheiros emmudeceram, porque seu aspecto tinha algo de louco.

Gonçalves saltou da cadeira, e Jacob se apoderou della.

Entrou o chefe e surprehendeu a scena.

— Que se passa?

Em vez de responder-lhe, os empregados se apressaram a occupar cada qual seu posto. Curvaram-se sobre suas mesas e permaneceram mudos. O olhar do chefe passeava por cima de suas cabeças brilhantes de perfume, mas ôcas de idéas. Só Jacob permanecia em pé, sem utilizar a cadeira.

— Que faz você, Kuroski? Por que não se senta? — gritou-lhe o chefe.

E ajuntou:

— Que significa esse livro sobre sua mesa? Aqui não é logar de leitura!

Os empregados, levantando alguns a vista por cima dos oculos, sorriam satisfeitos, revistavam papeis, batiam nas teclas das machinas de escrever...

Jacob Kuroski sentou-se, depois de fixar, sem pestanejar, o severo olhar do chefe. Este aproximou-se delle e leu na capa do livro: "Jacob Kuroski. O caminho das estrellas. Poesias".

Sorriu, entre compassivo e ironico, e disse:

— Guarde isso... Julgava-o mais

De

J. M. Prieto

intelligente, Kuroski. Agora percebo a causa do escandalo que acabo de surprehender. Si você se sente poeta, não venha trabalhar, nem interromper o trabalho dos outros. Comprehende-o?

O guarda. — Vamos! Senhor, retire este carro, que está impedindo o trafico.

O proprietario. — Adulador!

Jacob observou que seu companheiro Gonçalves fazia esforços para não soltar uma gargalhada, viu o gesto displicente e severo do chefe, sentiu que nas suas costas todos riam delle, e pensou na necessidade que tinha de trabalhar para manter sua mãezinha. Si não fosse por ella...

— A' sahida, offerecerei este livro ao primeiro que encontre — disse comsigo.

O chefe retirou-se.

A's doze horas, Jacob Kuroski deixou o escriptorio, levando o livro. Ia só. Encontrou um operario na rua e o deteve.

— Olá, amigo! Quer um livro?

— Não. Não tenho dinheiro.

Jacob animou-se.

— Não lho vendo; dou-lho de presente.

O operario olhou-o com certa desconfiança. Temia ser victima de uma pilheria.

— Tem figuras?

— Não; é um livro de versos.

— Um livro de versos?... Bem... Não ha de ter nada mão nelle...

— Não, não. Pode lêl-o sem receio. Tome-o.

— Ah, muito bem... Eu não sei ler... Mas minha filha...

— Você tem uma filha?

— Sim, senhor. E quando ella tem um livro, passa todo o dia entretida.

— Mas um livro de versos... Ella gosta de versos?

— Gosta de todos os livros... Eu entendo pouco dessas coisas...

E ajuntou, suspirando:

— Não sei ler...

Jacob teve pena da ignorancia do homem.

— Quando minha filha agarra um livro, sabe? — continuou este — olha-o todo. Eu lhe dou um pedaço de lápis, e ella escreve, faz garranchos... Que quer? Si tem apenas cinco annos... Ah! Mas como põe os dedinhos!...

No cruzamento da rua, Kuroski separou-se do operario.

Chegou decepcionado á sua casa. Sua mãe esperava-o como sempre, mas com os olhos humedecidos de pranto. Elle apenas reparou nisso, mas ella o abraçou, dizendo:

— Ah, que bello, meu filho! Que bello! Li-o todo... todo... todo. Quanta ternura!

Jacob Kuroski comprehendeu a que se referia ella, e a estreitou contra o peito. Depois, falou, tremulo, balbuciante:

— Deves ter sido tu, mamãe, a primeira e unica mulher que leu meu livro!

A mãe comprehendeu toda a dôr que reflectiam taes palavras, e, sem impedir que lhe saltassem as lagrimas, murmurou:

— Meu filhinho!...

A illusão dos Por

DO lado "Credito" do livro *Razão*, que lhe pautava os actos da vida, Earl Abott tinha a seu favor uma natureza romantica, um diploma de bacharel, ainda com o lacre virgem, um bello emprego de futuro na casa importadora do tio, um optimo *roadster* de turismo, uma deliciosa voz de tenor, e uma convicção profunda de que Lidia Teresa era a creatura mais encantadora e desejavel deste mundo.

No lado "Debito" militava contra elle uma grande falta de amor-proprio, visto como estava convencido de que, pesar, como pesava, 197 libras, era uma grande desgraça. E casualmente haviam-no chamado de "espaçoso", dias atraz, classificando-o, quanto ao volume, como se classifica um movel pesado e cyclopico. E havia razão para tal. Earl Abott era dono de uma formidavel carcassa, grosso, disfórme e obeso. E isto, pensava elle, era o maior empecilho que havia até agora difficultado o seu trabalho de galgar o penedo inaccessivel do coração de Lidia Teresa, acostumada, como estava, aos corpos esbeltos e apollineos dos socios do "Red Men Club".

Desde os seus annos de Universidade Earl Abott manifestára vigoroso pendor para a Historia, e descêra a estudála, nos seus meandros, nos ambientes empoeirados dos archivos. Mas, desde que conhecêra Lidia Teresa, a sua unica preoccupação era ter aprendido que, na literatura do amor, poucos eram os homens obesos como elle que tinham desempenhado papeis salientes e romanticos.

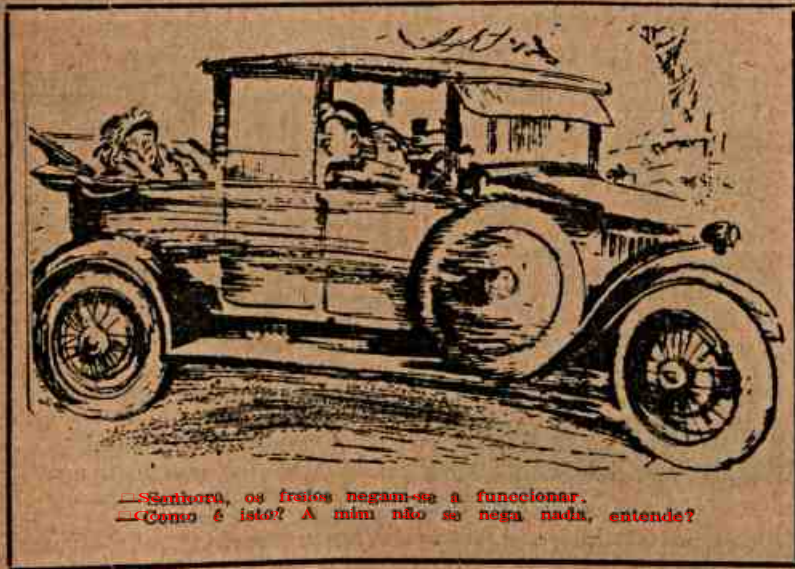
E quando, a sós com a sua personalidade, comparava os elementos, mais atordoado ficava ao pensar que Miss Lidia, de habito de montaria, de botas, esporas e saccola, poderia enfrentar qualquer balança, que o indicador nem mesmo chegaria ás oitenta libras. E, longe della, elle vociferava e maldizia-se, considerava-se um miseravel. Ao lado de Lidia Teresa, Earl Abott ficava frio, suado, e, azar dos azares, completamente mudo.

* * *

EARL ABOTT atirou-se, como ultima esperança, ao regimen. Abandonou, por completo, as fructas acidas, á ponto de uma simples laranja causar-lhe nauseas. Levantava pesados halteres, e exgottava-se em interminaveis partidas de Medicine Ball. Fazia longas caminhadas a pé e passava as noites em bailes, a dançar, a extenuar-se. Mas era tudo em vão. Ali falava a Natureza. E quando, por uma felicidade, conseguia diminuir uma ou duas libras, tal era o seu contentamento, que era obrigado a recuperal-as logo em seguida, em virtude do farto menú do invariavel almoço com que commemorava o acontecimento, em companhia, já se vê, de Lidia Teresa.

As balanças tinham o poder mysterioso de fascinar Earl Abott. Passeando pelas avenidas, Earl embarafustava sempre por todos os bars que ostentavam, na porta, as luzidas balanças automaticas que imprimem o peso nos cartões. E, seis ou sete vezes por dia, premiam os pequeninos prelos, e Earl Abott abria lentamente os olhos á espera de um milagre, para depois suspirar penosamente ante o riso inexoravel com que lhe parecia sorrir o instrumento do seu desengano.

* * *

Desesperado de não perder a gordura, Earl Abott, no dia de seu anniversario, dispoz-se a fazer mais algo do que sentir-se emocionado, ficar calado e suar frio diante de Lidia Teresa. O seu coração havia tres longos annos que vinha sendo automaticamente submettido a uma alta pressão sem um resultado satisfatorio. Muitas vezes, Earl chegava a se convencer de que Lidia Teresa gostava delle. A garota estava sempre contente ao seu lado. Gostava de vêl-o cantar. Deixava-se levar, sem protesto, ao football, a pic-nics, aos theatros. Além do mais, já observára, tinham os mesmos gostos, as mesmas predilecções. Gostavam dos mesmos quitutes, dos mesmos artistas, dos mesmos escriptores. Sim, garantia, Miss Lidia gostava de Earl Abott. Mas Earl queria mais do que isso, uma prova palpavel, pensava. Ser querido como se quer a um confessor, pensava Earl, emquanto dirigia o "roadster" pela 5.ª Avenida, com destino á casa della, é o destino dos homens gordos. São esplendidos amigos para a familia. E, quando então têm um automovel, são admiraveis. Brincam com as creanças, cantam, imitam os passaros, contam pedaços agradaveis e, geralmente, jogam e têm a liberalidade de saber perder. São bons de natureza, sympathicos, e, em geral, pagam bem o carinho que lhes dispensam. As moças amam-nos como a um irmão. E, eis senão quando, chega o dia em que o homem gordo, miseravel na sua solidão, esquecido no seu canto de obeso, vê desconsoladamente a mulher dos seus anseios ser levada ao altar pelos braços de outro, delgado, romantico, de olhos de sonhador, emquanto elle a custo contém as lagrimas que se subdividem pelo rosto largo como animaes soltos no campo.

— Senhora, os freios negam-se a funccionar.
— Como é isto? A mim não se nega nada, entende?

tropicos

Lauro Mendes

Estava resolvido que aquella ida ao lar de Lidia Teresa teria um caracter definitivo. Elle dir-lhe-ia algo de novo para ouvir algo de novo e suave. Tinha convidado a moça para jantar e depois irem a um theatro. Seria assim a commemoração mais suave do seu anniversario de gordo. E, emquanto rodava pela arteria novayorkina, em intimo colloquio com a sua timidez, tinha-a vencido em breves arroubos de amoroso commettimento.

* * *

Lidia Teresa estava tão deliciosa e encantadora, que Earl Abott, ao vel-a, perdeu toda a noção de si. Conseguiu, a muito custo, saudal-a, com um *hello, Lidia!* balbuciado a medo. Outro tanto não aconteceu com a moça, a quem a Primavera parecia communicar toda a alegria da juventude. Foi entrando sem rebuços no assumpto.

— Está um dia glorioso, Earl. A Natureza rejubila-se com o teu anniversario. Si eu fosse a Natureza faria o mesmo...

— Sim, está, — respondeu o derrotado galã.

— Que céo azulado!...

— Sim, azulado...

Si Earl Abott se visse, por milagre, deante de si proprio, em carne e osso, certamente ter-se-ia esbofeteado violentamente. Lidia Teresa estava digna de um menestrel romantico e languoroso, e certamente que esperava que elle, Earl, fosse tomar a peito a execução desse papel, que de subito lhe dissesse coisas adoraveis a respeito dos seus olhos, de sua cutis, do seu vestido.

Lidia Teresa quebrou o silencio: —

— Gostas do meu vestido?

Earl não respondeu. Estava, sim, constatára desde o primeiro momento em que a vira naquelle dia, e desde então elle procurára, no seu pouco fornido armazém de amabilidades, palavras com que exprimir a admiração que sentira pela graça e simplicidade da "toilette". Mas, continuava em vão.

— Eu andei a cavallo hoje, no parque, Earl, — disse a moça, emquanto entrava no "roadster". — Por que não andas a cavallo?

— Ah, não...

Não era esta propriamente a resposta que Earl Abott queria dar á pergunta da moça. Mas, quando os seus labios se moveram, apenas puderam articular aquillo. Foi depois que, suando frio, procurou concertar o laconismo do monosyllabo:

— Eu lamento muito, Lidia, mas sou... carnudo!

Uma gostosa gargalhada acolheu a inesperada justificação.

— Carnudo! Que palavra pouco elegante. Não me lembro de tél-a empregado nunca...

Earl Abott tambem nunca a tinha empregado. Elle queria dizer "occupado". Mas, como sempre, a garganta não correspondeu ao seu appello. Ficou inactivo como um funccionario de governo deposto. E aquelle era o adjectivo que elle achava, no seu intimo, que estava adequado para exprimir os seus repentes de pessimismo e odio contra a gordura. Desejava que não o considerassem somente um monte de carne, mas infelizmente era isto que estava acontecendo. Elle notou-o, quando Lidia Teresa se chegou para elle, mimosa, fragil, tenue e vaporosa, espiritual. Um botezinho chegando-se a um couraçado. E elle queria dizer-lhe algo — algo brilhante e formoso — para provar-lhe que aquillo fôra apenas um gracejo.

Earl, fugindo das cogitações, enfiou o carro pela Fifth Avenue. E emquanto Lidia Teresa, á socapa, ria-se ainda do adjectivo empregado pelo seu desastrado adorador, Earl desejaria que o seu automovel se espatifasse contra o primeiro omnibus que encontrasse, que Lidia Teresa nada soffresse, mas que elle fosse esmagado, triturado, perdesse, emfim, um pouco de sua gordura. Mas nada acontecia. Elle sentia que aquelle era o seu destino.

* * *

Entraram pelas portas doiradas do Regina's House, que Earl escolhêra, com ares de "gourmet" entendido, porque lá poderiam comer numa deliciosa intimidade. Era o ponto escolhido pelos casaes "snob". O "menú" era em francez, e os aspargos custavam um dollar o molho. E os "smart" jantavam alli, até que se abrisse um restaurante onde o "menú" fosse em castelhano, embora os aspargos custassem dois dollares o molho. Earl Abott sabia que iria gastar uma consideravel porção do seu salario semanal em "caviar", aspargos e ponche Regina. Mas, em todo caso, tinha a seu lado Lidia Teresa, estonteadora e linda. Earl estava loquaz. O "caviar" tinha-lhe desemperrado a lingua. Voltou-se para a companheira.

— Uma tarde destas, Lidia, deixa-nos a cabeça povoada de bons pensamentos e sonhos...

— Penso que sim...

Lidia Teresa fitava-o, séria e encantadoramente abandonada. Earl, enfiado, brincava com a faquinha de manteiga entre os dedos. Tinha receio de que Lidia porventura adivinhasse o que elle queria dizer, que não tinha ido alli para comer, beber, nem conversar, que tinha vontade de tomal-a nos

(*Cont. na pag. seguinte*)

Elle (*dengosamente*). — Por que não fazemos um pouco de acrobacia, como aquelle outro par?

A ILLUSÃO DOS TROPICOS

(CONTINUAÇÃO)

braços, de apertal-a, de beijál-a, de amál-a.

Mas isto, objectava o seu raciocinio, deve soar muito mal, quando viado de um homem obeso, e especialmente no restaurante. Regina. Olhando de revez para o espelho do salão, viu reflectida a sua imagem, gorda, seu cabello louro, seu rosto redondo, chato até, com uns olhos que se espalhavam pela face sem brilho sem expressão alguma.

— Parece um rink de patinação, o meu rosto, — pensou elle...

Lidia Teresa interrompeu-o:

— Em que pensas, Earl?

— Oh, em nada...

— Estou certa de que pensas em algo, Earl. Em meus cabellos? Não te agrada o meu novo córte?

— Não, Lidia; é que eu estou ficando... inchado...

— Inchado?

— Não. Não é isto, Lidia. Eu queria dizer outra coisa...

— Prompto! Agora podes falar!

E Lidia chegou a sua cadeira para perto do "couraçado".

Earl "sentiu" azado o momento. Relanceou os olhos em torno e viu, pintado na parede, o cartaz do ultimo film da Garbo: "Que especie de homem agrada ás mulheres". Foi a sua salvação:

— Que respondes a isto, Lidia?

— Que especie? Todas, — decidiu ella, com graça...

— Eu quero dizer, — disse elle, passando-lhe a salada de fructas — que especie de homem agrada a uma moça como tu.

— Então, como tu me collocas numa posição especial, respondo-te, particularmente, que, primeiro que tudo, deve ser um homem. Depois, deve ser educado, bonito, musculoso, e, acima de tudo, atrevido...

— Eu sei. Tu queres...

— Eu quero um homem que faça o que se propõe por pensamentos a fazer. Em summa... que realize.

— Bem que sei... — disse Earl, com accento amargo na voz — Queres um homem aggressivo, valente. Parece que é a unica coisa que as mulheres admiram nos homens.

— E é um bom traço da invidualidade masculina. Serei sempre grata a qualquer homem assim que gostar de mim...

— Supponho que ha assim um bom lote delles — disse Earl, sem conter a emoção ante o rumo que tomava a conversa.

— Tenho vinte e um annos, um bom dote, loira, activa...

Earl conteve-se:

— Lidia, si tu gostasses de um homem, farias muita questão de que elle fosse o teu typo?

— Naturalmente, Earl, não havias de querer que eu gostasse de um homem com uma grande barba loira ou olhos de chinez. Geralmente, nós, mulheres, temos um ideal, nascido com os nossos 15 annos, lido e sonhado em novellas sentimentaes. Quando se apaixonam, consideram o seu eleito o ideal que haviam sonhado, considerando-lhe a individualidade moral e physica pelo prisma da bôa vontade e do amor.

— E... tens algum, Lidia...

— Naturalmente, Earl.

— E como te parece elle?

— Bem. Vou contar-te. Quando eu tinha quinze annos, apaixonei-me por um rapaz, lá no velho e romantico Arizona. Como não podia corresponder-me com elle, escrevia-lhe as minhas cartas num muro de pedra. E ficava, ansiosa, na janella do meu quarto, esperando que elle viesse, ao galope do seu cavallo, ler e gravar na alma as mensagens que eu lhe mandava...

— Quem era elle? — perguntou Earl, bruscamente.

— Ivanhoe, o herói de Poe, — disse Lidia, sorrindo. — Não me achas romantica em demasia?

— Não muito. Eu tambem amei, romanticamente, a Rowena.

— Então deves comprehender...

— Sim.

Mas Earl disse "sim" muito mal humorado, dando mostras de que não havia comprehendido a insinuação de Miss Lidia. Mas a moça retomára a conversa:

— Adoro Ivanhoe. Erecto, elegante, valente, justamente o que prefiro. Parece-me que o estou vendo em minha frente.

Earl esteve prestes a desanimar. Mas conteve-se, verificando que elle não era Ivanhoe. Limitou-se a encher o prato de mais salada.

E, agora em silencio, terminaram o jantar...

* * *

— Oh, que surpresa, exclamou Lidia, aquelle não é Walter Cameroun?

— Onde? — perguntou Earl, amuado.

— Perto da janella. Chegou sozinho, neste momento.

— E'. Mas estimaria que não o tivesses visto.

— Oh, Earl, perdôa-me. Mas não posso deixar de falar-lhe. E' um velho amigo meu. Cavalgamos juntos, no velho Arizona.

E Miss Lidia sorriu, e o seu sorriso, como uma força telepathica, foi arrancar, na penumbra do restaurante, um outro sorriso de Cameroun. Era um homem de decisões promptas. Embora a sua galante amiguinha estivesse acompanhada, galgou os tres degráus que o separavam do "box" de Lidia e chegou á mesa dos dois amigos. Dirigiu-se logo á moça, porque sabia ser um dos seus admiradores mais cotados para o romantico logar de Ivanhoe. E, insensivelmente, Earl lembrou-se do que lhe dissera um dia Cameroun, que os homens, para o serem, deviam ter todas as tardes uma camisa suada por exercicios violentos, possuir nervos de demonio, e fazer successo entre as mulheres com seus cavallos de polo e seus rasgos de audacia.

E, rememorando tudo isto, Earl já estava se tornando irritado com o sorriso de piedade que bailava na bella face barbeada do recem-vindo. Mas, como ducha que esfriasse o enthusiasmo daquella irritação, Earl observava os bem cuidados musculos do rival, e continha-se.

— Bôa tarde, Miss Lidia. Que vestido e que penteado delicioso tens tu hoje. Gosto-te assim! Boa tarde, Earl!

Lidia sorriu, satisfeita. Earl não.

— Si não os houvesse encontrado, estava disposto a jantar sozinho. Pathetico em demasia para um homem solteiro, não acha, Miss Lidia?

Earl nem ouviu nem percebeu o que respondeu a moça. Pela mente passavam pensamentos sinistros. As coisas tomavam rumo bem diverso do que elle esperava.

Mas Cameroun era homem de acção. Assim, tomou logar á mesa dos dois com a mesma simplicidade com que se sentava á cadeira do barbeiro.

— *Garçon*, outro logar á mesa — ordenou.

E, não sem fitar de esguelha o seu infortunado rival, poz-se a consultar o carpadio.

— Estavamos quasi acabando — aventurou-se a dizer Earl.

— Não faz mal, eu me contento com o fim. A mim basta-me, pois que não posso comer muito, porque tenho que manter meu peso em 80 kilos. O polo e o golf precisam delle. Tenho que ser esbelto, — continuou dizendo, emquanto olhava significativamente para Earl.

— Si elle olha outra vez para mim desta maneira, quando disser que tem que ser "esbelto" — pensou Earl — eu o estrangulo na cadeira...

CONTINUA NO PROXIMO NUMERO

Como as Mulheres Sofrem

As mulheres sofrem muito mais do que os homens e adoecem muito mais facilmente do que elles.

Isto não é nenhum segredo para os bons Medicos.

O organismo da Mulher é muito mais delicado, muito mais vibratil e mais sensivel do que o dos homens.

A prova é que um Susto ou Medo Repentino tem sempre effeitos mais desastrosos e consequencias mais graves para as Mulheres.

Algumas mulheres são tão sensiveis, os seus Nervos são tão delicados, que basta ás vezes a Leitura de um Romance comovente, um aborrecimento ou uma noticia inesperada, para que certos Orgãos internos comecem a sofrer.

Mesmo as Senhoras mais calmas, que se julgam mais fortes e resignadas, contra os desgostos da Vida, sofrem as graves consequencias de Sustos, Contrariedades ou Comoções Violentas.

Uma simples Raiva, um Sobresalto qualquer, até nas mulheres de maior resignação, de mais coragem, de animo mais firme e que parecem ter esplendida Saúde, causa sempre transtornos e perturbações Organicas, que podem ser o começo de certas Doenças Perigosas.

As Senhoras que parecem mais tranquillas e pacientes, contendo e guardando maguas, dissabores e pezares são, no intimo, tão impressionaveis e sensiveis quanto as outras.

Conter as Lagrimas, não se queixar de nada, sofrer tudo calada, como uma santa, dominar-se nos momentos mais dolorosos, exige sempre uma fortissima Tensão Nervosa, que equivale a um grande e imenso sofrimento.

Garanto ser este o supremo sofrimento, a dor suprema, a Verdadeira Tortura!

Nada abala tanto a Saúde e arrisca tanto a Vida.

Não convem facilitar.

Por isto, aconselhamos a todas as Mulheres, de qualquer idade, sejam velhas ou moças, calmas ou nervosas, que leiam e façam o seguinte:

Muitas Senhoras já ha muito tempo que estão sofrendo do Utero e não sabem, nem desconfiam de nada.

Não pode haver Perigo maior!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Boca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbido nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimentos da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pele, Certas Feridas, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc., etc. Tudo isto pode ser causado pelas Molestias do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado.

A's vezes a pobre doente pensa que está sofrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente!

A prova de que tudo vem do Utero Doente é que com o uso do *Regulador* **Gesteira** todos estes Males desaparecem e a mulher sente-se outra, como que ressuscitada, alegre com a Vida e com o Mundo.

Use *Regulador* **Gesteira**

O Melhor tratamento é usar *Regulador* **Gesteira.**

Sim! Sim!

Regulador **Gesteira** é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez e Amarelidão das Moças, Ataques e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, a Fraqueza do Utero, as Dores da Menstruação, as ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* **Gesteira**

A VINGANÇA DAQUELLES PEIXES. — Recordas-te? Aqui, neste mesmo sitio, conheci-te; estavas pescando.
— Foi mesmo! E tu me pescaste a mim!

O ODIO

EM meu recanto do salão encontraram-se, por acaso, Gabriela e Antonio. Gabriela é uma loira pállida, de fina silhueta e semblante delicado e expressivo, embora sem a alegria juvenil que caracteriza as mulheres de sua idade e que accentuaria o desenho de sua bocca ágil e a eloquencia de seus olhos claros. Antonio é um desses rapazes que a continuada pratica dos sports vem destacando ha alguns annos. Alto, esbelto, de olhar profundo e pelle morena.

A conversação foi levada por Antonio para a direcção que convinha a seus desejos.

Antonio. — Meu irmão está muito pesaroso.

Gabriela. — Lamento-o.

Antonio. — Você o diz sinceramente?

Gabriela. — Quasi sempre falo sinceramente. Sobretudo, quando não se trata de coisas sem importancia.

Antonio. — Emilio ficará satisfeito de saber que não é uma coisa insignificante para você.

Gabriela. — Nenhuma pessôa pode sêl-o para outra.

Antonio. — Mas, apesar de tudo, elle ficará satisfeito de sabêl-o. Meu irmão guarda de você tão carinhosa recordação, que, forçosamente, ha de enchêl-o de jubilo a noticia de que você ainda o aprecia.

Gabriela. — Mas eu não teria motivo para deixar de apreciál-o. Não acha você?

Antonio. — Não o duvido. Embora, na realidade, minha opinião fosse outra...

Gabriela. — Julgava, porventura, que eu o odiava?

Antonio. — Você não é capaz de odiar... Mas houve entre vocês uma amizade...

Gabriela. — Houve-a. Mas não somos inimigos, actualmente.

Antonio. — E' o commum, quando duas pessôas deixam de ser amigas.

Gabriela. — Constituiremos, então, excepção.

Antonio. — No emtanto, vocês se evitam.

Gabriela. — Talvez. Mas é possivel que cada um o faça como uma simples attenção para com o outro. Apenas.

Antonio. — A você, por exemplo, que impressão produziria um encontro com Emilio?

Gabriela. — Não o sei. Nunca me detive a considerar essa possibilidade.

Antonio. — Logo, não o receberia?

Gabriela. — Antes de tudo, sou uma pessôa educada.

De ERNESTO EDUARDO MARCHESE

Antonio. — Mas, você só o faria por educação?

Gabriela. — Parece-lhe pouco?

Antonio. — O que quer dizer que, podendo-o, evitaria a entrevista.

Gabriela. — Antes de responder-lhe, quero que responda você a esta outra pergunta: esta nossa conversação, tão... casual, você a iniciou espontaneamente, por casualidade, ou com um proposito determinado?

Antonio. — Provoquei-a por pedido expresso de meu irmão.

Gabriela. — Ah! Dar-lhe-á conta do resultado?

Antonio. — Naturalmente.

Gabriela. — Elle se lembra muito de mim?

Antonio. — Constantemente.

Gabriela. — Demonstra algum pesar pelo que occorreu?

Antonio. — Enorme. Mais de uma vez, ouvi-o lamental-o e attribuir-se a si toda a culpa.

Gabriela. — Quaes seriam os propositos delle?... Digo, si dentro de suas attribuições de emissario figura a de adeantar isso, que poderia ser uma confidencia...

Antonio. — Emilio não deseja outra coisa sinão atirar-se a seus pés, Gabriela, para pedir-lhe que seja sua esposa dentro do mais breve prazo.

Gabriela. — Bem; pois você pode dizer a seu irmão que eu me consideraria uma mulher verdadeiramente feliz, si soubesse que elle nunca mais voltaria a lembrar-se de mim... já que não me foi dada a ventura enorme de ignoral-o totalmente...

Antonio. — E' verdade o que diz, Gabriela?

Gabriela. — Inteiramente.

Antonio. — Pois não pode avaliar o quanto me faz ditoso com isso, Gabriela.

Gabriela. — A você?! Não comprehendo...

Antonio. — E' simples: amo-a, Gabriela.

Gabriela. — Que é isso? Você esteve troçando de mim ou trahindo seu irmão?

Antonio. — Nem uma coisa nem outra. Meu irmão nunca me confiou missão alguma. Foi apenas uma artimanha a que recorri para descobrir o estado actual de seus sentimentos em relação a Emilio.

Gabriela. — Ou é armadilha o que me diz agora?

Antonio. — Como pode suppôr tal coisa, Gabriela? Pude enganal-a invocando uma embaixada que não existia, mas me seria impossivel levar além a mentira.

Gabriela. — Sabe que seu irmão e eu deixámos de ser o que eramos?

(Conclue na pag. seguinte).

QUE CONSOLO! — Creiam-me os senhores. Sou o marinheiro mais afortunado do mundo... Já naufraguei mais de dez vezes, transportando passageiros... e sempre tenho sido o unico sobrevivente...

COM SEMELHANTE PROVA! — *A mãe* (inquirindo, com o zêlo de todas as mães). Pedrinho, o teu irmãosinho já lavou as mãos?

Pedrinho (depois de dirigir uma simples olhadella á toalha). Sim, mamãe.

T R E S P O E M A S

SI FOSSES MINHA FILHA!...

"Minha filha... Disse "minha filha". Ah, si o fosses!... Eu não teria nenhum merito em querer-te. Querer os proprios filhos é querer-se a si mesma. O grande, o doloroso e o heroico é querer os filhos dos outros como si fossem proprios; o resignar-se a viver feliz com os carinhos emprestados é occupar praças conquistadas, mas sempre ameaçadas; é viver alerta na defesa continuada; é dizer-te "minha filha" com a doçura das mães e com a tristeza de quem quizera sêl-o.

"Si fosses minha filha, eu faria o milagre de tornar-me criança toda vez que tu quizesses brincar com tuas bonecas. Aprenderiamos juntas a ler, escrever e pensar. E depois seria mãe para embalar-te e afagar-te. Teria um canto para teu somno, outro para teu riso e outro para teu pranto. Cantaria sempre para fazer-te rir e para que acreditasses no que eu já não posso crer: que a vida é um canto que se pode entoar...

"Si soubesses que musica é para minha alma teu riso!... Ris quando calço de beijos teus pésinhos; quando visto de beijos teu corpo pequenino; quando chegas em minha casa com tuas mãozinhas frias e eu as aqueço com meus labios. Felizmente, tu ris sempre, minha filha, graças ao que minha alma ri tambem... e canta.

"E' certo que para ella ha uma unica canção: "Minha filha, minha filha...", com a qual vou enganando meu coração, como o palhaço que pinta a cara para fingir que é comico e alegre.

"Quero-te tanto! Imagina, criança, quanto devo querer-te, que eu alliviaria minhas penas si sonhasse que meu sangue serviria alguma vez para apagar qualquer magoa das que te cause a vida.

"Imagina quanto devo querer-te, que nada me importa padecer de dia porque tu de noite me esperas e dormes nos meus braços.

"Todo o mal, todas as penas que soffri, seria capaz de soffrêl-as de novo, de acceitál-as de novo, humildemente, do destino, comtanto que tu soubesses enganar alguma vez minha alma e atirar-me os braços ao pescoço a dizer-me ao ouvido, muito em segredo, só para mim: "Mãe, minha mãe!"

MATURIDADE

— Tenho a horrivel idade da experiencia, meu amigo — ouvi uma mulher dizer tristemente; uma mulher excepcional e esquisita.

Elle era um gentilhomem, desses que ainda beijam a mão das mulheres.

— Minha amiga, os quarenta, os quarenta

Antonio. — Ignoro-o. Elle evitou sempre tocar no assumpto... o que me dá a certeza de que é o culpado.

Gabriela. — Não. A culpa foi minha.

Antonio. — Sua?! Então...?

Gabriela. — Oh, não receie! Estou arrependida, mas meu arrependimento não é dos que levam a implorar o perdão.

Antonio. — Não a comprehendo, Gabriela.

Gabriela. — Antes assim.

Antonio. — Continúo a não entendêl-a. Mas, apesar disso, reitero minha declaração de que a amo.

Gabriela. — Você disse *apesar*. Tem tanta confiança em mim, que, não obstante não entender-me, *apesar* de não entender-me; mesmo sem comprehender o alcance que pode ter esse *apesar*, continúa amando-me?

Antonio. — Si meus olhos estivessem vendo o sol, eu duvidaria de sua luz antes de duvidar de você.

Gabriela. — Esquece que fui noiva de seu irmão?

Antonio. — Para mim o foi de um desconhecido.

Gabriela. — Você repelle a realidade da vida. Supponha que chegassemos a casar-nos. Não acha ridicula a situação de uma esposa que antes esteve para sêl-o do irmão de seu marido?

Antonio. — Ha muitas coisas que parecem ridiculas e não o são. Mas procurariamos evitar todo o inconveniente, ir-nos-iamos, por exemplo, para o estrangeiro, para qualquer parte. Você sabe que minha

O D I O

profissão me obriga a viajar, frequentemente. Viajariamos, pois. O proprio Emilio, creio, procuraria afastar-se.

Gabriela. — E' você, quando menos, um bom irmão.

Antonio. — Por que o diz?

Gabriela. — Porque confia nelle, como merece que confiem em você.

Antonio. — Quer, então, dizer que Emilio não é capaz desse sentimento?

Gabriela. — Não é capaz. Você o disse.

Antonio. — Você disse, ainda ha pouco, que não lhe guarda rancor.

Gabriela. — Disse-o, mas menti...

De Irene Galup Lanus

cinco, e até os cincoenta annos são o melhor da vida. E' a juventude remansosa, tranquilla; é a elegancia depurada; é o poema do vivido; é o encanto dos labios que beijaram e que guardam o segredo das coisas que se foram... E' a seducção de todos os feitiços.

E ella se defendia:

— Temo o desencanto — dizia-lhe. — Fiz a renuncia completa e total. Não quero apagar minhas rugas: apagaria com ellas minhas recordações. Cada uma tem seu porque para estar onde está. A que tenho na fronte, eu sei qual foi o pesar que a deixou impressa; a que nasceu junto á commissura dos labios, eu sei de que emoção procede. Todas são rastros de vida, de amor e de dôr. Por que hei de querer, agora, apagál-as?...

— Adoro seu gesto tranquillo de mulher um pouco languida e um pouco fatigada. Você chora ou ri pelas grandes coisas da vida. O pequeno, o mesquinho não existe para você nem tambem para mim. Attráe-me a emoção profunda: o amor ou a dôr, completa e grande. Bem vê que passo ao largo deante da magnifica juventude exuberante, porque não está definida... e deante de você me detenho e a reverencio... O sol é muito mais grandioso, minha amiga, quando se inclina do que quando se levanta, e isso porque durante sua carreira foi tão brilhante, que não podemos olhál-o frente a frente. Quando cae, olhe você, deante do seu apagado esplendor, como repousa a natureza, como se aquieta e como se embelleza e se enche de magnificencia.

COMO O SOL

E entrou o amor como sol em sua alma.

E deu-lhe mais claridade do que toda a luz que seus olhos viram durante toda sua vida.

E, acreditando nelle, acreditou na resurreição das almas e no perdão dos santos, na bondade dos homens e na vida perduravel.

E pela raiz arrancou de sua alma a amarga convicção de que o amor fosse sempre dôr.

E amou a vida, com ansia louca de felicidade, e toda a vida era elle.

E como era tambem o sol de sua vida, o quiz como a terra quer ao sol que a germina, e que lhe dá placidez e primaveras.

Para ella, conquistál-o foi prender em sua corôa o mais bello florão. Mas vi-a tremendo, ouvindo em seu coração palpitar o medo, como o tic-tac de um relogio. E, misturada a seus medos e suas duvidas, vi sua esperança, ansiosa, louca, desenfreada e aturdida, voando até uma altura que me pareceu fóra da eternidade e do infinito do amor, de que nos falou Barbusse...

(Conclusão)

Antonio. — Logo, é você capaz de odiar?

Gabriela. — Como quem é capaz de amar... Como toda mulher, quando... Mas, ora!... Para que continuar? Vamos dançar?

Antonio. — Você ainda não me respondeu, Gabriela.

Gabriela. — Meu pobre amigo! Você é, indiscutivelmente, merecedor de que o amem... como eu já não posso amar...

Antonio. — Por que? Tão profunda é a dôr que deixou meu irmão em seu coração?

Gabriela. — Ha alguns minutos lhe declarei culpada. Sabe qual foi a minha culpa? Confiar nelle... Suppuz que seu irmão fosse um homem de bem. Como lamentavelmente me enganei!

Antonio. — Gabriela!

Gabriela. — Foi essa minha culpa... Você já o sabe!

Antonio. — Gabriela, é verdade?

Gabriela. — E' verdade.

Antonio. — E meu irmão não lhe offereceu uma reparação?

Gabriela. — Só se reparam as faltas. Para elle, não o foi, sem duvida.

Antonio. — Tral-o-ei á sua presença, embora seja á viva força, para que cumpra como deve.

Gabriela. — Não o tente siquer! E' tanto meu odio por elle, que não me seria possivel tolerar sua presença.

Antonio. — Mas sua vida fica desmoronada, Gabriela!

Gabriela. — Não importa. Emquanto meus paes viverem, continuarei representando a comedia de que não quero casar-me. Depois... Deus dirá!

Antonio. — Trarei meu irmão á sua presença. Embora seja só para que saiba que conheço sua conducta.

Gabriela. — Não. Prohibo-o. Você não tem o direito de intervir nisso.

Antonio. — Tral-o-ei! Não importa.

Antonio cumpriu sua promessa. Quasi á viva força, levou seu irmão Emilio á presença de Gabriela. Hoje, Gabriela e Emilio são esposos felizes.

A GARRAFA

ATE' o anoitecer havia sido maravilhoso. O doce e suave azul parecia embalar tudo. A brisa, impregnada de um agradavel cheiro de sal, inundava os sentidos. A terra, como uma linha marcada por um lapis fino, emergia gradualmente entre as nuvens e a agua, no horizonte distante.

Depois, uma hora depois do pôr do sol, um vento insolente alcançou o Norte do Atlantico... Vinha de cima. Annunciou-se primeiro com uma especie de queixume sibilante, penetrou pelas portas abertas e fez voarem papeis e jornaes. E como si algum poder occulto lhe houvesse ordenado: "Siga!", as nuvens enormes chegaram a espalhar-se, para desfazer-se sobre a ponte de commando, açoitar a coberta, em meio de uma chuva de epithetos do primeiro official, emquanto o temporal soprava tremendo na escuridão que cercava tudo.

Os minutos batiam alarmantemente. Subito, se ouviu um agitar de campainhas... Campainhas e grossas vozes masculinas, que gritavam: "Aos botes! Mulheres e crianças em primeiro logar! Depressa! Depressa!"

Acabára-se a amizade. Dois botes viraram sobre a tumba que esperava seus tripulantes, antes que pudessem ser devidamente arriados, deixando cahir sua carga humana. Um tiro, seguido de um grito, fez cahir um homem que estava ao lado de uma velha invalida. Só Deus sabia que elle era surdo e não tinha ouvido as ordens...

Carlos Maynard se poz furiosamente a caminho de sua confissão. Um movimento atirou-o ao solo, de joelhos. Mas elle devia terminal-a. A garrafa — que minutos antes encerrára a alegria alcoolica do champagne — esperava receber sua mensagem e conduzil-a.

A irmã. — Olha, Geraldo: deves pedir á senhorita Gomes que te conceda uma dança.
O irmão. — Eu o farei quando tocarem uma valsa adormecedora, para, pelo menos, ter a excusa de cerrar os olhos e não vel-the a cara, emquanto bailamos.

Uma probabilidade em mil. Era para sua esposa. Mas não podia morrer assim, sendo tomado pelo homem que não era. Tal vez o céo fosse com elle mais clemente si allivias-se, o quanto antes, a sua consciencia.

Só Deus sabia o quanto, naquelle momento, amava a Margaret!

Imaginava-a sentada, provavelmente na sala, desejando-lhe uma feliz viagem. As outras mulheres? Passatempos. Nada mais... Estupidas deslealdades da maioria dellas. Recordava Helena, a dactylographa loira. Lamentava esse caso mais do que qualquer outro. Ella se suicidára antes de soffrer a vergonha de ter um filho sem o nome do pae. De seu filho!

Rapidamente, firmou o papel... *Teu apaixonado Carlos.* Escrevia-o, essa vez, com verdadeira sinceridade. Não era o logar-commum que punha ao pé de suas cartas de amor, como em outras occasiões. Era uma declaração sahida do fundo de sua alma. Enrolou o papel. Collocou-o na garrafa, que tapou com a cortiça.

Em seguida, sentiu um estrondo nas caldeiras do navio, como si se tratasse dos intestinos de um animal immenso que houvesse sido atravessado por uma bala de canhão; provavelmente, o ultimo protesto inutil contra as aguas, que, fartas de torturál-as lentamente, penetrando gotta a gotta, resolveram fazer irrupção em massa, produzindo o estalido das mesmas.

Foi a explosão o que novamente levou Carlos Maynard á coberta, com os olhos selvagemente abertos, cheios de pavor. As vozes que gritavam, o guinchar de todo o navio, que se afundava, tudo o enlouquecia.

O "Zanzibar" fizéra muitas vezes seu caminho, até então, entre temporaes tão furiosos

de W. Ron Ferguson

como aquelle. A causa da catastrophe soffrida aquella noite de borrasca apenas se podia adivinhar lendo os titulos das noticias dos jornaes do dia seguinte. Um delles dizia, em toda a largura da pagina: "O maior desastre maritimo do anno". Mais em baixo, e em typo menor accrescentava: "Carlos Maynard é o unico sobrevivente do "Zanzibar.""

•

TRANSCORRERAM tres annos. Carlos Maynard se transformou numa pessôa importante nos negocios de seu Estado. Os homens falam nelle como de um exemplo de integridade de caracter e honestidade. Tambem o admiram um pouco, pois raramente o vêem bebendo qualquer coisa em companhia de outros. As mulheres o mostram aos outros homens por seus antecedentes inatacaveis. "Nunca promoveu nem nunca se viu envolvido em escandalo algum" — dizem, referindo-se a elle. "Será o melhor governador que tenhamos tido."

Mas Carlos Maynard havia envelhecido tristemente durante esses poucos ultimos annos. Havia conseguido exito em tudo. Agora estava na imminencia de conseguir o que era a ambição de sua esposa. Entretanto, nunca decorria para elle um dia sem horas de tortura intima. As noites, ás vezes, significavam para elle sonhos de mares cheios de garrafas com mensagens... com uma confissão que o arruinaria. Escandalo? Procurava afastar de seus pensamentos essa possibilidade. Recordava como havia atirado a garrafa ao mar. Certamente, desde essa noite em que pôde segurar-se a um bote salva-vidas completamente desoccupado em meio das ondas, sua vida fôra um verdadeiro modelo. Apenas se preoccupava com Margaret e era muito feliz ao lado della. Mas, si a garrafa apparecesse?...

Depois... chegou até elle um telephonema, emquanto almoçava no club, dois dias antes da eleição.

— Mr. Maynard — disse o *groom*.

E quando ouviu a voz da esposa se sentiu, de repente, alarmado.

— Vem immediatamente até em casa, Carlos! Chegou tua garrafa!

E Margaret desligou o apparelho.

•

ELLE não soube como se dirigiu á sua casa. Viu-se, de repente, recostado em sua cadeira, perto da estufa. Margaret falava novamente. Dizia:

— Chegou a garrafa de champagne, Carlos. O homem está á tua espera, ahi fóra.

Carlos Maynard parece espantado. Ella continuou:

— Não te lembras, querido, da nossa champagne, que pediste hontem?

Elle tinha o rosto branco ainda de pavor. Uma lagrima correu-lhe pela face.

Subito, Margaret tudo comprehendeu. Sua voz tão suave como sempre:

— Agora comprehendo, querido. Tu pensaste que eu me referia á outra garrafa... e... tinhas medo. Essa chegou ha um anno, Carlos. Trouxe-me um pescador até aqui, como tu o pedias. Que não teria ganho esse pobre homem si, em vez de bom e desinteressado, houvesse sido máo e ambicioso?

Margaret fez uma pausa, e proseguiu:

— Eu li a mensagem e perdoei tudo. Mas — aqui havia um pouco de triumpho em sua voz — não pude resistir á tentação de castigar-te... com tua propria consciencia. E' um castigo um tanto original, não te parece?... Castigo engarrafado...

— Si não beberes mais, ainda poderás chegar aos oitenta annos.

— Receio que já seja tarde.

— Por que?

— Porque já tenho oitenta e um.

O TAPÊTE SALVADOR

(LENDA TURCA)

HA muitos seculos, o sultão de Constantinopla, acompanhado de seu filho e rodeado de brilhante escolta, foi visitar o paiz dos kurdos. Um dia, chegaram aos arredores de um povoado, onde acamparam. Era dia de feira, e as lojas e as ruas estavam cheias de gente que comprava e vendia cavallos, carneiros, fructas, fazendas e magnificos tapetes de curiosos desenhos fabricados no paiz.

O principe viu uma joven bellissima, e immediatamente ficou apaixonado por seus encantos. Falou com ella longamente, e depois foi communicar ao sultão seu pae que queria casar com aquella moça.

— Meu filho — respondeu-lhe o sultão — estás louco? Casar-te com uma miseravel aldeã? Precisas saber que te prometti á filha do pachá mais rico de meu imperio.

Foi tudo inutil. Tanto e tanto insistiu o principe, que o sultão, pae emfim, acabou cedendo, e mandou que levassem a joven camponeza á sua presença.

— Sei que tu e meu filho vos amaes — disse elle á moça. — Acceito-te como nora.

— Senhor — replicou ella, perguntando: — que officio tem vosso filho?

— Que dizes? — exclamou o sultão, sorrindo. — Que tem a ver officio, tratando-se do filho de um rei?

— Eu não sei o que é isso. Apenas vos direi que, si vosso filho não tiver officio, não me casarei com elle.

Como não houve maneira de fazêl-a mudar de idéa, o principe resolveu aprender um officio, e, ao regressar o rei com seu séquito á capital de seu imperio, o joven principe ficou entre os kurdos para estudar uma profissão qualquer.

Dedicou-se a tecer tapetes, e, como era intelligente, não tardou em chegar a ser um habil operario.

A joven camponeza consentiu, então, em ser sua esposa.

Foram os noivos para Constantinopla, e alli se casaram com toda a pompa. Sete dias seguidos duraram as festas das bodas principescas.

Decorreu algum tempo, em que o joven casal era summamente feliz. Mas, um dia, ao sahir a passeio pelos arredores da cidade, o principe soube que, em determinado logar, havia um restaurante onde se cozinhava como em nenhum outro ponto do reino.

O principe, que era curioso, quiz verificar a veracidade da noticia, e dirigiu-se ao restaurante em questão.

— Serve-me — disse ao *garçon* — o melhor que haja na casa.

Foi introduzido na sala reservada aos freguezes importantes, e serviram-lhe, então, esquisitos manjares.

De repente, notou que a mesa e a cadeira em que estava sentado começaram a descer como que tragadas pela terra. E, antes que pudesse reagir, se encontrou em uma masmorra, na qual a luz do dia apenas entrava por estreita abertura.

Quatro ou cinco bandidos armados de afiadas cimitarras lançaram-se para elle. O principe, sem perder seu sangue frio, lhes disse:

— Nada lucraes matando-me. Tomae todo o ouro que tenho e conservae-me com vida. Aqui posso tecer tapete, que vendereis a bom preço.

Os bandidos serenaram-se, acceitando a suggestão. Procuraram os utensilios necessarios, e os entregaram ao principe, que começou a tecer um tapete. Graças a seu officio, conseguira salvar sua vida.

Na côrte, a inquietude, a angustia foram grandes pelo não regresso do principe. Foram mandados emissarios e tropas a toda parte, á procura do principe. Mas, como este, em suas pequenas excursões, se fazia passar como rico mercador, ninguem dava uma informação segura a seu respeito.

Entretanto, o principe continuava trabalhando em sua masmorra, onde, de vez em quando, via descer do tecto nova victima, que no mesmo instante era degollada e despojada de suas joias e dinheiro. Ao cahir a noite, aquelles bandidos tiravam o cadaver do subterrâneo e o atiravam ao rio.

O pobre captivo não levantava a cabeça. Apenas descançava algumas horas sobre um monte de palha, e de dia, como de noite, não cessava de tecer um precioso tapete.

A lembrança de sua joven esposa, de sua familia, de seus amigos, das commodidades e luxos de seu palacio o fazia soffrer cruelmente. Mas então se dedicava com mais ardor ao trabalho, e pensava em seu segredo — um segredo no qual puzera toda a sua esperança.

Após seis mezes de prisão, o filho do sultão havia terminado um precioso tapete, onde puzera toda a sua arte e bom gosto. Era um trabalho admiravel, onde, dissimuladamente, e formando desenhos, bordara seu nome e varias palavras que indicavam sua situação e o logar onde estava prisioneiro. Tudo isso de fôrma que não pudesse chamar a attenção de gente tão pouco illustrada como os bandidos.

Ao entregar o tapete áquelles foragidos, o prisioneiro lhes disse:

— Eis aqui um trabalho que vale muito. Ide vendei-o a algum grande senhor, ou melhor, ao sultão, que é um dos poucos que podem pagar uma obra como esta, e não a deixeis por menos de cem escudos de ouro.

Os bandidos, disfarçados de mercadores, levaram o tapete para a capital, onde tanto chamou a attenção, que o sultão, fazendo-o levar a seu palacio, o comprou pelo preço que por elle pediam os falsos mercadores.

Poucos dias depois, a joven esposa do principe, examinando o tapete, exclamou, assombrada:

— Aqui ha uma inscripção!

Em pouco a decifravam e, com espanto, leram o nome do principe e as indicações que elle bordara na sua obra.

— Foi elle! — exclamou a inconsolavel esposa. Foi elle quem teceu este tapete. Conheço a factura de meu paiz, onde aprendeu a tecer. E elle nos chama, e elle nos pede que vamos em seu soccorro.

Um irmão do principe lembrou-se que lhe ouvira dizer, no dia de seu desapparecimento, que ia experimentar a comida famosa de um restaurante, cuja situação coincidia com os signaes que se viam no tapete.

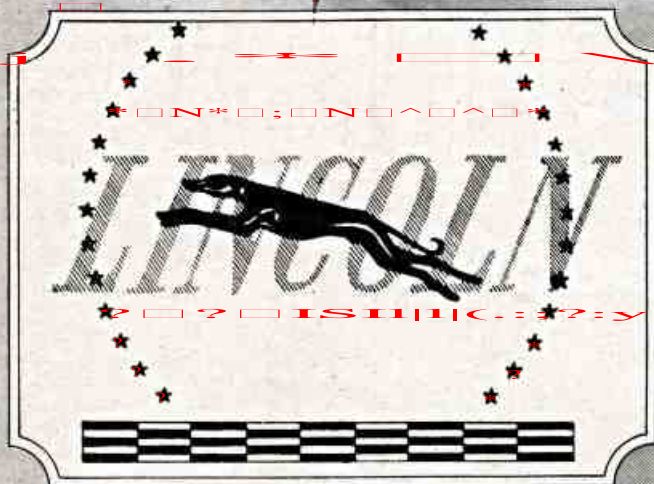
— Sim, elle deve estar alli! — exclamou o sultão. Corramos a salvar meu filho!

Immediatamente, organizaram-se forças de soccorro que foram mandadas para o local indicado. Os soldados forçaram as portas e chegaram á masmorra, onde encontraram o principe.

O povo acclamou o sultão e seu filho assim libertado, e entre applausos delirantes fez sua entrada triumphal na capital o principe desapparecido.

— Esposa querida — exclamou o principe, ao abraçar sua gentil companheira. — Devo-te a vida: o trabalho que me ensinaste foi a minha salvação. Salvou-me do desespero, da loucura, da morte, e hoje, graças a elle, sou livre e feliz.

E emquanto os bandidos eram justiçados e condemnados a pagar com a vida os crimes commettidos, o povo celebrava o regresso de seu joven senhor com grandes festas e regosijos.

Lucius.

LINCOLN
Este
emblema
significa
a
ultima
palavra
em
automobilismo

JAYME SANT'IAGO (Pernambuco) — Aqui vae a sua carta. Ella deve provocar muita cocega aos poetaes d'agua doce do... Capiberibe...

Publico-a para que elles fiquem zarôlhos...

"Meu carissimo Yves. Em um dos numeros do "Fon-Fon", eu fui, por você, se não me engano, intimado a tratal-o familiarmente.

Louvado seja Deus, que ainda há, á face da terra, alguem que prega a fraternidade entre os... homens!

Por isso, de hoje por deante, quando eu lhe escrever, terei o cuidado de o fazer sem monoculo nem polainas brancas... (Você não se admire disto, meu caro, por favor, mas, eu sempre gostei de respeitar as caras, mesmo á distancia...)

Sempre é melhor fazer assim do que como faz o snr. Yves, que, de todas as suas agudissimas ironias, a mais fina deve ser, sem duvida, aquella de elle receber, prometter de publicar e dar destino, mais ou menos ignorado, aos nossos presadissimos versos de tantos sacrificios.

Ahi está, porque, agora, em vez de versos, eu lhe mando umas paginas de prosa.

Pelo menos, o insulto é menos "logar-commum", não é?...

Para terminar, eu lhe quero avisar que o seu nome continúa como de sempre: invejado pela mediocridade (cada vez, mais espantosa) de nossa santa terrinha, mas, adorado pelas garotas modernas.

Que optima chave-de-ouro, hein, "seu" Yves?

Isso contado ninguem acredita...

Disponha do seu creado:

JAYME DE SANT'IAGO"

Agora, as respostas que lhe devo:

1.° — O sr. é injusto quando declara que deixo os seus versos no esquecimento. E' possivel que haja extravio, numa multidão de trabalhos destinados ao mesmo fim. Mas não ha nisso má vontade. De resto, eu o considero um poeta de merito — da estirpe desse grande artista que é Esdras Farias, e que aqui no Rio é tão admirado nos circulos literarios.

Esdras Farias é um dos maiores poetas do norte; e muitas são as opiniões abalisadas daqui que assim o julgam. Lembranças ao nosso confrade.

2.° — A sua collaboração em prosa já foi entregue ao secretario, com a minha recommendação. Fica á espera de espaço. Bem sabe que o nosso semanario não comporta maior numero de producções, além do que damos semanalmente. E a avalanche de collaborações é assoberbante. Recommende-me aos poetastros que ahi me desancam a pelle nos cafés. Diga-lhes que a cesta aqui accommoda muita gente... mediocre...

Relativamente ás garotas, espero que ellas continuem cada vez mais bonitas. — Amen.

GAROTINHA (S. Paulo) — A sua cartinha tem um caracter muito intimo. Quasi confidencial, só interessando a minha pessôa. Poderia servir-me do endereço que me dá para lhe escrever particularmente. Mas, francamente, como v. ex. se expressa numa linguagem familiar, estylo authenticamente domestico, acontece que eu teria de ser ridiculo, si lhe respondesse no mesmo tom — mas num caracter de "irmãozinho mais velho", de "priminho", de "amiguinho", de "bocosinho", de "bobinho", cuja carta seria lida, relida, fiscalizada, censurada, con tada, pesada, medida, em conselho de familia, entre "ohs!" de admiração, "uis"!, de sobresalto, a uma phrase mais lyrica, e "ahs!... de enternecimento, quando num *post scriptum* respeitoso e innocente, lhe enviasse "um beijinho na frontesinha sonhadora".

Esses diminutivos são muito do estylo de v. ex., do qual não se pode dizer que "é um marmore divino com estremecimentos humanos", á maneira do Eça, mas tem caramellos de ternura platonica misturada com pó de rapadura literaria...

Eis porque lhe respondo aqui mesmo, nesta pagina irreverente de "Saibam todos..."

Lá vae...

A — Disse que v. ex. só tem dezeseis annos, porque é falta de educação achar que uma senhorita está em uma idade mais alta.

B — Brevemente irei a S. Paulo. Nesse dia darei o pulo (mas olhe que não sou gato, nem sapo) á sua chacara, que fica perto da capital...

C — Não conheço o coronel João Alberto, senão de photographia. Admiro-o muito, sim.

D — O seu album está á sua disposição. Mas não são muitos os nomes que nelle figuram. E' difficilima essa colheita.

E — O meu romance "Uma garçonne carioca" deve estar na rua por todo o mez de junho. Paciencia.

F — Agradeço-lhe a lembrança carinhosa que teve de rezar por mim na quinta-feira santa. Tambem eu peço ao bom Deus que a torne cada vez mais bonita do que é, pois nas photographias que me enviou já me dá a impressão de ser uma bellezinha. Gostou?

G — Obrigado pela copia da oração que me offerece a qual, por não ser eu egoista, dou aqui na sua integra, respeitando, o original. Eil-a:

ORAÇÃO A VIRGEM DO CARMO

O' gloriosa Virgem e Senhora do Carmo, do meio dos vossos dias gloriosos, nos vos supplicamos: não esqueçaes as tristezas da terra, lançae um olhar de bondade sobre os que não cessando de banhar seus labios nas amarguras da vida, soffrem e luctam contra tanta difficuldade. Senhora do Carmo, tende piedade daquelles que se amavam e que infelizmente se viram separados, tende piedade dos corações que triste vivem no isolamento tende piedade da fraqueza de nossa fé e confortae-nos, como objecto de vossa ternura. Senhora, ainda uma vez, compadecei-os daquelles que choram suas faltas e seus pesares, daquelles que pedem pela sua necessidade, daquelles que tremem pela approximação do mal e principalmente daquelles que sendo christãos dominados pelo orgulho, pretendem desconhecer os direitos da Egreja de vosso Filho. Novamente vos pedimos, Virgem Soberana dae-nos uma fé esclarecida uma esperança sincera e uma paz perfeita.

Assim seja. — Francisco Bispo Diocesano.

BONINA (3) — Preliminarmente, devo declarar a v. ex. que o pronome *vós*, para mim, é um pronome que cheira a môfo e a repartição publica.

Cheira a môfo por me recordar coisas antediluvianas, como a saia balão, as anquinhas e o côque. Cheira a repartição publica, por que é o pronome usado na linguagem official.

Implico com esse tratamento.

Si v. ex. é minha camarada, faça o favor de me chamar — *tu*. *Tu*, simplesmente. Aqui, é á vontade: é Yves para cá, Yves para lá, Yves *á tors et á travers*... O *vós* me deixa tão desageitado, com a sua solennidade, como si eu fosse obrigado a ir a um baile de casaca e chinellos de trança...

V. ex. já experimentou a sensação de ir a uma festa sem rouge, ou com uma toilette Patou e tamancos... sem meia? Pois o pro-

nome *vós*, para mim, equivale a esse constrangimento.

Por favor, excellentissima senhora dona *Bonina!* Ponha o *vós* na cesta de papeis!

"Illmo. Sr. Yves. As melhores Leiamos a sua missiva:

saudações.

Obrigado, muitas vezes obrigada pela animação com que alenta a minha intelligencia, tão altamente classificada, em vosso conceito literario e pela sciencia dos vossos conhecimentos graphologicos.

Todos que privam comigo gostaram do meu retrato graphologico, apenas reclamam o "egoismo" tão fortemente pronunciado, e tambem quanto ao appetite gastronomico.

Quanto ao meu trabalho futuro é bem provavel que a vossa gentileza me faça corajosa para merecer novamente a vossa attenção.

O meu pseudonymo "Bonina" veio modificado, negando desta fórma, os janeiros que são em demasia para Bambina; mas, impressionou-me tanto a distincção da vossa resposta, que achei a troca interessante. Muito grata, — *Bonina*."

Adeante, v. ex. **interroga:** "Qual o traço terrivel do ciume?" Resposta:

Eu já estava certo de que v. ex não gostaria do meu estudo graphologico — justamente porque elle revelou os dois traços fundamentaes da sua personalidade: um, de ordem physica, outro, de ordem psychica. Isto é, — comer muito e ser ciumenta.

Imagino o que acontece. Ao lêrem a sua graphologia, os seus intimos disseram, numa gritaria:

— Olhem aqui.... O Yves é um sujeito perigoso. Descobriu a glutonice e as ciumadas da *Bonina*.

— E' verdade — dirão outros. Logo os seus traços caracteristicos...

E v. ex., encabulada, deve ter dito, com ar superior:

— O Yves? Oh! Pobre diabo! E' um idiota! Dizer que como muito! Eu, que como menos que um passarinho! Ciumes! ... Que sou um anjo! Vê lá si dou essa confiança a quem eu quero bem!

No emtanto, *D. Bonina*, tenho certeza de que v. ex. é glutona e ciumenta em excesso. Pelo menos, é doidinha por doces; e, em materia de ciume, é capaz de estrangular um cidadão.

Os signaes que revelam esses traços são:

1º — o ciume. — Letra fina, ornada de curvas doces, em forma de *crochets* reentrantes e muito ponteagudos; 2º — glutonice. — Os mesmos traços, numa letra ligeiramente *gorda* nas suas curvas, onde a penna se applica com mais energia, denotando: *capricho e sensualismo requintado*.

Si isso não fôr verdade, eu corto o meu pescoço com uma faca bem céga.

VIOLETA GRIS (R. G. do Sul) — A sua carta me põe deante dos olhos uma creatura timida que ensaia os seus primeiros passos na poesia.

Escreve v. ex.:

"Sr. Yves. Saudações. Junto a esta, envio-lhe o meu primeiro soneto, que foi feito, no dia 15 de Dezembro ultimo, quando deixei o internato.

Ainda não disse a ninguem, que fiz uma poesia.... Quasi a mostrei a papae, mas tive receio, que elle zombasse de mim; e então, depois de muito pensar resolvi mandal-o ao Sr., para que me desse a sua opinião e me dissesse si devo ou não continuar....

Queira Deus, que diga que sim, pois gosto tanto de poesias, e a sentença de V. S. que julgo um, grande critico, me arrancaria lagrimas de tristezas.

Si elle estiver errado, mal feito, diga-me porque, que eu hei de fazer tudo para corrigil-o, e hei de bendizer-lhe sempre, ser compassivo para comigo.

E um grande favor Sr. Yves, do qual lhe serei sempre devedora.

VIOLETA GRIS"

Depois, vem o soneto.

Isso me faz suppôr (ia dizer: me faz temer) que o feminismo acabará invadindo os dominios dos poetas d'agua doce.

Quando isso se dér, terei que achar muita graça no conflicto que se ha de travar entre "ellas" e "elles".

E o mais curioso é que, luta daqui, luta dali, e, de repente, — eis que o *bôlo* vae cair na cesta. Resultado: as damas appellarão para a "fragilidade do sexo"; os marmanjos gritarão convencidos: "A cesta se fez para todos.... Os direitos são eguaes...." E outros argumentos semelhantes.

Mas, fóra de brincadeira: a literatura, Mlle.*Violeta Gris*., não é jardim nem logar para *sensitivas*... Quem se dispõe a escrever para o publico, tem que se submetter ao que elle quer. Não vê o meu caso? Recebo aqui de tudo que os leitores entendem: elogios, desafôros, ironias, chalaças.... Tinha graça que a literatura possuisse o seu palanque destinado ás "jeunes filles", medrosas da critica irreverente, ou que tivesse um recanto florido, povoado de archanjos e de fadas, e onde só vicejassem as mimosas pudicas, os cravos, as rosas, as violetas...

Não, mlle. As senhoritas que não têm coragem de arrostar com a responsabilidade das suas tentativas literarias, devem aprender a bordar, a tocar piano — valsas, sambas, foxs, etc: — a pintar, a cozinhar e até mesmo a ler e escrever. Mas, tentar a poesia—"jámais de la vie!"

Emfim, depois de tudo isso, quero ser sincero, accentuando que v. ex. é capaz de fazer lindos versos. Ao seu soneto *Pedindo em vão*.... o que falta é um pouco de technica. Os alexandrinos não estão perfeitos. Mas desde que os aprimore, que os cinzéle, como diziam os parnasianos, v. ex. terá produzido um soneto bem apreciavel.

O segundo e o terceiro versos do 2.º quartето estão sem harmonia; ao terceiro do 1.º terceto faltam o hemistichio e o necessario rythmo. As rimas em *iga* (*fadiga, bemdiga*...) e as em *inho* (*caminho, sosinho*...) produzem uma certa monophonia no soneto, o que é preciso evitar.

O resto — já sabe—é melhorar, aperfeiçoar e pôr talento no meio — que é o que sobra na sua linda cabeça de gaucha.

MARIA DULCE (Capital) — Quem ? Eu? Deus me livre! Nunca mais trabalharei em favor de escriptoras, de poetisas, ou o que fôr lá. Estou cheio de ingratidões. Ellas só querem — "o venha nós". Vosso reino — nada. **Depois**, quando nos encontram na Avenida, fingem que não nos conhecem.

Até me dá vontade de plantar-me deante dellas, e recordar com um sorriso marôto: "Moça, não faça isso. Eu sou aquelle "camelot" que tanto trabalhou para que v. ex. se tornasse conhecida. Dê-me a graça de um "bom dia"'...

Mas o diabo é que tambem sou de um orgulho de bronze...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Salada todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON - FON — 16-5-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 20

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 16 de Maio de 1931

Minha terra, minha saudade...

Longe
da vista...
E, no emtanto,
tenho-te, sinto-te no
coração, minha terra dis-
tante, doirada de sol e vesti-
dinha de noiva para delicia e en-
canto de meus olhos sempre ena-
morados de ti! E sempre cheios
da tua saudade... Da indefinivel
saudade com que te acaricio de
longe, a distender a lamina illuminada e enternecida da minha retina para o recorte prateado das tuas praias brancas, pontilhadas de dunas, embaladas pelo rythmo desordenado de teu mar bravio e verde e pela canção de melancolia dos teus coqueiraes farfalhantes; para o azul esfumado das tuas serras ou para as varzeas frescas e os campos agrestes do teu sertão adusto... Meu coração... Meu coração é uma miniatura viva e palpitante de ti propria, minha gleba natal. Uma transubstanciação da tua angustia, da tua dor e da tua gloria. Floresce comtigo e comtigo se transmuda em terreno sáfaro e maninho sempre que lhe falta a gotta dagua fresca e confortante que te fecunda o seio feraz e faz cantarem as fontes da tua vida, as mésses dos teus celleiros fartos, a alegria dos teus lares. Meu Ceará! Revejo-te em maio. E és, todo, um immenso pasto floral da primavera. Teu sertão tapetiza-se faustosamente com o velludo verde dos teus relvados. E corôa-se de flores. E espalha por toda a parte a imponderavel e olente volupia que se desprende das entranhas dolorosas da tua gleba fecunda, através dos braços, abertos em préce, da tua vegetação soffredora. Maio em flor. Em flor todo o meu sertão. Em flor a capellinha humilde e branca, cheia da tua gente simples e bôa. Tão simples e tão bôa que ainda sabe rezar, que ainda sabe crêr, e que se entrega, religiosamente, ao culto e á devoção de Nossa Senhora, Rainha do Céo, Mãe de Deus e tambem de nós os homens que nos habituámos, de pequeninos ainda, a amál-a e venerál-a através das préces commovidas de nossas mães na terra... Dlim... Dlim... Dlim... Dlão... Dlão... Bimbalham festivos, os sinos da capellinha humilde e branca do meu *natio borgo selvaggio*. E dentro de mim, no campanario emocional da minha inquietação interior, tambem bimbalham os sinos da minha saudade, a exaltarem em ti, minha terra a gloria da fé dos teus filhos e da dor que te rasga as entranhas para o parto floral da tua fecundação quando maio derrama sobre ti o incenso e a myrrha do seu suave e santo mysticismo.

ELCIAS LOPES

Arvore do Bem e do Mal

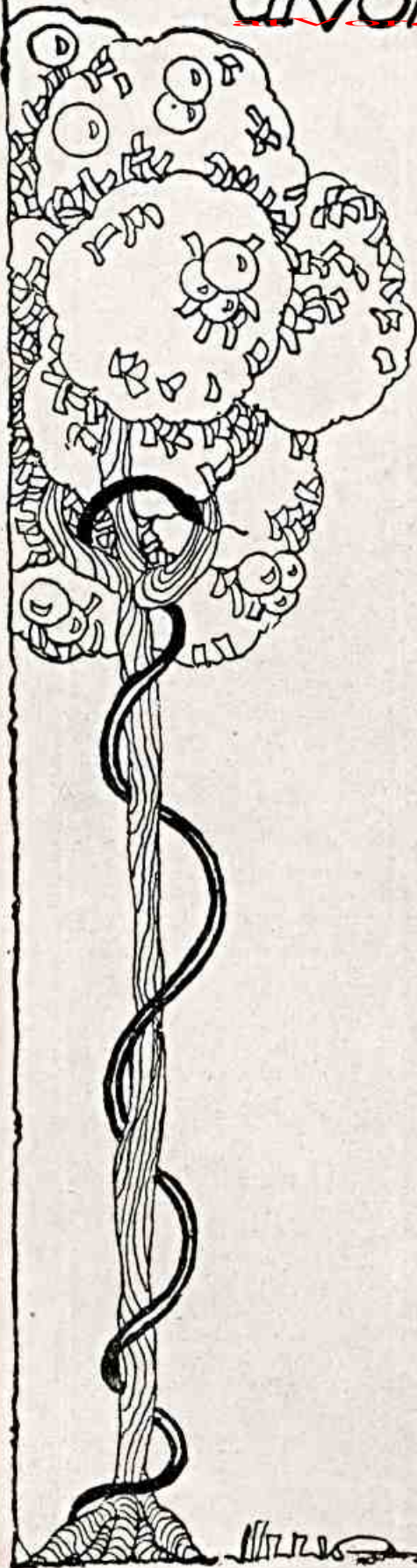
Claudio França

A arte é tudo

A idéa da superioridade da gloria literaria sobre quaesquer outras, da primazia absoluta do espirito na lembrança dos porvindouros foi admiravelmente interpretada por Eça de Queiroz ao prefaciar o livro dum amigo, quando disse que: "A arte é tudo — todo o resto nada. Só um livro é capaz de fazer a eternidade de um povo." E quando indagou: "Podes dizer-me quem fôram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres?... Podes dizer-me quaes eram os ministros em 1856, ha apenas 30 annos, quando Gustavo Flaubert escrevia Madame Bovary?"

O Eça bebeu essa idéa magnifica nas Minhas Memorias de Dumas Filho, na pagina em que o creador da Dama das Camelias enfileira estas perguntas subtilmente maldosas: "Quem era ministro na Inglaterra no anno em que Shakespeare fez Othelo? Quem era gonfaloneiro em Florença no anno em que Dante compoz o Inferno? Quem era ministro do rei Hieron quando o autor de Prometheu veiu pedir-lhe asylo? Quem era archonte em Athenas quando o divino Homero morreu numa das ilhas Espóradas?..."

A quantidade constante — Shakespeare, que está no periodo do Eça e nas interrogações de Dumas Filho demonstra de onde veiu a scentelha dessa idéa luminosa. E' das Memoires d'Outre Tombe que ella partiu para se espalhar por outros livros e outros espiritos. Referindo-se ao famoso Congresso de Verona, do qual fizéra parte como representante da França em 1822, Chateaubriand, passando por aquella cidade dez annos mais tarde, faz a lugubre chamada mental dos que o tinham composto: os imperadores da Russia e da Austria, os reis de França, da Inglaterra, da Sardenha e de Napoles, o Papa, os duques da Toscana e de Montmorency, Canning, Gentz, Bernstorf, Gonsalvi, de Serre, d'Aspremont, Tolstoi, Neipperg. E, para todos, uma unica resposta lhe cáe dos labios: morto! Depois, diz elle: "Si tantos homens, que constam, como eu, dos registos do congresso, se inscreveram no obituario; si povos e dynastias reaes pereceram; si a Polonia succumbiu; si a Espanha de novo se anniquilou; si fui a Praga procurar os restos fugitivos da grande raça que representei em Verona, que valem as coisas da terra? Ninguem se lembra mais de nossos discursos em torno da mesa do principe de Metternich; mas, ó poder do genio! nenhum viajante jamais ouvirá cantar a cotovia nos campos de Verona sem se lembrar de Shakespeare."

Eis ahi, no grande mestre do Genio do Christianismo, o ninho da inspiração dos dois celebres escriptores de França e Portugal. "A arte é tudo — todo o resto é nada."

FAIANÇAS

VAIDADE FEMININA

NÃO é uma arte facil definir as mil e uma gradações da vaidade feminina. Ella varia ao infinito.

Ha mulheres, por exemplo, que são modestas para que assim a sua vaidade tenha o realce da singeleza. Pode ser isso um paradoxo. Mas, no fundo, não deixa de exprimir uma fórma de coquetteria, na mulher.

Stendhal, si não estou em erro, disse, uma vez, que a mulher ama o luxo dos vestidos, não para agradar ao esposo, mas para melhor ser admirada e cortejada. E accrescenta: "Essa é, aliás, a origem de todas as desventuras nos lares desgraçados, da ruina total de muitas coisas felizes e agradaveis".

Pode ser que não tenha sido o psychologo de *Le rouge et le noir* o autor desse conceito amargo. Elle, porém, define bem as creaturas de saia, sob esse ponto de vista.

Quando uma mulher chora, é tão vaidosa como si estivesse sorrindo a uma multidão de admiradores. A *Moura torta* é o symbolo mais perfeito da vaidade.

Lembram-se da *Moura torta?* Era uma mulher velha e horrenda, um Quasimodo de saia.

Deformada, cega de um dos olhos, certa vez, estava ella trepada em uma arvore, á margem de um rio manso.

Em baixo, *Branca de neve*, que era linda e joven, andava perdida naquellas plagas. A sua imagem se reflectia á flor dagua.

Moura torta, suppondo ser sua aquella imagem, perguntava a todos, enlevada: "Haverá outra mulher mais linda do que eu?"

Pois bem. Em toda filha de Eva ha um pouco dessa *Moura torta*...

No commercio existe uma classe de homens que são excellentes psychologos: os caixeiros de casas de calçados.

Quando lhes entra no estabelecimento uma *Moura torta*, elles adivinham que ella pretende ser dona de um pé minusculo — um pé de Cinderella — a gata borralheira.

Então, que fazem elles?

Si ella affirma: "Eu calço 34", elles se admiram, e exclamam: "Não é possivel!"

— Por que? — indaga a *Moura torta*, insultada.

— Porque o seu pé, segundo a medida ingleza, é 32...

Ella sorri, envaidecida. E a freguezia está conquistada para sempre...

Agora, quando as senhoritas forem comprar sapatos, reparem si não é assim que elles agem...

Apenas eu quero suppor que só tenho leitoras lindas e intelligentes...

Até sabbado.

Yves.

— A de prato diz:
— Não sorrirei...
A amiga declara:
— E eu não me poderei conter...

Visões do Novo-Mundo

PORTO DA SILVEIRA, nosso confrade de imprensa e escriptor de méritos consagrados, dentro e fóra do paiz, estava, ha cerca de dois annos, por assim dizer, divorciado da literatura, a que sempre emprestára, brilhantemente, os fulgores de seu espirito irrequieto. Tendo sido, até o advento da Nova Republica, official de gabinete da presidencia do Paraná e delegado geral daquelle Estado para a propaganda do matte nas Americas Central e do Norte, esse nosso confrade volta, agora, depois de longa ausencia, á actividade intellectual, reassumindo seu antigo posto de redactor do "Jornal do Brasil" e escrevendo artigos literarios para outros jornaes e revistas desta capital e dos Estados.

Porto da Silveira, que é autor de tres bellos livros — "Caminhos da Felicidade", "Arte de Vencer" e "Alma e Coração" — tem em preparo dois outros, inspirados nas suas recentes viagens á Europa e aos Estados Unidos, e que apparecerão brevemente: "Visões do Novo Mundo" e "Visões do Velho Mundo".

E' do primeiro desses livros, cujo successo de antemão se póde assegurar, dadas as qualidades de estylista e o prestigio do nome de seu autor, a pagina inédita que aqui publicamos, e que Porto da Silveira escreveu especialmente para FON-FON, onde conta velhos amigos.

NEW YORK. A estatua da Liberdade. E, ao fundo, semelhante a uma montanha de granito e aço, os *sky-scrapers*. *Down town*.

Esta, a primeira visão do Novo Mundo.

Os olhos latinos, desacostumados da magnitude daquelle espectaculo, mal se embevecem, porque se escandalizam.

Mas, a America do Norte não differe do velho continente apenas na feição da sua architectura.

Pioneira de civilização diversa, a patria de Washington é um immenso mosaico onde o caldeamento de multiplas raças não impediu a formação de uma nacionalidade marcada por traços inconfundiveis.

O commercio, as industrias, a vida social são, nos Estados Unidos, differentes do que se observa nos demais paizes.

Desde as *chains* ao divorcio, tudo alli contrasta com os processos da antiga civilização. E a realidade americana impressiona profundamente, mesmo aos espiritos mais scépticos.

O vulto incommensuravel dos negocios e o fragor estranho dos seus *cracks* estarrecem.

Manhattan — Bronx — Brooklin — Queens — e Richmond, interligados pelas maiores pontes do mundo, transformaram um archipelago numa das maiores cidades do Universo e naquella cuja densidade de população é mais intensa.

Wall Street, uma das menores ruas da capital economica da terra, é a grande cathedral onde o deus *dollar* tem o seu altar e os adoradores do seu poder invencivel se prosternam.

Formidavel colmeia humana vive, lucta e morre na mais agitada das existencias.

Oito milhões de seres congregados alli exercitam todas as actividades no mais inquieto labor.

E, todavia, nesse inferno dourado, nessa formidavel officina de multiplos e complexos esforços, nessa terra de gigantescas proporções, onde, não raro, o sol nasce para todos, porque ha logares onde os seus raios não attingem devido á sombria projecção dos altissimos predios circumdantes, a felicidade tem seu pouso.

A razão desse paradoxo está em que os *demonios* que alli vivem, enfurnados naquella montanha de granito e aço, só não sacrificaram a sua independencia mental.

O norte-americano tem a volupia da vida que faz rebrilhar ao clarão da alegria que lhe illumina a alma.

Dr. Porto da Silveira.

O optimismo, a confiança e o bom humor são as faces do triangulo basico sobre o qual erigiu a sua propria ventura.

Dividindo os dias scientificamente entre o trabalho, a diversão, o sport e o repouso, renovaram, de modo pratico, o preceito latino — "*mens sana in corpore sano*."

Indifferentes á banalidade dos preceitos, alheios á insinceridade e á hypocrisia, elles se mostram taes como são e vivem como melhor lhes agrada. Os fracassos não os intimidam; os successos não os tornam orgulhosos!

A esperança, que nós só conhecemos fingidamente, elles a objectivam na *chance* que quasi nunca falha.

Senhores de intenso progresso, realizaram a perfeita igualdade dos sexos, de tal modo, que a sua vida social em nada se parece com a de outros povos.

No gozo da plenitude dos seus direitos, a mulher americana tem personalidade e independencia.

O homem não é, para ella, uma necessidade indeclinavel, um apoio, um arrimo ou um cajado.

Ella o admitte, e naturalmente o deseja, como um companheiro, um amigo, ou um socio.

A tyrannia do sexo forte é, alli, um mytho, e si alguma tyrannia existe, é exactamente a do sexo fragil, que, embriagado pela volupia da liberdade e usando das armas que lhe são peculiares e exclusivas, domina, sem contraste.

Não ha exaggero em dizer que a America do Norte é o paraiso da mulher.

E' bem verdade que as filhas de Eva não são alli figuras de *biscuit*, nem como tal tratadas. Exigem-se-lhes cultura, trabalho, producção. Em recompensa, não se as tutela, domina ou esmaga.

E, certo, ellas preferem as contingencias do esforço proprio, aos rigores da submissão.

A estatua da Liberdade — presente da França — é bem o symbolo da mentalidade norte-americana.

PORTO DA SILVEIRA

Os medicos sobreviventes da turma de 1910, da Faculdade do Rio de Janeiro, reuniram-se sexta-feira penultima, nesta capital, para festejar o vigesimo anniversario de sua formatura, promovendo varias commemorações dessa grande data da sua carreira scientifica. Assim, fizeram celebrar, na manhã daquelle dia, na Cathedral Metropolitana, missa em acção de graças e por alma dos collegas fallecidos. O Conego dr. Benedicto Marinho, que officiou na ceremonia religiosa, fez, ao evento, commovente pratica allusiva ao acontecimento. A's treze horas, realizou-se, nas Paineiras, o almoço que a turma offereceu ao seu illustre paranympho, professor Miguel Couto, tendo fallado, em nome de todos, e saudando o homenageado, o dr. Ruy Carneiro da Cunha, a cujo discurso respondeu, agradecendo, o grande mestre da medicina brasileira. O professor Miguel Couto retribuiu a homenagem dos seus collegas de hoje e discipulos de hontem com uma recepção que lhes offereceu á noite, no palacete de sua residencia, á praia de Botafogo. A nossa pagina focaliza, no alto, um grupo tomado após a missa, na Cathedral Metropolitana, e, em baixo, dois detalhes do almoço das Paineiras.

O moço negociante parece que leu Marinetti e ficou impressionado com certas affirmativas do escriptor italiano.

Assim, capacitou-se de que um seductor de raça, munido de um bom automovel, póde tentar a conquista de todas as mulheres do universo...

Como estava convencido da sua qualidade de *seductor de raça*, tratou de adquirir um bello automovel para a realização do sonho de conquista de todas as mulheres, não do universo, mas desta immensa capital eternamente aquecida pelos raios solares.

Si já era um typo perigoso alisando o asphalto das ruas, tornou-se uma especie de *barba-azul* trepado, muito solenne, no volante do elegante carro que possúe.

E vae atropelando como póde as mulheres que lhe passam ao alcance dos olhos, com uma cupidez digna de nota e até mesmo da attenção da policia de costumes, si esta existisse na terra carioca.

Mas, ao que dizem, o moço negociante não tem sorte...

As que têm subido ao automovel não valem a gazolina que elle consome em longas correrias pelas praias da cidade.

São *numerosas* conhecidas, que acceitam o convite para qualquer passeio de *taxi*, quanto mais em uma vistosa *machina*, no dizer dos paulistas.

Na falta de *taxi*, são mulheres que até de bonde são capazes de ir apreciar o feérico luar do Leme...

E, quando aconteceu pescar uma *garota succo*, como o outro dia, foi o que se soube... Marinetti não ensinou ao moço negociante que os conquistadores insolentes devem ter cuidado com a pelle...

Não está nos livros, mas elle agora sabe, por experiencia propria, que é coisa dolorosa um seductor de raça ser alcançado pela bengala do proximo, sentado, solenne, agarrado a um volante...

Que azar!

*

O joven medico está devéras atrapalhado com a insistencia da nova cliente.

O telephone toca, elle corre, e sabe que tem em seguida de attender ao chamado da interessante creatura que o persegue...

Em casa, onde o esculapio ainda goza da reputação de marido exemplar, não desconfiaram ainda da importuna cliente.

Mas, o nosso amigo teme alguma cousa de grave, si a doente persistir na mania de tocar o telephone a cada instante.

Tambem o principal culpado foi o clinico, que é demasiadamente carinhoso com as suas clientes...

Agora é aguentar firme, de cara alegre, sem tugir nem mugir, pois, somente com muita diplomacia, conseguirá escapar do cerco sem escandalo.

E si a esposa suspeitar de que existe algo de novo... na frente occidental, então estará inteiramente perdido.

Adeus, clinica domiciliar e demais arranjos do consultorio!...

LETRAS FEMININAS

Ernesta von Weber, que já publicou «O Brasil que eu vi», cuja segunda edição, a sahir brevemente, é o melhor attestado do enorme successo alcançado por essa obra de exaltação da nossa terra, vae dar-nos, agora, um novo livro, e este ainda sobre o Brasil, que a illustre escriptora se empenha, deslumbrada, em elevar e engrandecer com a sua luminosa intelligencia. «Figuras da Revolução», que apparecerá por todo este mez, fixa, vigorosamente, os perfis mais impressionantes da historica jornada de outubro ultimo, revelando a sua autora o mesmo espirito observador, a mesma agudeza mental, a mesma finura de estylo e o mesmo enthusiasmo pelo Brasil e os brasileiros que já sobresahiram nas paginas do seu livro anterior. Ernesta von Weber está de tal modo integrada no amor da nossa terra, que cada obra sua constitue, por assim dizer, um hymno glorificador das bellezas e das virtudes civicas deste paiz onde mora e onde floresce o seu brilhante talento. Por isso mesmo, «Figuras da Revolução», sendo um livro bem nosso, bem brasileiro, ha de ser, tambem, o depoimento exaltado de uma grande e sincera amiga do Brasil.

Teve o brilho que previramos, e que bem compensou os esforços de sua illustre directoria, a festa com que o Club Nacional inaugurou, no ultimo sabbado, a sua nova séde da rua do Passeio. A hora de arte que deu inicio á linda reunião foi um successo rutilante. Todos os numeros do programma receberam a consagração dos mais enthusiasticos applausos da fina assistencia que enchia o vasto e luxuoso salão da rua do Passeio, 40. Do baile, que se lhe seguiu, só se pode dizer que foi um deslumbramento, tal a animação, a alegria transbordante dos pares movimentando-se no harmonioso tumulto das danças. Esta pagina fixa dois aspectos da brilhante festa, de cuja belleza, entretanto, offerece, apenas, uma vaga idéa. Em cima, o dr. Pinto da Rocha, director do Club Nacional, apresentando á assistencia o galante grupo das «Patativas», que se vê militarmente formado na gravura de baixo.

FILIGRANAS

O poeta persa Ferid-Eddin, querendo exprimir a inanidade das nossas illusões, exclamou: "Não se constróem palacios sobre o mar." Mas se constroem imperios — responde-lhe a historia. E os que mais têm durado, no tempo ou nas memorias, faulhantes de riquezas e estuantes de gloria, são aquelles que se apoiaram no poder thalassocratico: Tyro, Athenas, Carthago, Veneza, Portugal, Albion.

Porque o mar é o paiz dos caminhos faceis e rapidos. Porque o mar communica e une os povos. Porque o mar faz circular as fortunas como circulam as suas correntes aquecedoras e fecundantes. Porque o mar é a maior fonte da vida no planeta. E, si o antigo vate persa visse os modernos transatlanticos, se envergonharia de sua phrase...

Dr. Rodolpho Josetti, o joven e notavel cirurgião brasileiro, que acaba de publicar a sua interessante e documentada memoria «Tratamento cirurgico da tuberculose pulmonar». A cura da peste branca pela intervenção cirurgica é uma das mais audaciosas conquistas da cirurgia moderna, de que o dr. Rodolfo Josetti tem sido o pioneiro entre nós. Membro effectivo do Collegio Americano de Cirurgiões, da Sociedade Allemã de Cirurgia e do Collegio Brasileiro de Cirurgiões, a sua opinião technica, theorica e pratica, sobre o assumpto, tem grande influencia no meio de sua classe. De maneira que ao seu trabalho, por todos os motivos, está reservado um exito invulgar, sobretudo porquanto ahi se revelam, profusamente documentadas, operações excellentes de thoracoplastia com resultados magnificos. Dessa memoria, que foi apresentada ao 2.º Congresso Pan-Americano de Tuberculose, constam 21 observações completas e documentadas, representando uma das mais ricas e perfeitas collaborações scientificas sobre a materia.

A noite vae passando...

Accendem-se os lampeões do arrabalde onde eu móro.
6 horas. Na montanha, a mansidão da tarde
parou em nevoa e ali ficou. O sol não arde.
Matou-o a noite, a solidão que eu tanto adoro.

Doce quietude, a do suburbio. A luz encarde
de luz flava o silencio. E o luar se faz sonoro.
Sob o luar um violão é um passaro canoro
junto a uma flauta bohemia em angustioso alarde...

O arruado onde eu móro está dormindo. Eu penso
Eu não durmo. Eu estou acordado, pensando...
Sou, comparando mal, uma espiral de incenso

velando a imagem viva e immaterial de um Deus...
Madrugada. Lá fóra, a noite vae passando,
mansa, devagarinho, igual aos dias meus...

ESDRAS FARIAS

Em baixo: dois detalhes photographicos dos preparativos para a festa inaugural da nova séde do Club Nacional. Figuras femininas que tomaram parte no programma da hora de arte que precedeu o grande baile de sabbado, ensaiando alguns de seus numeros sob a orientação do nosso confrade Fenelon Lima.

EURYCLES de Mattos...

Não é facil, numa simples nota apressada, synthetizar a acção dynamica desse homem, que era physicamente pequeno, mas gigante pela força e capacidade intellectual, como vulto de imprensa.

Simples de maneiras, accessivel, cavalheiro, captivante, na accepção da palavra, Eurycles de Mattos era uma personalidade que reunia excellentes qualidades de espirito e de caracter. Não o dizemos porque elle tenha fechado os olhos para a vida.

Entre nós, é habito endeusar os que se finaram, attribuindo-lhes virtudes que, muitas vezes, não possuiam. Não é esse o caso de Eurycles de Mattos. Nelle, — numa expressão de belleza moral — confundiam-se os predicados magnificos, para que sobresaisse, num bloco de perfeições, a sua individualidade brilhante. Como director do "O Globo", elle foi o homem de letras e o jornalista a quem nenhum facto literario ou problema nacional, ligado, directamente, aos interesses populares, era desconhecido.

Perdendo-o, não foi só o brilhante vespertino que se viu privado de um precioso elemento e de uma das suas forças vivas: a perda foi tambem para a imprensa brasileira.

O GLOBO

Eurycles de Mattos.

Roberto Marinho.

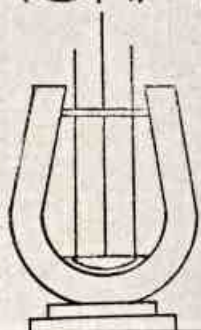
O desapparecimento de Eurycles de Mattos, de cuja operosidade e intelligencia "O Globo" se viu privado, de momento, deu logar a que se procedesse á escolha de um substituto daquelle grande jornalista. De prompto, um nome era indicado a todos: Roberto Marinho. Dahi a razão por que o nosso illustre confrade já se encontra á frente do grande vespertino, fundado por seu pae, Irineu Marinho. Joven embora, mas profissional competente, educado na escola de trabalho e de honra daquelle de quem herda o nome, o nosso collega é uma garantia da orientação e da execução do programma a que, até hoje, "O Globo" tem obedecido.

Accresce que essa escolha corresponde aos sentimentos e ás sympathias de todos os seus companheiros, que vêem em Roberto Marinho o chefe e o bom amigo dos que trabalham naquella casa.

*

Não menos feliz foi a escolha que recaiu sobre o nosso collega Costa Soares, para occupar as funcções de secretario d'"O Globo". Roberto Marinho teve um acto de flagrante justiça, confiando esse encargo ao brilhante profissional, cujos predicados de espirito e de alma são largamente conhecidos de todos os que mourejam na imprensa.

CANTARES...

HUMILDE OBLATA é o novo livro de versos da poetisa Else Mazza Nascimento Machado, do qual damos uma poesia inédita nesta pagina, e que será apresentado este mez, no salão da Associação dos Artistas Brasileiros, com a presença de Anna Amelia, Maria Eugenia Celso, Nestor Figueiredo, general Moreira Guimarães e outros vultos de relevo da nossa vida intellectual.

Meu ser inteiro vibra como um cantico!...

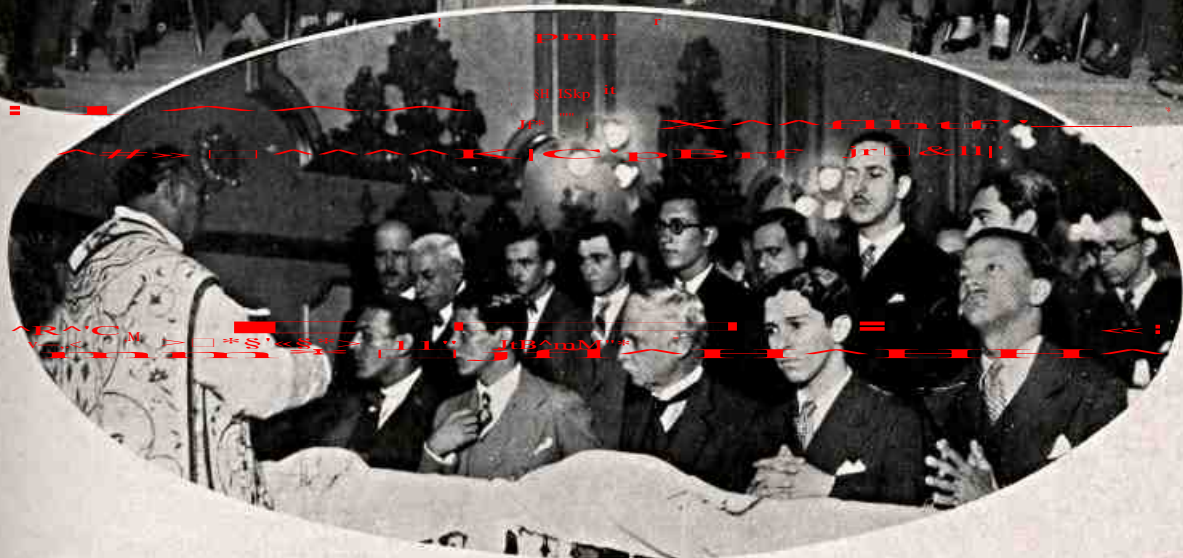
E' um cantico a minha fronte:
uma espontanea e fluente correnteza
de sons puros, os sons vindos da fonte
do bemdito idealismo a que estou presa.

Os meus labios são trefegos harpejos
de variações nervosas,
que no giro das horas soam marulhosas
ao contacto passional dos beijos,
e na pronuncia das palavras quentes
de amorosos motivos.

Os meus olhos de escuros ambientes
são os preludios suggestivos
da impetuosa e fremente orchestração
da minha interna vibração.

As minhas mãos trigueiras, mãos esguias,
combinadas em ageis movimentos,
são como requintados instrumentos
que executam as lindas symphonias
da arte, do sacrificio e do trabalho.

E são meus pés dois rythmos ousados
possuidos de energia e de inquietude,
que oscillam, sem cessar, sobre a amplitude
de magicos teclados,
nos caminhos do anseio e da esperança.

Meu ser inteiro vibra como um cantico!...
Um cantico de amor, de febre e de pujança;
que alegremente espalho
emquanto e quando
os marcos desta vida eu vou galgando!

A Sociedade Propagadora das Bellas Artes commemorou, sabbado á noite, em sua séde social, o centenario do nascimento de seu benemerito fundador, o saudoso architecto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, que foi, tambem, o creador do Lyceu de Artes e Officios e da Bibliotheca Popular, realizando em homenagem á sua memória uma tocante solennidade, de que a gravura acima offerece um detalhe.

A Paschoa dos Intellectuaes, que annualmente se realiza nesta capital, com a espontanea e expressiva adhesão de figuras de real destaque em nosso mundo intellectual e universitario, foi celebrada domingo passado, na Cathedral Metropolitana, por sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, que distribuiu a Sagrada Eucharistia a centenas de homens illustres pela intelligencia e pelo saber. Foi uma hora de tocante victoria para a Egreja Catholica brasileira essa alta demonstração de humildade e de fé dos nossos intellectuaes.

SABEDORIA

A única paz que se póde estabelecer entre os homens é a tolerancia. — Voltaire.

* * *

A comparação mais exacta que se possa fazer do amor é a da febre. Não temos maior poder sobre esta do que sobre aquelle, seja por sua violência ou por sua duração. — La Rochefoucauld.

ILLUSTRAÇÃO: PAVLO WERNECK

UM joven estudante chegou á cidade que nunca vira e foi residir em uma casa muito alta, a mais alta, no ultimo andar. Via de perto o grande disco do relogio da torre, todo um mundo de tectos e chaminés, e longe, o rio sulcado por vaporzinhos e as pontes sobre as quaes corriam uns trens pequenos. Tudo o que se movia no rio, nas pontes, nas ruas — todas essas coisas pareciam, daquella altura, pequenas como brinquedos. E, como brinquedos, eram graciosas. Que gente divertida, aquella que caminhava nas veradas! Senhoras, senhores, moças e moços, meninos, velhos, encurvados, erguidos, iam e vinham, andavam, corriam, paravam. Este cumprimenta um transeunte. Aquella senhora entra em uma loja. Uma joven dá uma moedinha a um mendigo. O velho senhor que caminha apoiando-se em um bastão tem medo de atravessar a rua. Um grupo de pessôas se comprime para tomar um bonde. Na esquina, um vendedor ambulante offerece aos transeuntes uns globinhos verdes. Um pequeno cavallo arrasta um coche conduzindo uma senhora com um chapéo vermelho...

Mas o homem não vive só de brinquedos. E um dia o estudante foi á leiteria em frente. O leite era *falsificado*. Em compensação, porém, a leiteira era uma joven e sadia mulher, que não tinha nada de falso. Suas fórmas apregoavam a bondade desse créme que os freguezes não encontravam no leite. O estudante, bebendo o leite fraco, olhava a mulher forte...

No dia seguinte, voltou á leiteria. Novamente, bebeu o leite fraco e novamente observou a leiteira. Antes de sahir, pediu-lhe que lhe trocasse uma nota. Ella lh'a trocou. Remexendo na caixa, disse algo sobre a eterna escassez de moeda. Elle procurou prolongar a conversação. Ella não o interrompeu. Afinal, o estudante sahiu. Mais tarde, porém, teve uma vontade louca de beber mais leite. Só leite. Como um bezerro. E' claro que havia outras leiterias na cidade. Mas aquella era a mais proxima. E como sabia que o tempo é ouro, atravessou a rua e ali ficou tres horas.

A' noite, despertou-se e, suspirando, virou-se na cama e pensou na leiteria, onde se achava aquella mulher de cabellos de oiro. E quando, no dia seguinte, entrou no estabelecimento, a linda mulher lhe pareceu mais linda do que nunca: o sol illuminava-lhe os cabellos de oiro e um floreiro com rosas escarlates. Ella cumprimentou o joven com um sorriso luminoso, e quando sua mão delicada apertou docemente a mão forte do rapaz, o estudante comprehendeu num momento o que se póde chamar paraiso, céo, felicidade... A encantadora mulher dizia-lhe que, no dia seguinte, que era domingo, poderiam os dois dar um passeio em um vaporzinho.

— Em um vaporzinho?

— Sim. Um vaporzinho todo adornado de verde, e onde haverá musica.

O moço revirou os olhos, e mur-

...UDANTE

...Jorge Szaniawsky

...murou: "A musica..." Ella continuava falando: dizia-lhe que se encontrariam ás cinco, no ponto de embarque, e recommendava-lhe pontualidade, porque "iria tambem um certo major...:" Os olhos revirados do estudante se arregalaram de repente. "Que major?" Tranquillamente, ella começou a explicar-lhe... Um major..., bem sympathico... Tambem elle ia diariamente á leiteria... O major convidára-a para essa excursão no vaporzinho... Mas ella, assim, os dois sozinhos, não queria... Podia haver gente conhecida lá... E era a primeira vez... Tambem havia convidado uma sua amiga para acompanhal-a. Mas ella não podia ir, porque estava com o rosto inchado... Um dente... Então, elle talvez consentisse... Por que não? Apresental-o-ia ao major... "Meu primo..." E ficava tudo arranjado...

— Está bem?

O estudante sentiu que a garganta se lhe fechava. Respondeu gentilmente — oh, muito gentilmente! — que, podendo, com muito prazer... Lentamente, com pezar, cabisbaixo, começou a subir as escadas de sua casa, que era a mais alta. Quando havia subido trinta e cinco degráos, se deteve, e, com um amargo sorriso, pensou: "Então eu teria que substituir a amiga que está com o rosto inchado por uma dôr de dentes?" E continuou subindo.

No degráo cincoenta e tres, seu coração se sentiu um pouco alliviado: pensava que sua attitude cheia de dignidade e de orgulhosa frieza havia impressionado áquella mulher... No emtanto, o consolo era muito fraco... Novamente, sentia, como pouco antes na leiteria, esse peso que lhe opprimia o coração... Mas continuou subindo. Quando chegou perto do seu appartamento, se deteve de novo. Pensava: "Quem escreveu que a mulher é a encarnação de todos os males, é uma intelligencia nada vulgar?...:" Repetiu: "Nada vulgar!" E entrou em seu appartamento e foi até a janella.

Pela rua, marchava um regimento. Pouco antes, esse alegre rapaz poderia pensar, vendo aquelle desfile, nesses soldadinhos de chumbo que os meninos collocam em fila para brincar de guerra... Mas agora...

Olhava, mal humorado, o regimento que passava, porque, afinal, elle não gostava dos militares. Não gostava, e prompto! Quando os soldados haviam desapparecido, seus olhos se detiveram em um automovel muito elegante. Um automovel militar. Poucos dias antes, observando um automovel, pensára que, si esse vehiculo tivesse cinco rodas, certamente sobraria uma. Hoje, aquelle moço triste procurava resolver outro problema: relativamente aos automoveis militares...

O domingo estava maravilhoso. O sol esplendido. E milhares de pessôas se dirigiam para o campo, de onde voltariam com ramos de flores primaveris. O estudante pensava que o melhor que faria era embarcar ás cinco em seu proprio hiate e passar ao lado do vaporzinho adornado de verde, e onde havia musica... Um homem elegante como elle não podia tomar parte numa excursão collectiva em vaporzinhos adornados de verde e com musica a bordo!

Aproximava-se a hora marcada para o encontro, mas o joven não se apressou. O relogio da torre dava cinco horas. Olhou para o rio: um pequeno batel deslisava nagua... A musica tocava, e o major offerecia bombons a certa dama. Bombons comprados para ella, com pouco dinheiro, no bar do regimento... "Divirtam-se, meus caros senhores, que estamos na primavera, e o batel está cheio de flores, e ha musica a bordo!... Tudo está cheio de alegria! Tudo!"

Mas, embora tudo estivesse cheio de alegria, o estudante se sentiu invadido de tristeza. Pensava na mulher, assim, objectivamente. Um momento depois, concluiu em voz alta seu pensamento:

— Mulher!

E sentiu-se alliviado. Desceu as escadas. Iria passear. Pelo rio? Não. Longe do rio. Embora, para dizer a verdade, não houvesse razão alguma que lhe impedisse de escolher o rio. Caminhando, olhava as mulheres. Subito, viu a mulher da leiteria. Seu coração se poz a bater como o de um menino. Ella estava sem o major. Quiz fingir não têl-a visto. Mas ella o alcançou e lhe disse que o major não havia ido. Disse-lh'o com odio. Que lhe importava a elle que o major ou o coronel, ou o proprio general em pessôa deixasse de ir? Falou de coisas indifferentes, amavelmente, mas com frieza. Então, ella lhe perguntou, docemente, si estava zangado. Zangado? Por que?... Ella estava muito triste.

Pouco depois, elle pensava que, mesmo sendo verdade que a mulher é menos espiritual do que o homem, este tem o dever de ajudal-a para que se eleve.

E, meia hora depois, ajudava a mulher: ajudava-a a elevar-se... a subir as escadas de seu appartamento...

Dormund Martins, jornalista e politico, é uma alma de batalhador impertérrito e brilhante. Antigo intendente municipal, conhecedor dos bastidores da politica, acaba de publicar um bello livro sob o titulo suggestivo de «Da Republica á Dictadura», no qual estuda com proficiencia a nossa evolução desde Campos Salles até hoje — a politica dos governadores, o hermismo, Pinheiro Machado, Washington Luis, a candidatura Prestes e, por fim, a revolução de 1930 nas suas causas e nos seus effeitos.

Jardim Aberto

D. JAYME

CARAPUÇAS

OS homens avisados nunca revelam seu pensamento aos poderosos. Só os ingenuos é que lhes confessam o que sentem. Em primeiro lugar, porque contra quem manda nunca se deve ter razão. E em segundo, porque, como já observou um grande escriptor: "prefere-se a traição que lisonjeia á dedicação severa."

* * *

Eu não conheço observação mais profunda da sociedade politica do que esta de Chateaubriand: "A incapacidade é uma maçonaria cujas lojas se encontram em todos os paizes." E eu estou me capacitando hoje de que o Grande Oriente dessa maçonaria é o Brasil...

* * *

Outra observação estupenda é a seguinte: "Quando, occupando um posto importante, a gente se vê envolvida em prodigiosas revoluções, estas nos dão uma importancia occasional que o vulgo toma como producto de nosso proprio merito."

Olhemos a paizagem da vida e logo descobriremos as cabeças para as quaes foi talhada essa carapuça...

* * *

Lamennais escreveu estas propheticas palavras sobre o futuro da sociedade: "Os meios propostos até aqui para resolver o futuro do povo reduzem-se á negação de todas as condições indispensaveis á existencia, destroem, directa ou implicitamente, o dever, o direito, a familia e só produziriam, si pudessem ser postos em pratica, em lugar da liberdade a que se resume todo progresso real, uma escravidão a que a historia, por mais longe que se remonte no passado, nada offerece comparavel."

E' o retrato do communismo na Russia traçado ha mais dum seculo.

* * *

Um grande manejador da penna, que foi ministro, fez nas suas memorias esta confissão: "Minha carreira literaria, inteiramente realizada, produziu o que devia produzir, porque sómente dependeu de mim. Minha carreira politica foi subitamente interrompida no meio de seus exitos, porque dependeu dos outros."

A maior parte dos homens de letras que têm penetrado no circual politico podem escrever a mesma coisa.

* * *

A sociedade antiga constituia-se sobre o alicerce dos interesses moraes. A de hoje repousa na base dos interesses industriaes. Não poderemos negar maior elevação á que passou e devemos fazer votos para que o tempo não nos demonstre que a actual não é mais do que "o sonho infecundo de intelligencias estereis incapazes de se elevarem além do mundo material."

* * *

No anno da Graça de 1831, os jornaes de Paris crearam o typo do corcundinha Mayeux, que representava a versatilidade politica franceza. Seus nomes por extenso exprimiam as varias épocas politicas que atravessara desde a tomada da Bastilha á realeza dos Orleans. Chamava-se Messidor Napoleão Luis Carlos Philippe.

Si creassemos por aqui um typo semelhante, que nomes lhe poriamos?

* * *

A presença de Christo Crucificado nos tribunaes — como disse um grande espirito — consola a innocencia e faz tremer o juiz.

Por que será que alguns se revoltam contra ella?

Venturelli Sobrinho, poeta de inspiração larga e de rythmos novos, já nos tem dado vários livros, em cujas paginas se affirma, brilhantemente, a sua personalidade. Ainda ha pouco nos deu elle «No tapete do vento», magnificas traducções do mallogrado poeta syrio Fauzi Maluf. Agora, apparece com uma obra que, si o não consagra, no theatro, muito o destaca no genero. Essa obra intitula-se «Escombros de Alvorada», drama em cinco actos, e defende uma these de grande belleza moral. O novo poema de Venturelli Sobrinho está fadado ao mais franco successo de livraria.

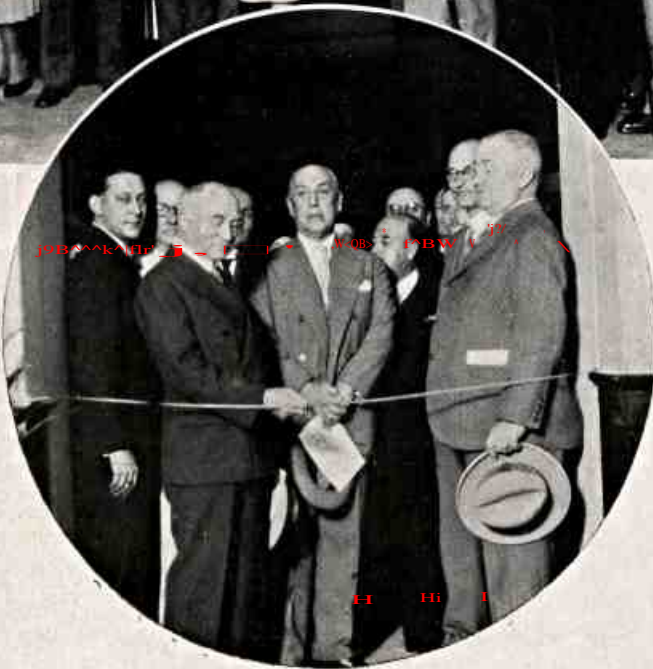
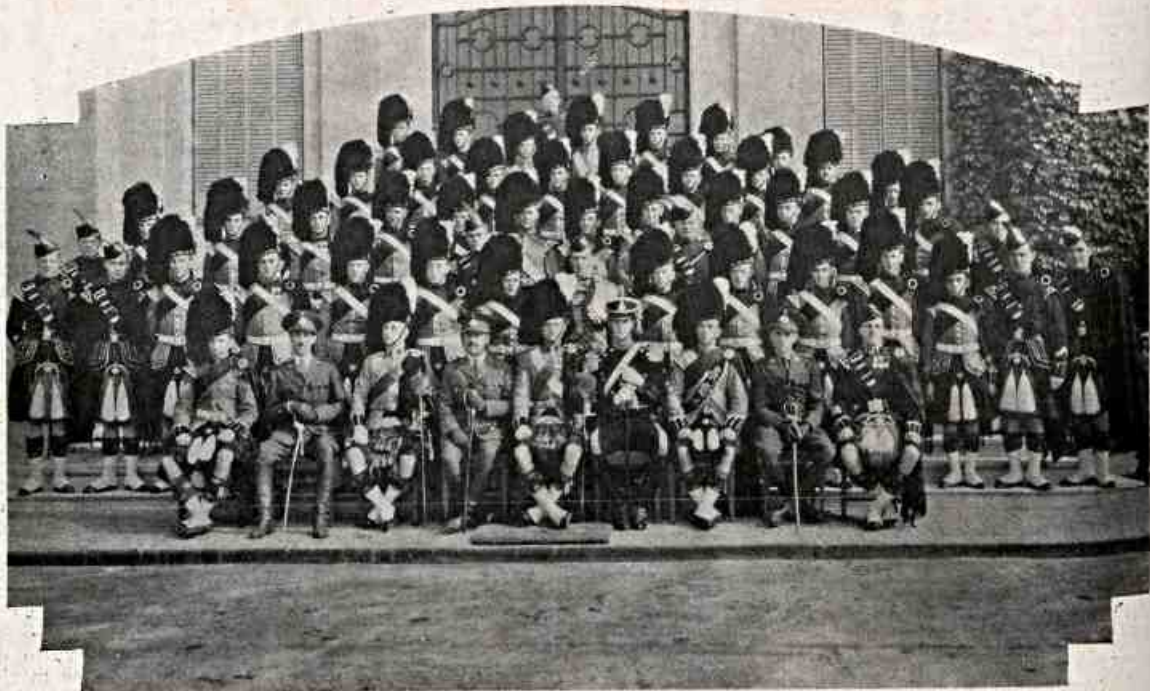
UMA OBRA DE VULTO

NINGUEM, que conheça os passos do ibero — americanismo entre nós, poderá, em bôa justiça, negar a Sylvio Julio o direito de iniciador e *leader* desse movimento no Brasil. O autor de *Apostolicamente* vem, desde longos annos, incansavelmente, e com uma dedicação notavel, orientando seus estudos e applicando os esforços de seu brilhante espirito no sentido de uma approximação intellectual cada vez maior, e mais util ao nosso desenvolvimento, entre o Brasil e os paizes que falam o idioma de Cervantes. Devemo-lhe, por isso, o perfeito conhecimento dos escriptores hespanhoes e ibero-americanos, cujo renome não havia chegado até aqui e das grandes figuras que illuminam de gloria as paginas da historia desses povos amigos. Em artigos, conferencias, ensaios, polemicas e chronicas, que formam, reunidos em livros, a sua vasta obra em prol dessa doutrina, Sylvio Julio tem defendido luminosamente o seu ponto de vista, creando, por assim dizer, no Brasil, o culto da grandeza e das tradições da Hespanha e da America hespanhola.

Sylvio Julio.

Cerebro e coração de Bolivar é o titulo do ultimo livro de Sylvio Julio, agora apparecido, e que constitue o primeiro tomo da grande obra sobre o eminente general e estadista venezuelano premiada com doze contos pelo governo da Venezuela, e cuja segunda parte, intitulada *Alma e braço de Bolivar*, sahirá dentro em breve, em novo volume.

O illustre escriptor e ensaista traça, nessas paginas vibrantes, o estudo da personalidade intellectual e sentimental de Bolivar, focalizando-a á luz de opiniões autorizadas e de observações legitimamente verdadeiras. E' uma obra de vulto, que confirma os altos meritos culturaes de Sylvio Julio, e honra, em todos os sentidos, o pensamento brasileiro.

Sob o patrocinio dos srs. ministros Hubert Knipping, da Allemanha; Anton Retschek, da Austria, e Albert Oertsch, da Suissa, inaugurou-se, sabbado ultimo, na Escola Nacional de Bellas Artes, uma exposição de pintura e esculptura de artistas de lingua allemã residentes no Brasil. Trata-se do primeiro certamen que, no genero, se realiza entre nós, e tem, por isso mesmo e pelos trabalhos apresentados, despertado o mais vivo interesse nos circulos de arte brasileira. As photographias que aqui publicamos foram colhidas por occasião da cerimonia inaugural da exposição, vendo-se, ahi, além dos diplomatas que a patrocinam, representantes das nossas autoridades, artistas e outras pessôas gradas.

A Banda do «Queen's Own Cameron Highlanders», que deverá chegar hoje a esta capital, onde dará varios concertos, acompanhada pelos gaiteiros (tocadores de gaitas de foles) daquelle celebre regimento do exercito britannico. Trata-se de um conjuncto musical de grande fama na Inglaterra e conhecido em todo o mundo. A Banda do «Queen's Own Cameron Highlanders» vem em visita ao Brasil a convite da Legião Britannica do Rio de Janeiro, e aqui permanecerá uma semana.

Notas de arte

OSCAR D'ALVA

CONCERTO SYMPHONICO. — Dos mais memoraveis o 166º concerto da S. C. S., realizado no T. M. na tarde do ultimo sabbado. Ouviram-se 4 ns.: MOZART — *Symphonia n.* 39; BEETHOVEN 5º *Concerto*, para piano e orchestra; WAGNER — *Protophonia* de "Taunhauser", FR. BRAGA — *M a r a b á* (poema symphonico). Occupou a regencia a joven musicista brasileira, senhorita Joanidia Sodré. Figurou como solista o grande pianista anglo allemão, Max Pauer.

A senhorita Joanidia Sodré foi o ponto convergente de todas as attenções e de todas as criticas. E o resultado foram os justos e calorosos applausos que recebeu, muitos dos quaes por equivoco recebidos só pelo pianista, quando o publico queria saudar tambem a regente.

Além de lhe dar a honra de tocar sob a sua direcção, Max Pauer saudou em publico com affectivo *shake-hand* a maestrina patricia. E ella bem o mereceu. Quando não fosse pela direcção impressa a todas as peças, pelo menos, pela maneira verdadeiramente empolgante com que dirigiu a *Protophonia* de "Tannhauser". Achamol-a fóra do vulgar na regencia da obra wagneriana.

Max Pauer, cuja 1ª audição não nos deu todo o valor do pianista, tanto que lhe fizemos restricções, mostrou-se um artista completo, interpretando com alma e com bravura o 5º *Concerto* de Beethoven. Elle então appareceu-nos como aliás já o tinhamos visto no 2.º recital e não o viramos no 1.º, salvo em certos numeros. Pareceu-nos assim que circumstancias occasionaes, fortuitas e passageiras, foram só a razão de não nos ter o artista impressionado favoravelmente desde o primeiro concerto.

A audição successiva de Mozart, Beethoven e Wagner constituiu não só um regalo para a nossa sensibilidade, como

NOTAS LITERARIAS

D. Anna César é um dos espiritos femininos de maior relevo na actualidade brasileira. Seu livro «Fragmentos», que vem de apparecer, com o prefacio de eminentes homens de letras, entre os quaes alguns academicos, tem paginas de grande vibração patriotica e merece louvores pela elevação dos seus conceitos, sobretudo na parte em que se occupa dos deveres e direitos da mulher.

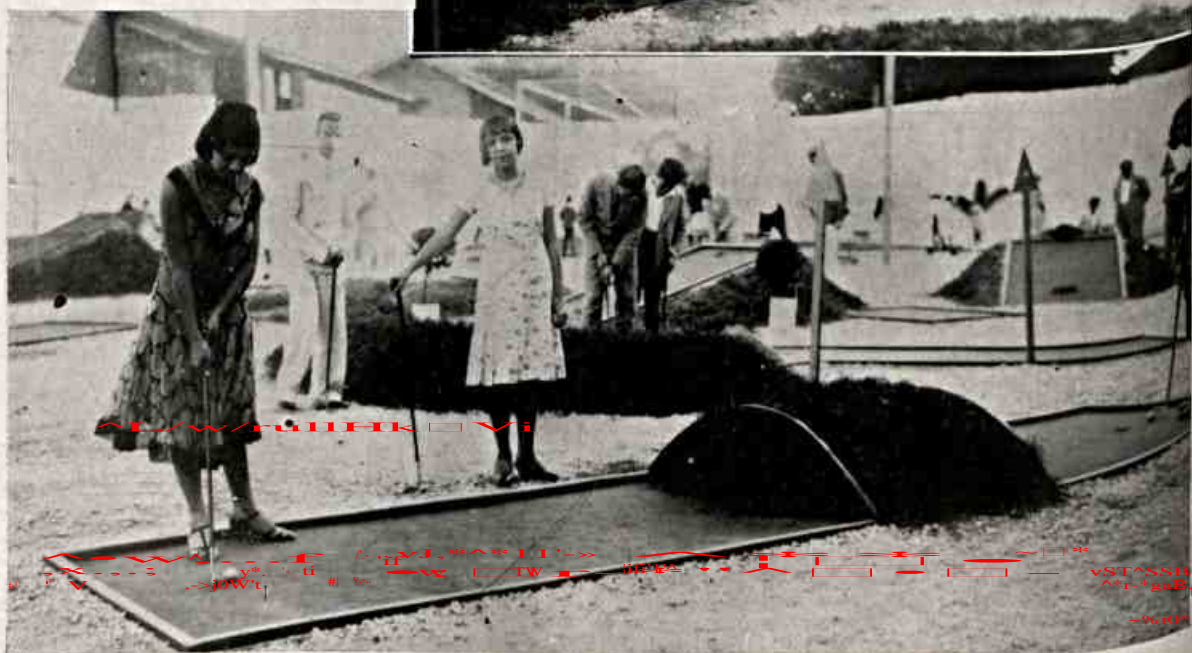
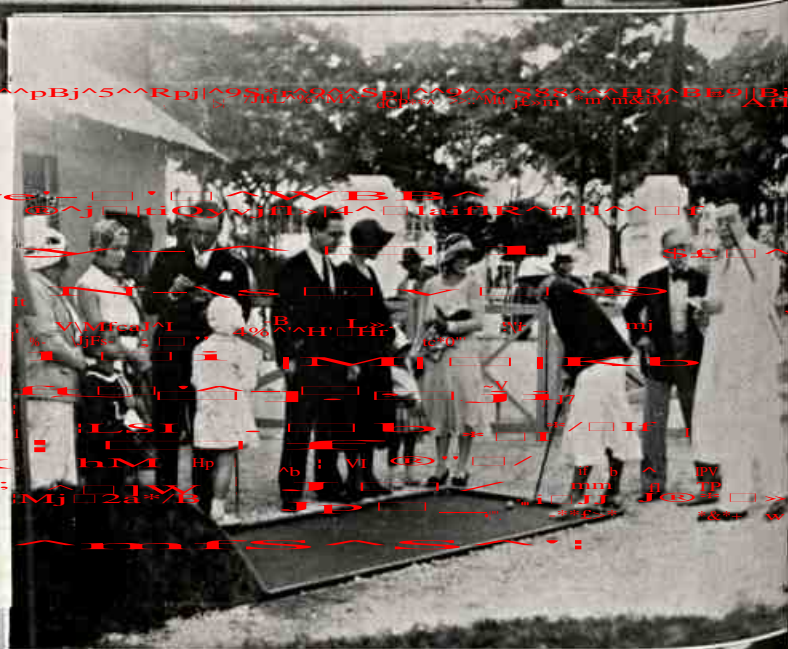
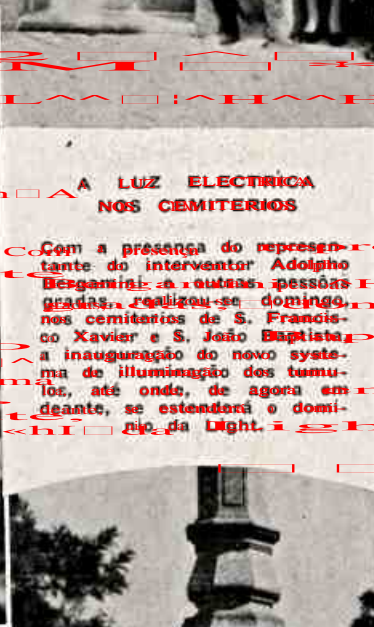
Joubert de Carvalho e Gilda Abreu são duas figuras que se destacam em nossos meios artisticos pelos meritos da sua intelligencia e pelo seu prestigio social. Joubert de Carvalho, medico e compositor, é o autor de tantas producções musicaes que andam ahi pelos melhores salões a encantar as sensibilidades fidalgas. Gilda Abreu é cantora, dona de uma voz quente e harmoniosa. Amanhã á tarde (16 horas), no Departamento Social do Syndicato Medico Brasileiro, a senhorita Gilda Abreu interpretará canções inéditas musicadas por Joubert de Carvalho, que tambem apresentará, ao seu grande publico, que lá estará para applaudil-o, trechos de uma novella lyrica com libreto de Mendes Fradique. Entre os poetas incluidos no programma da tarde musical de Joubert de Carvalho e Gilda Abreu figuram Olegario Ma-

...rianno e Adelmar Tavares, dois legitimos representantes da musa nacional, que serão admirados, respectivamente, em «Andorinha de louça» e «Taboada», paginas de um lyrismo doce e melancolico. Será uma tarde rutilante a de amanhã, no Departamento Social do Syndicato Medico Brasileiro.

encanto para o nosso espirito. Vimos naquella sequencia uma prova eloquente da evolução da grande arte; sente-se que Beethoven provem de Mozart, Wagner de ambos se origina, revelando na *Protophonia* de "Taunhauser" paginas lyricas como as da *Symphonia* de Mozart, e arroubos epicos como os do Concerto de Beethoven... Fr. Braga destacou-se pela originalidade brasileira do seu estro. *Marabá*, cuja fórma é a creação nova de Liszt — o poema symphonico — mostra quanto o artista sabe alliar a inspiração rude dos nossos aborigenes com as formas da musica dos civilizados. Essa, sim, pode ser dada como especimen da musica brasileira, a grande musica nacional, de que o autor é uma das figuras mais representativas...

Burle Marx, o notavel regente, de nome allemão, mas genuinamente brasileiro, grande animador do actual movimento musical brasileiro, com a creação da Orchestra Philarmonica do Rio de Janeiro, que estreará brevemente no theatro Municipal e onde figurarão, como solistas, consagrados interpretes do canto, do piano e do violino, como Bidú Sayão, Guiomar Novaes e Pery Machado; Antonietta de Souza, Antonietta Rudge, Souza Lima, Tomas Teran, Iberê Gomes Grosso (violoncello), etc.

ITAMARATY GOLF CLUB

O golfinho é o sport da moda. E' a ultima palavra em jogo elegante, preferido pela gente chic, que gosta de uma partida ao ar livre, sem as corridas exhaustivas nos grandes campos de golf. A cidade está, por isso, cheia de golfinhos. Em todos os bairros, só se fala no fidalgo sport do principe de Galles. O Itamaraty Golf Club, que acaba de ser inaugurado á praia de Botafogo, 472, é um dos mais bem installados do Rio de Janeiro, dispondo de um link moderno e de material luxuoso, como nenhum outro possue. A nossa pagina focaliza aspectos da tarde inaugural do Itamaraty Golf Club, que foi um acontecimento de grande brilho mundano, pelas figurinhas gentis que disputaram as suas primeiras partidas, e que se tornaram, desde logo, frequentadoras assiduas do «baby golf» da praia de Botafogo.

O campeonato carioca de football teve, domingo passado, uma tarde fulgurante com o grande jogo do campo da rua General Severiano, onde o Botafogo e o America apresentaram a sua technica e o seu valor sportivo a milhares de pessôas que enchiam as archibancadas do alvi-negro. Esta pagina focaliza os lances mais emocionantes desse encontro do campeonato de 1931.

A LUZ ELECTRICA NOS CEMITERIOS

Com a presença do representante do interventor Adolpho Bergamini e outras pessôas gradas, realizou-se domingo, nos cemiterios de S. Francisco Xavier e S. João Baptista, a inauguração do novo systema de illuminação dos tumulos, até onde, de agora em deante, se estenderá o dominio da Light.

OS SETE DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

O CAFÉ DO FELISBERTO

Film da Paramount, com

MAURICE CHEVALIER

e YVONNE VALLÉE

O «Café» de Monsieur Felisberto, situado num bairro quieto de Paris, é um estabelecimento prospero e bastante famoso. Formam o nucleo de sua clientela parelhas de namorados que encontram no ambiente tranquillo dos extramuros parisienses o logarzinho apropriado ás suas conversas de amor, sem nenhum bisbilhoteiro que lhes venha metter o nariz nos segredos trocados entre o ir e o vir dos pratos.

Um restaurante como é o nosso «Petit Café», pois lá se reúnem, além dos namorados que se beijam ás furtadellas, artistas e poetas, não podia deixar de ter um criado digno de tão agradavel quão secreto retiro. Esse bem posto «garçon» é o Alberto Loriflan, um moço de humilde procedencia, filho, segundo se dizia, do jardineiro do conde de Caspion, o qual abraçara a profissão de criado por não ter encontrado outra coisa.

Além do Alberto, ha no «Petit Café» seu velho proprietario, Yvonne, sua filha, e mais alguns serviçaes, que apparecerão no decorrer desta historia.

Para tomarmos o fio da aventura que aqui começa, façamos de conta que vamos lunchar no pequeno restaurante de M. Felisberto. Lá encontramos já uma parelha: Monsieur Jabert, um conhecido advogado parisiense, e Mlle. Bérengère, bello pedaço de mulher daquellas que só a França sabe produzir. O criado Alberto, sabido como é nos «flirts» da profissão, vem logo todo lampeiro servir a parelha. Mas, ao ver Mlle. Bérengère, fica visivelmente atordoado. Na bella desconhecida elle descobre a mulher de seus sonhos! Aquella bocca, aquelles olhos, aquelles modos, tudo faz parte da sua concepção do perfeito. Ao lado dos dois, é titubeante que Alberto, por um velho costume, pode suggerir:

— Recommendo-lhe os rabanetes, Madame... Estão fresquinhos... E para depois, temos um presunto incomparavel, filho de um porco famoso...

A confusão, tolhida em tempo por um severo olhar de M. Jabert, termina ahi, com a sahida de Alberto para a cozinha. De volta, porém, succede encontrar-se na sala interior com Yvonne, a filha do proprietario, a qual vinha de ser approvada nos exames, e está mais cheia de si do que nunca. Ao passar, Alberto, inadvertidamente, deita por terra uns livros da pequena, e ella, que já notara a bonita fregueza a quem o rapaz ia servir, dispara-lhe, irritadissima:

Alberto no grande mundo.

— Desastrado! Já sei; andas todo apressado porque está ahi essa mulher... Anda, dá-me esses livros, ou serás despedido!

Alberto conhece os rompantes de Yvonne e não lhe dá ouvidos. Mas tanto tempo perdera na discussão, que, ao voltar á sala do restaurante, os freguezes já tinham sahido. Alberto fica a chamar á memória o lindo semblante de Mlle. Bérengére, quando, a buscar o velho Felisberto, chega uma nova personagem, que assim fala:

— Sou Mlle. Edwige e aqui venho falar-lhe do seu criado Alberto. Ha alguns mezes que estamos noivos; porém, com o salario pequeno que o senhor lhe paga, não podemos casar...

— Mas Alberto não vale mais de quinhentos francos por mez...

— Quinhentos francos?! — disse a mulher, com assombro. — Que grande tratante! Tinha-me dito que só ganhava trezentos!

O velho observa que Mlle. Edwige traz um violino debaixo do braço e, sabendo-a professora de musica, contracta-a para dar lições de canto a Yvonne. Durante a primeira lição, não pode a filha de Felisberto conformar-se com que essa velhota ranzinza lhe vá arrebatar o sympathico Alberto, porque, ainda que Yvonne o guarde em segredo e com elle esteja constantemente a brigar, o facto é que a menina ama o alegre e jovial criado.

Não acaba Yvonne de dar a sua primeira lição, quando aos baixos do edificio chega um tal Cadeaux, escrevente no escriptorio do advogado Jabert e secreto apaixonado de mademoiselle. Cadeaux entra com ares de quem traz «coisa no bico» e, com effeito, trazia. Vae direitinho ao velho e amigo Felisberto, que mais de uma vez lhe negara a mão da filha:

— Dê-me as alviçaras, homem! O seu criado, Alberto, acaba de herdar cinco milhões de francos!... A sorte nos protege, amigo! Venha de lá um

Pensando no café e no ceu avental.

Rico, eu?!...

abraço! Nós vamos ganhar quatrocentos mil francos!

— Não comprehendo — diz-lhe Felisberto, abanando a cabeça.

— Eu me explico: Com cinco milhões de francos, Alberto não continuará como criado... — prosegue o escrevente, cada vez mais emocionado. Mas antes que elle saiba que está feito millionario, faremos com que firme um contracto, com augmento de ordenado... Assim, não desconfiará de nada.

— Ainda não entendo — adeanta o velho Felisberto, sorrindo.

— O contracto será feito de tal maneira que, se Alberto o rescindir, pagar-nos-á quatrocentos mil francos. Pelo contracto elle fica obrigado a permanecer aqui durante vinte annos...

* * *

A idéa de Cadeaux dá resultados. Alberto, ao surgir da adega, onde fôra, a pedido de Felisberto, provar os vinhos da casa, vem mais bebedo que uma cabra. E ahi, numa das mesas do restaurante, assigna o capcioso contracto. Mal, porém, deita o jamegão sobre o papel, entra Cadeaux, que estivera escondido, e diz a Alberto que o dr. Jabert precisa falar-lhe.

Ebrio como está, corre Alberto ao escriptorio do advogado e, ao saber da fortuna que lhe cahira nas mãos, fica como louco:

— Sou millionario! Sou o homem mais feliz do mundo! Onde está o meu dinheiro? Adeus, vida de criado! Sou millionario! Agora posso dormir até quando quizer!

E, no mesmo berreiro, entra pelo salão do «Petit Café», assustando os freguezes. Ao velhaco do Felisberto, que o olha de soslaio, satisfeito de ver tornada em realidade a historia de Cadeaux, diz o joven criado:

— Fique-se com o seu «frêge», velho insolente! Eu sou millionario! Não trabalho mais!

E para Yvonne, que entra, attrahida pelo falar de Alberto:

— Querias despedir-me esta manhã, heim? Pois, agora, sou eu que me vou!

Felisberto interrompe-lhe o passo:

— Olha o contracto! Se te vaes daqui, terás que me pagar quatrocentos mil francos...

Alberto comprehende a situação.

— Ah, é assim, «seu» velhaco? Pois não saio! Fico aqui, serei o «garçon millionario»... E durante vinte annos você terá de pagar-me dez mil francos mensaes, como diz o contracto. E se o rescindir, quem recebe os quatrocentos mil francos sou eu...

O velho fica atemorizado e vae ter com Cadeaux.

Havia de convencer aquella mulherzinha rebelde.

— Não tenha medo. Alberto não se sujeitará a ficar um mez como criado... Eu respondo pelo resto. — Agora, que sou rico, quero saber se o amigo ainda me nega a mão de Yvonne... — Alberto...

— Bem, se fizeres com que Alberto nos pague a indemnização...

Cadeaux esfrega as mãos e diz:

— Não tenha cuidado!...

Alberto Loriflan mette num banco a fortuna que lhe deixara o conde de Caspion e prosegue como criado do «Petit Café», com a vantagem do augmento de salario. Mas como o dinheiro lhe dê renda de sobra, resolve gozar a vida a seu modo. Em companhia de Paul, um companheiro de trabalho, sae o moço millionario todas as noites, a se deliciar com o que Paris tem de mais mundano e «chic». Para sua infinita satisfação, encontra-se Alberto, num certo «ring» de patinação, com Mlle. Bérengére, a mulher encantadora que já conhecemos. A moça, naturalmente, não se recorda de o ter visto em parte alguma; mas o facto de ser possuidor de cinco milhões é o bastante para justificar sua subita predilecção por Alberto.

Cadeaux, que á noite, para defender os seus duzentos mil francos, não perde Alberto de vista, vem dizer a Felisberto que a partida está ganha:

— Com a vida que está levando, Alberto não pode durar muito; ficará exhausto em pouco tempo e terá que quebrar o contracto...

Mas, contrario ás supposições de Cadeaux, o jovial «garçon» continua feliz, sahindo, com sua amiga e mais o Paul, toda as noites. Tão longe da realização de seus planos está o escrevente, que resolve, de accordo com Felisberto, ir avisar Mlle. Bérengére de que o seu predilecto não passa de um criado de café. Assim, pensa Cadeaux, Alberto ficará desorientado e entregará os cobres da indemnização.

O «garçon», entretanto, sente-se cada vez mais cansado, pois trabalha todo o dia e cae na pandega á noite, decide-se tambem a se fazer tão impossivel no restaurante, que o patrão não mais o ature. Para isso obter, Alberto converte o «Petit Café» numa casa de loucos. Os freguezes, indignados com o serviço dos «garçons», saem portas a fóra, excommungando o estabelecimento e seu proprietario.

Felisberto fica desesperado. Alberto, mui naturalmente, diz-lhe que o despeça se não está satisfeito, que o deixe. Mas isso custaria ao velho os quatrocentos mil francos, segundo o que consta do contracto. E' então que os tres, Yvonne, o pae e Cadeaux, decidem a ir nessa mesma noite desmascarar o rapaz deante de sua pomposa amiga.

A' noite, como de costume, deixando o estabelecimento, em companhia de Paul, vae Alberto encontrar Mlle. Bérengére no seu «cabaret» predilecto. E lá, numa roda de condes e marquezes, que ignoram a procedencia do seu elegante companheiro de mesa, diverte-se o «garçon» a bom contento. E' ahi que o vêm encontrar os tres. Yvonne, mais do que os outros, ferida no seu amor proprio, diz querer desmascaral-o ella mesma. E avança para onde está Alberto, entre os seus nobres amigos.

— Tire-lhe a mão de cima! — brada Yvonne a Mlle. Bérengére, que nesse momento acaricia o cabello do rapaz. — A senhora devia ter pejo do que faz, explorando este pobre rapaz para depois rir-se delle!

A phrase produz escandalo. Mlle. Bérengére diz-se insultada e pede a Alberto que faça calar a pequena. Mas o rapaz, antes que Yvonne o descobrisse de todo, toma-a nos braços e leva-a para fóra.

(Conclue na pagina 48)

As tres francezinhas nem sempre se entendiam.

AS TRES FRANCEZINHAS

Film da METRO-GOLDWYN-MAYER

Charmaine, FIFI DORSAY
Diane, YOLA D'AVRIL
Madelon, SANDRA RAVEL
Larry, REGINALD DENNY

TANTO estardalhaço fizeram aquellas tres deliciosas francezinhas — Charmaine, Diane e Madelon — quando o estroina Larry, borracho, procurou livral-as das exclamações desaforadas do senhorio, que foram todas parar á prisão, em companhia do seu bulhento defensor.

Esperavam-n'os na prisão, entretanto, um par de amigos: Owly e Yank, dois americanos, como Larry, que tantas haviam feito, que a policia teve por bem dar-lhes hospedagem gratis, desde que elles deixassem em paz os restaurantes, bars... e todas as "midinettes" da rua de la Paix.

Escusado é dizer que as tres francezinhas e os dois estroinas transformaram a prisão numa verdadeira casa da sogra. Cantaram, dançaram, pintaram o sete e não teve a policia remedio senão dar-lhes liberdade. Uma prisão deve ser, antes de tudo, um logar silencioso e era impossivel o silencio com a presença de taes creaturas.

De volta da «farra», a caminho de Paris.

Como a prisão estava num suburbio de Paris, algo longe da capital, lutaram com as maiores difficuldades para chegar á Cidade-Luz, e como fossem surprehendidos por terrivel tempestade, tiveram necessidade de passar uma noite num estabulo, o que deu occasião a que Madelon e Diane levassem a noite toda aos gritos com Owly e Yank, que se mostravam incorrigiveis, emquanto Larry, obediente, deixava Charmaine socegadinha...

Larry decidiu, pela manhã, levar a tropilha para casa de seu tio, o conde Darcy, um millionario excentrico. O resultado foi que, á tarde, quando chegou ao seu palacio, o conde teve a grande surpresa de ver sua residencia em polvorosa. Charmaine, Diane, Madelon, Larry, Owly e Yank haviam transformado as suas salas, os seus escriptorios, num vasto ambiente de recreio. Innumeras jarras já estavam

reduzidas a cacos. As cortinas eram farrapos. Os criados, escandalizados, preferiam não fazer commentarios.

Longe de se mostrar aborrecido, entretanto, ao se defrontar com os invasores de sua residencia, o conde sorriu, delicadissimo. E' que as tres francezinhas que Larry installara em sua casa eram verdadeiros primores, e elle era, incondicionalmente, um admirador do bello sexo...

Assim, o conde ficou satisfeitissimo ao saber que Larry **resolvera** transformar sua casa em hotel, mas estremeceu de indignação quando soube que o sobrinho estava disposto a desposar Charmaine, a mais bregeira das tres francezinhas. Isso nunca! Elle não admittiria! Elle haveria de prohibir, custasse o que custasse, aquelle casamento... porque Charmaine era mais do que um "pedaço" e devia pertencer-lhe! **Naturalmente**, diplomata como era, o conde declarou esse seu modo de pensar a Charmaine, com a maneira mais sincera, mais perfeita, de fazer ver que elle só queria a felicidade. Começou por dizer-lhe que Larry era um voluvel, que dissera as mesmas palavras de amor e as mesmas propostas de casamento a muitas outras creaturas... Convenceu-a de que seria muito melhor manter-se solteira, ou, melhor ainda, desposar uma creatura mais idosa, como elle proprio, por exemplo... Charmaine, desgostosissima, não attendeu a essa insinuação e se desfez em lagrimas. Para consolal-a e melhor poder conseguir os seus fins, o conde lembrou, então, que, para compensal-a da grande dôr, poderia montar-lhe um "atelier" de modas. Charmaine exultou: ter um "atelier" era a sua grande ambição.

Oito dias depois, em plena Paris, era inaugurado um grande "atelier", e lá comparece Larry em companhia de algumas de suas admiradoras. Despeitado, Larry finge não ter mais amor a Charmaine, e esta, aborrecida, **declara-se** noiva do conde, que exulta com a noticia, que não tarda a chegar aos seus ouvidos.

Após innumeras peripecias, entretanto, e precisamente no momento em que se ensaiava a ceremonia nupcial, o conde, mais rheumatico do que nunca, resolve desistir das suas pretenções romanticas e, verificando que Larry era quem tinha, afinal, direito ao coração de Charmaine, renuncia ao amor da linda pequena... e já se sabe o resultado!

Aquillo não era prisão; era um pagode.

Visita inesperada.

Ainda está em tempo para ganhar

— 113:500$000!

apreste sua ma hina! Tire os instantaneos ainda hoje e envie-os immediatamente!

O Grande Concurso Internacional Kodak — que distribue 1.000 contos em premios — encerra-se a 31 de Maio! Faltam apenas alguns dias, mas ainda a tempo para tirar o instantaneo que lhe trará 113:500$000 e um trophéu de prata — a fortuna e a fama!

Existem tantos assumptos dignos de conquistar a palma da victoria! A natureza patria, bella como nenhuma outra... prelios esportivos... scenas... creanças... animaes... o interior do seu lar — escolha os que mais lhe agradar e envie quantos instantaneos quizer. Quanto mais photographias, maiores suas probabilidades de vencer!

Sómente para amadores!

Não é a excellencia photographica mas o interesse do assumpto que decide. Todos os amadores — principiantes ou veteranos — têm as mesmas possibilidades. Qualquer machina serve... mesmo que não seja sua.

Não ha tempo a perder! corte e envie, sem demora este "bilhete de entrada" com as photographias tiradas, á Kodak Brasileira, Ltda. — Caixa 849 — Rio de Janeiro.

Só servem as photographias tiradas de 1.o de Fevereiro até 31 de Maio de 1931.

Nome (bem legivel)..

....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

Marca da camara ....

do film ....

N.o de photographias ....

Concurso INTERNACIONAL Kodak

...só para amadores

A força d[...]

DE CARLOS

I

QUANDO Elias deixou o estudo, foi obrigado a empregar-se.

— Não posso — disse-lhe o pae — continuar alimentando um vadio; não posso e não é justo. Tenho outros filhos.

Dona Luiza soffreu immensamente com isso. Adorava Elias, por ser este o filho mais velho, e as palavras de seu marido cahiram como pedras sobre seu coração de mãe. Negar-lhe a comida! Negar a comida a um filho, e quando não lhes faltava! Isso era o cumulo da falta de amor. Porque Elias não deixou os estudos do Collegio Nacional por vagabundagem, mas para se dedicar ao que seu temperamento imperiosamente lhe exigia: estudar a pintura.

Além disso, onde se empregaria, si nunca actuára em politica? No commercio? Oh! Elias não era pessôa para perder seu tempo tão precioso sobre os livros de contabilidade; e, por outro lado, os empregos eram alli tão escassos, tão mal remunerados, tão exhaustivos... Tambem elles não quaes pudessem appellar tinham relações para as em favor do rapaz.

E, desse modo, como, de que, e onde podia empregar-se aquelle filho sonhador e bom, que haveria de lavrar a gloria da familia — não havia duvida — com sua arte?

Mas o pae era implacavel nas suas determinações, e acabou-se.

II

Timidamente, Elias empurrou a porta de mola da "Cooperativa Assucareira", e dirigiu-se ao gabinete de mister Thief, que ficava no centro daquella sala, onde quatro cabecinhas loiras e duas de cabellos negros e brilhantes escreviam apressadamente á machina.

Mister Thief cravou seu olhar inquisidor de negociante desconfiado na esmerada silhueta do rapaz, e, depois de um instante bem prolongado de observação, perguntou:

— Que deseja?

— Trago esta carta para o senhor — respondeu Elias, entregando-lhe um enveloppe.

O inglez inteirou-se do conteúdo da carta do pae de Elias, e, ao concluir a leitura, cravando de novo os olhos no rapaz, indagou:

— O senhor tem experiencia commercial?

— Não, senhor; acaba de sahir do Collegio Nacional. Mas tenho bôa vontade e espero, em pouco tempo, trabalhando aqui, adquiril-a.

— Sim, sim, á nossa custa, á nossa custa. Nós não podemos perder dinheiro, cavalheiro — disse o inglez.

Elias comprehendeu quão grande era o abysmo existente entre elle e aquelle homem, como tambem entre aquelle ambiente e seus sonhos de artista. Mediu, em menos de um segundo, os soffrimentos que deveria supportar no supposto caso de que, mesmo sem experiencia commercial, fosse acceito naquella casa, e, como si se visse deante de um perigo imminente, girou sobre os calcanhares e, apressadamente, procurou a porta.

III

Aquella fuga do gabinete de mister Thief foi

"O CAFÉ DO FELISBERTO"

(Conclusão)

dos figurões que estão á mesa, que ha tempos buscava attrahir as sympathias de Mlle. Bérengère, toma-lhe as dores, como vulgarmente se diz, e exige uma satisfação de Alberto. O moço «garçon», como unica resposta, dá-lhe uma bofetada de torcer o pescoço.

* * *

Na manhã seguinte, no seu rico apartamento, é Alberto procurado por dois senhores encasacados que vêm da parte do visconde Gastonnet exigir-lhe uma satisfação de honra — desafiando o rapaz para um duello. Muito a contragosto de Alberto, fica o encontro marcado para as seis da manhã do dia seguinte, no bosque de Versalhes.

— Um duello a pistola, Paul, e eu nunca disparei uma arma de fogo em minha vida! exclama Alberto, desalentadamente.

— Pierre, o cozinheiro, foi soldado de artilharia, Alberto, e elle poderá dar-te umas lições de tiro ao alvo, alvitra Paul ao amigo.

O dito está dito e Alberto tomando o desafio a serio, passa todo o dia a se exercitar na cozinha do restaurante, com Pierre a dar-lhe instrucções de pontaria, para o encontro da manhã seguinte. Em certa occasião, Yvonne entra na cozinha e vê o mestre «cook» de pistola apontada ao peito de Alberto e quasi tem uma syncope, pensando ir ser testemunha de um terrivel assassinio — mas quando Alberto lhe diz que se está preparando para um duello com o visconde Gastonnet, na manhã seguinte, a pequena começa a rir, sem lhe dar credito.

* * *

O bosque de Versalhes está ainda envolto nas nevoas da manhã recemnata quando Alberto e seus dois padrinhos, Pierre e Paul, chegam para o encontro. Os adversarios, calmos como verdadeiros profissionaes no duello, chegam alguns minutos antes do prazo. O medico começa a dispôr os seus instrumentos cirurgicos. Alberto, muito assustado, chega-se ao facultativo, indagando da serventia dos varios ferros.

— Este forceps é para a extracção da bala — explica o doutor. — Ali temos a mesa de operação, sobre a qual até posso effectuar a autopsia, em caso de morte...

Alberto contempla a ferramenta com tristeza. Sente calefrios pelo corpo. Tem a impressão de estar morto. E' então quando Pierre, que fôra fixar a distancia com os adversarios e receber a arma, volta e diz ao ouvido de Alberto:

— O visconde não é o inexperiente que eu pensava... Foi official de artilharia e este vae ser o seu sexto duello...

Alberto está prompto para disparar numa carreira doida, mas de subito Pierre põe-lhe na mão a pistola. E' ella com que deve defender-se. Enquanto isso, aproxima-se o elegante adversario para começar o encontro. Alberto não tem outro remedio: colloca-se costa a costa com o visconde e espera pela ordem de «um, dois, tres e «fogo!» Mas é neste momento critico, que, para pasmo de todos, surge Yvonne e se colloca entre os dois contendores. O visconde, a modo irritado, vira-se para a pequena:

— Quem é você para vir interromper-nos, a nós, cavalheiros, no campo da honra?

— Quem lhe disse que elle é cavalheiro? — pergunta Yvonne ao nobre. — Alberto é um criado de café. Sim, é «garçon» do «Petit Café».

— Então, você é um audaz impostor, hein? — pergunta o visconde a Alberto.

— Já não sou criado do café, porque considero quebrado o meu contracto! Agora sou um homem livre, disposto a esbofeteal-o pela segunda vez! E, «zás»!

No auge dessa tragedia imminente, Yvonne tem uma lembrança milagrosa: dá um grito e cae num desmaio. Alberto vira-se para a moça:

— Oh, minha querida Yvonne! — diz elle, levantando-a nos braços. — Doutor — grita para o medico — venha aqui — ajude-me — eu a amo e não quero vel-a soffrer!

Com a ajuda de Pierre e Paul, o moço millionario leva a pequena para um dos autos dos adversarios e saem disparados. Era o automovel do visconde, para maior injuria do seu titulo...

Reclinada sobre o peito de Alberto, ao fazer que vinha a si, Yvonne confessa que nunca soffrera desmaio algum:

— Mas só fiz aquella imitação porque te amo, Alberto...

— Oh, que feliz me sinto, Yvonne!...

a vocação

M A R Q U E S

causa da prohibição que Elias recebeu, de sentar-se á mesa paterna, não obstante as supplicas e as lagrimas de sua bôa mãe.

O senhor João, pae de Elias, corretor de frutas do paiz, queria, com isso, acabar com o que elle chamava a *vagabundagem* do *primogenito*. Assim, negando-lhe a comida, começaria elle a trabalhar e abandonaria os lapis de côres, as aquarellas e os pinceis.

Elias não se inquietou por isso, e na noite em que recebeu tal prohibição, quando todos foram para a mesa, elle, em seu quarto, o ultimo da casa, á luz de uma vela de stearina, se poz a verter sua alma sobre o rosto de uma bellissima mulher, que sua magica visão foi fazendo da immaculada epiderme da cartolina.

Já bem alta a noite, sentiu o moço duas pancadinhas leves em sua porta, e abandonou seu trabalho para ir abril-a.

A' luz da vela, viu sua mãe, sua bôa mãezinha, que chegava com uma bandeja cheia de alimentos e a depositava sobre a mesa, junto do desenho do filho. Viu-a e verificou que ella tinha os olhos banhados em lagrimas.

Em um impulso de seu amor filial, Elias cingiu o pescoço de sua bôa mãe e, sobre seus olhos humidos de pranto, depositou mil beijos. Depois, com infinita ternura, levou-a até onde se achava seu desenho, que, á luz daquella vela, lhe mostrou.

A santa senhora ficou estática deante da obra maravilhosa daquelle adolescente, seu filho, e, não sabendo como manifestar sua alegria, seu contentamento sem limites, retribuiu os beijos de seu filho, e partiu apressadamente e com grande cuidado, para que ninguem fosse despertar e descobril-a.

E, enquanto, com aquelles alimentos, o pobre rapaz matava sua fome, a vela se acabava, deixando-o ás escuras, e ansiosamente á espera da luz do dia para poder continuar seu trabalho...

IV

Foi um successo. Os jornaes occuparam-se amplamente delle.

Em longa chronica, um dos diarios dizia: "Aquellas linhas, aquellas côres formam *uma só figura*: attestam uma inquietude espiritual de grande futuro, acreditam uma vigorosa personalidade. Os desenhos que no Salão Luz expõe o joven artista Elias Souza são verdadeiras obras de arte, eloquentes manifestações daquelle talento juvenil, que, para a pintura nacional, constitue uma grata e valiosa revelação. Prova disso são distinctas personalidades, os numerosos cartões de que se vêem na maioria dos quadros expostos, e que indicam foram adquiridos."

O senhor João esfregou os olhos. Parecia-lhe mentira o que lia. Dona Luiza, sua esposa, que lhe apresentára a pagina daquelle jornal, comprehendendo o que se passava com o companheiro, lhe disse:

— Não acreditavas, não é verdade?

— Que gente bôba, essa! Que acharam de extraordinario nessas figuras que meu filho desenhou? Que valor podem ter semelhantes frivolidades?

— Que valor? Continúa a leitura.

E o senhor João continuou:

"Sua *Cabeça de Velho*, que obteve o primeiro premio no ultimo concurso organizado pela "Sociedade Cervantes", constante de dois contos de réis e medalha de ouro, nos falava já do seu talento de composição e de sua decidida vocação para a côr."

O senhor João atirou longe de si o jornal, e sahiu á rua com o intuito de consultar um oculista amigo.

Decididamente, ele não via bem, e precisava de oculos...

AGULHAS...

TERÁ o Brasil, effectivamente, a escandalosa percentagem de 80 % de analphabetos?

Ha quem diga que esse coefficiente já se acha sensivelmente diminuido e que, hoje em dia, no maximo, poderemos contar com 50 % de illetrados.

Optimismo?

Quer-nos parecer que sim, pois, em materia de estatistica, o brasileiro não é lá dos mais fortes.

Os seus calculos são sempre o resultado de um palpite.

E, no caso, o choque se verifica entre um desses mathematicos de boa vontade e as cifras determinadas pelas pesquizas da technica e dos technicos.

Ora, muito bem!

Mas, perguntará o leitor, a que vem tudo isso?

Apenas ao seguinte: — si, para chegar a um resultado seguro sobre a quantidade de brasileiros que não sabem ler nem escrever, o sr. Bulhões de Carvalho, ou qualquer outro mestre de estatistica, se guiar pelas letras das canções que se ouvem em todo o Brasil, francamente, como será bondade demasiada attribuir-nos só 80 % de analphabetos!

Porque, em verdade, é vergonhoso o que se escuta, no genero.

Pessimo portuguez, incoherencias e disparates, falta absoluta de qualquer virtude poetica, um horror!

O malandro, a orgia, a nota, o carinho, "bamba" rimando com "samba", a vadiagem, a cabrocha, eis o circulo vicioso dentro do qual se movimentam as "inspirações" de alguns dos nossos mais afamados compositores, que, quasi sempre, são tambem os versejadores das suas producções.

Nem parece que estamos na capital de um paiz policiado!

E, por falar em policia: — por que o dr. Luzardo, que agora está reformando a repartição a seu cargo, não confere á censura theatral poderes para evitar a publicação dessas letras?

Em vez de vetar somente as peças livres, immoraes, ou inconvenientes por varios outros motivos, a censura se encarregaria, tambem, de velar pelo bom gosto do publico, evitando, principalmente, que as crianças se acostumem a repetir palavras erradas e a falar a gyria das favellas.

Ahi está um grave problema nacional, muito mais grave do que os calções curtos nos banhos de mar, e que ainda não mereceu a attenção das nossas autoridades.

Voltaremos ao assumpto.

CARMEN MIRANDA

Carmen Miranda, cantora da "Victor", especializou-se em canções carnavalescas de sentido brejeiro e sentimental.

E' o samba, quando repassado dessa delicadeza que vem do assumpto amoroso, e é a marcha, quando inclinada para a mesma orientação.

"Eu fiz tudo p'ra você gostar de mim!" foi a sua melhor creação, com aquelle "Tá hi" inicial, que Joubert de Carvalho encaixou com felicidade inexcedivel.

Outro successo seu: — "Yáyá, Yôyô", contemporaneo do primeiro, pois ambos surgiram no carnaval de 1930.

No carnaval deste anno, Carmen Miranda não apresentou nada de bom, verdadeiramente, mas, ainda assim, conseguiu impôr duas peças mediocres: — "Quero ver você chorar" e "Carnavá tá hi", ambas de Joubert.

Melhores do que estas, porém, ella lançou o samba "Malandro" e uma marcha, que não tiveram a sorte de agradar tanto ao publico.

UM CONSOLO. — Sinto-me muito mal, muito mal... Vou durar muito pouco...

— Qual nada! Sabes muito bem que, pelo menos, dois ou tres mesinhos mais, não ha quem t'os tire.

Mas, é uma injustiça que os nossos phonophilos commettem em só procurar as chapas carnavalescas de Carmen Miranda.

Ella é uma das nossas mais genuinas interpretes.

Bem carioca, typo representativo dos mais authenticos, da nossa garota moderna, Carmen sabe dar uma inflexão entre maliciosa e terna aos numeros que canta.

A sua voz, pequena, pequenissima mesmo, enche, comtudo, as necessidades da interpretação, a que sempre dá o colorido de duas ou tres phrases quasi declamadas.

E' uma cantora, além do mais, que não grava muito.

Os seus discos apparecem com um intervallo bem calculado, quando já se faz necessario renovar o prazer de escutál-a em creação differente.

A ultima chapa de Carmen Miranda, constante do supplemento de abril da "Victor", traz os seguintes numeros: — "P'ra judiar de você", samba de Oscar Cardona e Carlos Medina, e "Feitiço gorado", outro samba, este de autoria de Sinhô, o saudoso compositor de "Jura".

DUAS VALSAS EM VOGA

"Dancing with tears in my eyes" é mais uma linda valsa que Nathaniel Shilkret, o inspirado maestro americano, lança para a delicia dos ouvidos universaes.

Como as demais producções no genero, apparecem nos Estados Unidos, essa valsa é da mesma estructura de "Jeannine", "Divina Dama", "Ramona" e tantas outras, não sendo a sua melodia absolutamente original.

Revestida, porém, de um rythmo novo e de uma expressão actualizada, consegue, facilmente, fluctuar á tona da sensibilidade collectiva.

E' o que acontece, aliás, neste momento, com outra sua congenere argentina, "Manon", que nem o titulo tem de inedito, mas que está fazendo época, mercê da interpretação admiravel de Azucena Maizani, em discos "Brunswick" de procedencia platina.

Assim, "Dancing with tears in my eyes" (Dançando com lagrimas nos olhos) e "Manon", são, indiscutivelmente, das ultimas producções estrangeiras, as que maior acolhida estão tendo entre nós.

O HOMEM DO REALEJO

De Adonai de Medeiros

COM a hegemonia do cinema implantando as normas norte-americanas nos espiritos fracos, tudo o que o Rio tinha de evocacional vae desapparecendo.

O cinema é o huno assolador das coisas de antanho. Tudo leva na rajada. Assim, os casarões solarengos são demolidos para a construcção ou de "bungalows" ou de "arranha-céos"; a schottisch, a mazurka, a polka desappareceram para a desarticulação do "Shimmy", dos "foxes", do "Charleston"; a distincção, aquillo que o "dont" explica, foi-se para dar logar ao achincalhamento, á falta de compostura; o privilegio do sexo fraco foi abatido pela intromissão nas dependencias masculinas e suas "Tiradas" á americana; o cavalheiro foi substituido pelo "businessman" mal cheiroso a alcool e tabaco. A pretexto de civilização vão fazendo a decadencia das cidades biblicas.

E o tempo passa... ficando no seu sacerdocio vagamundo o Homem do Realejo, o exótico menestrel das vièllas. E' de vêl-o zigueziagueando de um lado para o outro das ruas a mover a manivella da caixa e transmittir para o povo os trechos de operetas vienenses.

E' o mestre de musica da canalha e é o psychologo da ralé porque em cima do instrumento, dentro de uma gaiola, traz um periquito, estranho revelador do futuro e esquisito distribuidor de palpites para a loteria, maneira discreta de fazer o "jogo do bicho". E assim vae elle com o discipulo distribuindo a "buena dicha" a duzentos reis, divertindo o seu publico.

E o tempo passa... e essa velharia, remanescente da época medièva, vae ficando. O de hoje é um italiano; domina-lhe a paixão artistica da patria, porque, embora roufenha, a sua musica tem arte e elle, o educador do poviléo, da mesma fórma tem a sua.

Dos dois o mais interessante é o acolyto, o periquito: a maneira de sahir da gaiola, retirar a "sorte" de dentro da gaveta, onde se acham empilhadas, tornando, depois, obediente para a prisão.

Graças a elles, as musicas de Vienna são trauteadas nas fabricas, nas cozinhas, nos morros e nas sargetas. A gente que as não póde pagar no theatro, ouve-as no meio-fio das ruas...

* * *

Olhando para elle, que ordenára ao auxiliar me tirasse a "sorte", fiquei pensando em como esse rochedo da antiguidade ainda resiste aos embates do mar terrivel das innovações "yankees" e o considerei um heróe. Elle tambem irá... E' coisa de pouco tempo. Tudo tem ido...

As febres desmoronadoras e renovadoras, ao invés da politica economica, porfiadas nos esbanjamentos, o levarão de vencida.

* * *

E, numa avalanche de destruição e refórma, o Homem do Realejo, retirado da metropole, terá de recorrer á provincia para continuar o seu apostolado...

IRRADIADO pela Radio Club, acaba Patricio Terra de declamar o "Amor posthumo";

Quando da vida a negra noite escura
envolver-me estes olhos em seu manto;
quando meu ser baixar á sepultura,
quando não mais se ouvir meu triste canto;

quando meu peito, cuja voz murmura
silente, emmudecer no Campo Santo;
saudades merecer-te por ventura
e por ventura merecer-te o pranto;

deixae, Senhora, que na paz do Nada
por bem eu goze a lagrima aljofrada
o que por mal em vida não gozei;

deixae, Senhora, emfim, que no jazigo
a graça possa ter meu peito amigo
de vos sentir o amor que alimentei.

Acaba Patricio Terra de recitar este bello soneto lyrico de sua lavra, quando o chama alguem:

— Doutor Patricio!

— A's suas ordens!

— Chamam-no ao telephone.

— Voz de homem ou de mulher?

— ... Senhora!

— Ainda bem! Muito obrigado.

Chega o phone ao ouvido.

— Prompto!

E uma voz hesitante e a modo possuida de sensação:

— E' o poeta Patricio Terra?

— Sim. Quem fala?

— Mas... é elle mesmo?

— Sim. Patricio Terra. Com quem tenho a honra de falar?

— Ah! Muito obrigada. Desejava falar com o senhor. Sou grande admiradora de seu talento e teria immenso prazer em o conhecer pessoalmente. Leio todas as poesias que o senhor publica; conheço-lhe todos os livros. Aprecio-o muitissimo, meu brilhante poeta!

— Si não é um trote a que a senhora me quer sujeitar...

— Por amor de Deus! Estou até nervosa! Não pense nisso, por amor de Deus!

— Pois bem. Agradeço-lhe o interesse tomado pela minha humilde pessôa e peço-lhe a gentileza de me dar seu nome.

— Dou-lhe a indicação de minha residencia e espero que o senhor não se negará a fazer-me o favor de me procurar, afim de nos conhecermos mutuamente.

— Sim. Prazer, vontade, curiosidade não me faltam de a conhecer; só me falta tempo para a execução dessa coisa difficil.

Homem incom

H O R M I N O

— Muito obrigada! Nunca pensei... Eu o procuro, quero dar-lhe meu endereço, e o senhor acha ser um emprehendimento difficilimo vir conhecer-me aqui, tão perto da Radio Club.

— Quer que vá hoje mesmo?

— Neste momento, si lhe aprouver.

— Onde mora?

— No hotel...

— Bem. A cinelandia fica perto daqui, mas acredite, minha senhora: não tenho tempo de ir até lá.

— Que falta de curiosidade!...

— Não. E' falta de tempo. Creia: é só falta de tempo.

— Ouça, Patricio Terra: você é um homem tão simples, que me dá vontade de conversar horas a fio pelo telephone. Vou fazer-lhe uma proposta: admittir que lhe dê o tratamento de você. Peço-lhe tratar-me do mesmo modo.

— Horas a fio tem vontade de conversar commigo pelo fio; mas, pessoalmente, talvez arrepiasse a carreira! Pode dar-me o tratamento de você. Retribui-o-ei com prazer.

— Muito obrigada. Estou muito contente. Mas, então, como é? Você não quer mesmo vir conhecer-me aqui?

— Não tenho tempo. Por que não vem você até aqui? Venha já! Vou esperal-a, agora mesmo, lá em baixo...

— Não posso.

— Por que? Si é você uma pequena solteira, não deve...

— Não sou solteira.

— Então?

— Si viesse até aqui, eu o apresentaria á minha familia como amiguinho, e nada haveria de maior nisso; porém, si alguem de minha familia me encontrar na rua a estas horas com você, a coisa mudaria de figura.

— Agora nos vamos despedir, que são horas. Todos daqui já se foram embora; e o homem encarregado de fechar o salão está só á minha espera.

— Uma palavrinha só. Quando nos podemos falar outra vez?

— Amanhã, depois das onze horas. O numero do meu telephone é...

E deu o numero. O mesmo fez a illustre desconhecida.

— Muito obrigada. Você é muito bondoso, muito paciente. Até amanhã. Vamos ver quem faz em primeiro logar a ligação... quem disca primeiramente.

— Vamos ver. Adeusinho!

— Adeusinho! Sonhe commigo!

— Pois sim.

* * *

Vae Patricio Terra tomar o omnibus, afim de chegar á casa mais cedo com o saquinho de caramelos comprado para mimosear a bôa esposa.

E, verdade seja dita, não mais pensa na mysteriosa voz feminina ouvida durante muito tempo ao telephone. Não; porque não fôra a primeira a procural-o nem seria a ultima a confessar-lhe a admiração pelo talento, pelas qualidades moraes do poeta... Já não o sensibilizam essas coisas tão communs nos dias aureos delle, cheios de gloria adquirida com as suas bellas obras literarias. E tanto assim é que, no dia seguinte, deixa passarem as horas sem se lembrar de telephonar á excentrica admiradora.

Esta, por sua vez, espera o chamado. Sente-se humilhada por tel-a esquecido tão cedo; mas, ainda assim, estabelece no disco a ligação desejada.

O poeta, naquelle instante, acha ser grande mas-

prehendido

L Y R A

...ter Graham Bell *descoberto a maravilha das maravilhas*, mas vae attender ao apparelho telephonico.

— Prompto!

— Quem fala?

— Patricio Terra.

— Bonito! Tão cedo, já se esqueceu de mim...

— Bôas tardes! Como vae? Não foi propriamente esquecimento. Foi o muito trabalho que me atrapalhou.

— Já sei. E' uma das taes mentiras convencionaes...

— Chi!... Veiu tão zangada, que nem me cumprimenta nem quer corresponder á minha saudação! — Ri gostosamente a desconhecida.

— Você é um homem extraordinario! Desarma as pessôas com essa bôa disposição de espirito que lhe é peculiar, segundo venho observando.

— E' o que lhe parece. Quando me zango, torno-me peor que um tigre!

— Que basto tigre!

— Não queira interpôr uma outra pessôa em nossa palestra. Até porque esse basto veiu muito fóra de proposito. Nem figuradamente eu o aguentaria...

E a simular uma zanga:

— Foi só mesmo pretexto para disfarçar...

— Disfarçar coisa alguma! — interrompe-o satisfeita, mas igualmente simulando estar zangada. — Não conheço, nunca vi a pessôa a quem você quer referir-se. Esta é a verdade. Com certeza, empreguei mal o termo. Peço-lhe desculpas e agradeço a lição.

Ficam calados durante alguns segundos. Rompe ella o silencio.

— Olá!

— Prompto!

— Mas, meu Patricio, você ficou amuado, escandalizado por tão pouco!...

— Brincadeira apenas. Aprecio deveras o nosso Tigre.

— Está experimentando-me, mas é escusado.

— Não. Brincadeira. Não tenho já o direito de brincar com você?

— Todo o direito. Por emprestimo, espiritualmente sou sua, querido poeta!

— Muito obrigado. Pago-lhe com usura: sou todo seu!

— Muito obrigada. Conversa vae, conversa vem, e não mostra você o minimo desejo, nem ao menos por curiosidade, de me conhecer pessoalmente.

— Venha cá.

Dá-lhe a indicação do escriptorio.

— Não posso, Patricio Terra. Veja lá como são as coisas: Um collega seu, a quem desejei conhecer, no mesmo dia e no mesmo instante em que lhe falei, veiu ao hotel em que moro temporariamente. Desejei falar-lhe só por só, e communiquei este meu desejo a minha irmã casada, com quem estou passando uns mezes, emquanto o meu marido foi á Europa. Pois sabe o que aconteceu? Seu collega não me pareceu um homem educado; deu-me a impressão de um selvagem! Foi tão violento... Quiz tanta coisa... Deixou-me assombrada com o successo inopinado! Francamente, nunca mais procurei falar-lhe! Fiquei aborrecida de facto. Assim, tambem não!

— Oh, archipirata! Que barbaros costumes! Que pouco civil foi meu confrade! — exclama Patricio Terra, sorrindo de si para si, maliciosamente, e prosegue: — Assim, elle desmoraliza a classe!

— E' para você ver: ou um selvagem daquella especie ou um Patricio Terra tão discreto! Você devia ter nascido no seculo dos santos e dos martyres e eremitões...

E o poeta interrompe-a no auge da sua exaltação idolatra, e cheio de leve ironia:

— Perto de você, o tempo seria pouco para a contemplar, para a adorar, pois antevejo que você é uma pequena interessantissima; o diabo é o tempo...

— Mas você tem tanto trabalho assim?

— Sim. Sou homem pobre, que precisa amassar o pãozinho de cada dia para sustentar a mulher e os filhos...

— E' casado?

— Pois não acabo de lho affirmar?

— Céos!

— Ficou zangada? Não me zanguei quando me disse ser casada...

— Sim. Não é motivo... Diga-me uma coisa: que idéa faz você do meu typo?

— Antevejo-a com os olhos do espirito por este modo: bella estatura, bem clara, olhos castanhos escuros e salientes e brilhantes, cabellos do mesmo tom, nariz grego com as narinas ao de leve arrebitadazinhas, bocca pequenina com o labio inferior algum tanto polpudo e o superior com as extremidades voltadas para cima.

— Não sei si acertei com alguma coisa.

— Perfeitissimamente. Até me parece que você já me viu. Nunca presenciei facto igual. Tudo certo, muito certo. Um pintor não faria o meu retrato mais semelhante!

— Estou de parabens, então. Agora diga você como pensa que eu seja.

— Conheço-o já através de retratos publicados em FON-FON e outras revistas cariocas.

— Ao menos diga como deve ser a minha estatura.

— Você não deve ser nem muito alto nem muito baixo. Estatura média.

— Estou satisfeito.

— Pela photographia é extremamente sympathico.

— Feio, portanto...

— Um bello typo de homem; nunca, porém, um homem formoso, que é ridiculo!

— Concordo.

Pausa. Agora é o poeta quem rompe o silencio:

— Outra coisa: não gosta você do maridinho?

— Assim, assim...

— Não o ama?

— Não. No dia em que eu amar um homem de verdade... tenho até pena delle...

Patricio Terra põe o phone no gancho.

Em seguida, tilinta o telephone, leva a tilintar por muito tempo; elle, porém, já o não attende. A chamados della jamais attenderá.

Por que esse rompimento ex-abrupto? — perguntareis, caro leitor.

Receia que, algum dia, possa a pequena ter pena delle!...

Positivamente, no seculo da conquista do ar, é um typo inexistente o Patricio Terra ou, pelo menos, homem incomprehendido.

Na Estrada d

DE GILBERTO

NO redemoinhar da vida, na faina diaria, no ganha-pão quotidiano, encontrei uma mulher moça e bonita que se diz infeliz: Moça, bonita e infeliz! Uma alvorada, um predicado e uma sombra negra: tres coisas essencialmente oppostas...

Ella contou-me parte da sua historia. Uma historia como muitas outras. Cheia, porém, de grande melancolia e de dois olhos claros, tristes e supplicantes.

* * *

— A minha vida é um romance emmaranhado de aventuras e de tragedias! Si eu lh'a contar, estou certa, a sua piedade será enorme. Na minha existencia de 26 annos apenas, desenrolaram-se episodios os mais negros que se possa imaginar. Houve epoca em que me julguei feliz. Pensei que a ventura entraria pelo meu coração por espaço immorredoiro. O tempo, porém, esse eterno transformador de tudo que palpita, ruiu as minhas illusões e deixou-me a braços com a descrença nua e horrivel. E passei desde então, a amargar os meus dias como uma banida da vida...

— Impossivel! O que lhe entorpeceu o cerebro foi, unicamente, o modo de olhar a adversidade. Ella comprime o coração, asphyxiando-o quasi. Mas quando elle é forte e vê a vida pelo lado bom, renasce e perfuma os nossos dias como as roseiras podadas sensualizam o espaço.

A sua carne moça palpita e tem séde de amor e de affectos. Falta-lhe, apenas, outra carne que vibre com a sua, que se transporte com ella aos paroxismos do gôzo. De outra alma que a sua comprehenda e, unidas, se entreguem aos extases e aos arroubos naturaes da ventura. Si um amor lhe cavou a descrença e lhe sepultou tudo que tornava rosea a sua vida, outro amor lhe restituirá os sorrisos e a alegria voltará a bailar nos seus olhos claros. Si a desillusão lhe picou maldosamente o espirito, a affeição e o devotamento de outra alma se incumbirão de tornar ao ninho antigo a avesita que desertou para não morrer de inanição.

— Qual, meu amigo! O amor vive e palpita apenas uma vez. E, si o coração a que elle se refugiou o abandona ao som da indifferença, elle tomba fulminado, deixando para sempre a saudade inapagavel do tempo em que fomos venturosos. Cobre-me os dias tristes o crepe negro da descrença e a amargura fez do meu coração dorido a sua habitação predilecta.

Julga o meu amigo que outros corpos moços não me têm offerecido a partilha das suas felicidades?...

Cada dia que surge um novo amor me desponta. E eu, obcecada, com os olhos fixos no meu passado longinquo e irremediavelmente perdido, cerro as palpebras á figura insinuante e fecho

a Vida...

VEIGA

os ouvidos aos galanteios de fogo, para ver, unicamente, a mentira campeando e o desejo carnal dominando os espiritos e matando a pureza dos nossos corações.

— Pensa erradamente, eu lhe affirmo. Dia virá em que um homem atravessará na estrada da sua vida, prendendo-a, amollecendo-a, acordando os seus sentidos para fazel-a vibrar como uma harpa maviosa tocada por mãos de mestre, arrancando-a do entorpecimento em que se deixou empolgar. O Destino é inamolgavel. A razão capital do nosso não ser, ou do nosso não querer, está simplesmente no molde do nosso coração, que, por causas para nós desconhecidas, ainda não nos surgiu. Quando elle nos apparece, as phantasias nos voltam e, como um sol que desponta numa manhã azul, começamos a inundar o nosso interior de castellos maravilhosos. E surprehendemos, de um momento para outro, os sorrisos brincando em nossos labios e a felicidade cantando em nossas almas hymnos suavissimos.

— Mas, si assim é, a minha espera de quatro annos já não é pouco. Já lá se vae quasi um lustro de isolamento e de tédio. Já me pesa a vida! Sinto nas veias o sangue correr sem vibração e o coração pulsar como si obedecesse a uma corda.

— Ainda não chegou o seu dia, póde ficar certa. Quando elle raiar majestosamente, dispersando as trevas da sua alma, sua bocca fresca se arqueará em sorrisos bons para a vida e o seu espirito novamente percorrerá o paiz dos sonhos. E você, que hoje vê a natureza e os semelhantes com os olhos em brazas, vel-os-á amanhã com pupillas dilatadas de felicidade, desejando gritar aos quatro ventos, ás arvores, aos passaros e aos arroios cantantes e crystallinos, a sua desmedida alegria e a volta bulhenta das suas illusões desviadas. Desviadas apenas. Porque somente o inverno da velhice mata o verão ardente da mocidade. Tudo mais não passa de um conjuncto desharmonioso de coisas que a fatalidade creou. Coisas naturaes e inevitaveis. Seus labios finos e sensuaes pedem outros labios trementes de desejo e de volupia para machucal-os, sorvendo em tragos de luxuria o nectar capitoso que delles dimana como de amphora miraculosa. A cadaum de nós está destinada uma dóse de felicidade e outra de amargura. Precisamos sofrear os nossos desejos, saboreando-a aos poucos para que ella não nos suffoque, e, apparelhar o nosso espirito para que elle não se deixe dominar pelas tristezas, sucumbindo. E' o seu caso. A sua particula venturosa foi absorvida, esmagada pelo seu grande desejo deser feliz. Sua alma se elevou aos paramos de uma ventura mentirosa e passageira, não lhe deixando animo para receber e supportar com paciencia e esperança os dias obumbrados da sua existencia. Si a minha amiga tivesse saboreado a taça doce do deus Cupido, como ella deve ser haurida, — de palpebras cerradas, alguma fé e um pouco de desconfiança, — o choque da desillusão seria infinitamente menor, e o futuro lhe acenaria com suas mãos vagas e imprecisas, a seguil-o mais confiante e mais corajosa.

— Como eu poderia ter sido pessimista, si os meus dias até então foram suaves e bons, cheios de sol, de céo limpido e azulado, de noites consteiladas e alvoradas repletas de poesia? Tudo na minha vida sorria e a minha mocidade era esmagada por outra mocidade, num gôzo mutuo e numa communhão absoluta de pensamentos e de acções. Como conceber a ingratidão e, consequentemente, a perda dos meus sonhos côr-de-rosa?...

— Ahi está a razão unica, exclusiva, da sua desventura e da sua descrença: não se ter lembrado della, precavendo-se. Tudo muda, porém. Dentro, talvez, de muito pouco tempo, essa nuvem que lhe empana o cerebro se dissipará e a minha formosa confidente, entregando-se de corpo e alma ás affeições e aos carinhos do homem que o seu coração espera, ouvirá e sentirá o passaro azul da felicidade, alegre e saltitante, modular cantos divinos sob os seus olhos irrequietos e inquietantes.

* * *

As nossas mãos se uniram e os nossos cerebros se voltaram aos céos num pedido igual, que somente os nossos corações sentiam e ardentemente desejavam...

A PIEDADE PRECOCE

UMA forte sympathia as unira, sympathia derivada, certamente, do contraste que existia entre as duas, entre suas vidas diametralmente oppostas. Maruja tinha onze annos; Martha, dez. Eram vizinhas. Uma porta, apenas, dividia seus lares tão profundamente como suas existencias. A casa de Maruja era de um luxo insólito no bairro velho de expressão fatigada, e á noite o saguão illuminado era como uma pupilla fulgurante que deslumbrasse a alma tenebrosa do bairro. A casa de Martha, pelo contrario, era o rictus doloroso daquelle rua. Maruja, com sua voz lenta e harmoniosa, insistia em suas perguntas:

— E tens pae e mãe?

A ultima palavra foi pronunciada em tom emotivo, como si lhe subisse do coração.

— Só tenho mãe... Papae morreu sem conhecer-me.

E a piedosa mentira, com que todas as mães sem ventura enganam seus filhos, poz uma vibração de angustia na voz de Martha.

— E tu tens pae e mãe? — perguntou, por sua vez, a menina pobre.

— Sim. Tenho pae e minha madrasta.

— Que?!

— Minha madrasta...

— Não te entendo bem... Queres dizer: tua mãe não é assim?

— Não é a mesma coisa. Minha mãe morreu! De pois papae se casou com essa mulher. Sabes?... não é a mesma coisa!...

— Ah!!... Ella não é tua mãe!...

— Não. Mamãe está no céo.

E o olhar de seus olhos profundos perdeu-se na immensa perspectiva das rotas azues...

Na vida das duas pequenas palpitava a sombra de uma amargura. Foi essa sombra que as uniu mais intensamente.

Depois, pelas tardes, sempre se encontravam, e até o anoitecer ficavam na porta da rua agitando as diminutas aspirações precoces. Uma dessas tardes, disse a madrasta de Maruja, apparecendo no saguão, á enteada:

— Entra, Maruja, que o frio te faz mal, e sou eu quem, depois, levará a culpa.

Sem dizer palavra, a pequena entrou, despedindo-se da amiguinha. Passaram muitos dias sem ver-se. Quando Martha perguntou por sua amiguinha, disseram-lhe que estava enferma. E, com máos modos a madrasta respondeu:

— E foi por estar a conversar na porta da rua.

Martha quiz vêr Maruja, e não lho consentiram. Então, esperou a passagem dos dias intermináveis até que a viu de novo na porta da rua doirada pelo sol do estio. Pareceu-lhe que sua amiguinha tinha os olhos maiores, mais pállida a bocca e as mãos mais frias.

— Soffreste muito, Maruja?...

— Um pouco... Mas tambem fui feliz...

— Não dizes que soffreste?

— Sim...

— E então?

— Não o dirás a ninguem?... Juras-mo?...

— Sim. Que é?

E os olhos de Martha escancararam-se de curiosidade...

* * *

E' vespera de Reis. Todos os meninos do mundo se irmanam num mesmo anseio, numa identica supplica. Todos os espiritos infantis se erguem do barro da vida para acompanhar, com os olhos dilatados pelo desejo, a marcha dos biblicos Reis que visitaram Jesus, o Menino mais pobre do mundo...

Maruja e Martha conversavam na porta da rua.

— Que querias que te trouxessem os Reis, Martha?

— Eu?... Uma boneca bem grande, que tivesse os olhos como tu.

Ás margens do Parahyba

A AMERICO DE AZEVEDO MARQUES

O sol morre no occaso em chammas, rutilando
Como um topazio vivo entre rubros coraes,
E o velho Parahyba, ao longe, serpejando
Espumarento róla entre os cannaviaes...

Os colleiros do bréjo e alvas garças, em bando,
Numa palpitação de azas brancas, triumphaes,
Vertiginosamente, ao crepusculo, vôando,
Passam na curva azul dos céos meridionaes.

Na agua verde do rio a correr mansamente,
Entre os sanguineos tons desmaiados do poente,
Reflectem-se os perfís das verdes araucárias.

Além, no firmamento, estrellas solitarias
Começam a piscar os olhos scintillantes...
E a noite cáe por sobre estes cêrros distantes!

RUDYARD GONZAGA

De J. I. Cendoya

— Uma boneca?!...

A expressão de espanto de Maruja intensificou o desejo de Martha. Uma boneca que nunca lhe trouxeram os Reis, apesar de tanto já lhes ter pedido!... E então conta a Maruja a razão desse desejo. Em sua infancia só possuiu uma boneca, cuja recordação era tão longinqua, que devia fazer um verdadeiro esforço para evocál-a. Era pequena, desarticulado e torta, e chegára ao fundo de sua casa atirada por quem sabe que desapiedada crueldade infantil. Amou-a muito, apesar de, nos primeiros dias, aquella orbita vazia lhe produzir uma estranha sensação. Sabia dizer "papae" e "mamãe" com uma voz gangosa e monocordia.

E Martha recordava — e com uma precisão de detalhes absoluta — recordava que, um dia, a mãe, com um modo estranho, entre violenta e angustiada, lhe dissera:

— Filhinha, não faças a boneca falar!...

E, poucos dias depois, a boneca, por mais que Martha o quizesse, não chamava mais *papae* nem *mamãe*... Acabou perdendo-a para sempre, em circumstancias que para ella tivéra todos os contornos de uma tragedia. Num descuido, cahiu ao fogão acceso, e, embora a mãe a houvesse tirado, a boneca se queimou de tal fórma, que em seu rosto só se via a orbita negra de seu olho torto.

Depois dessa sua pobre boneca de infancia, Martha nunca teve outra coisa que a substituisse, que fosse companheira na monotonia de suas horas.

Seguindo a recordação, insistiu:

— Sim, uma boneca, Maruja. Mas não a terei, porque os Reis, diz mamãe, nunca se lembram dos pobres...

Cala-se, com a voz guilhotinada pelo cutelo da certeza, e fica abstrahida nesse pensamento que é a dor dos pobres.

Maruja observa-a. Olha os olhos azues de sua amiguinha, e, lembrando-se de que em seu quarto tres grandes bonecas permanecem abandonadas, orphãs de suas caricias, que seu cansaço e sua tristeza precoce gelaram, comprehende toda a angustia de Martha, grave e silenciosa a seu lado. E talvez pela primeira vez em sua vida, Maruja pensa por que ella tem tres bonecas, que não ama, e a amiguinha, que sonha como um impossivel a posse de uma só — ainda que fosse como aquella longinqua, desarticulada e torta de sua infancia — não tem nenhuma...

— E tu, Maruja, que querias que te trouxessem os Reis?

A pequena fica perturbada e hesitante ante aquella pergunta. Ella mesma, sem querêl-o, levou o diabo por onde não devia tél-o feito, porque a pergunta de Martha é como uma atrevida mão que desperta seu pensamento, agachado no ultimo recanto de seu cerebro. Dias e noites, esse pensamento, que se traduziu em supplicas e em lagrimas, foi a unica coisa que palpitou nella, emocionando-lhe as horas.

— Dize, Maruja: que querias que te trouxessem os Reis Magos?

Maruja, ante a insistencia de sua amiguinha, procura confessar-lhe seu immenso anseio, mas duvida que a simpleza diaphana de seu espirito de menina humilde perceba toda a magnitude de seu desejo, que ella mesma sabe impossivel.

A mãe! E então, com uma ternura de irmã mais velha, que houvesse vivido muito e soffrido mais, diz, precocemente, a Martha:

— Os Reis não poderão devolver-me o que eu desejaria. Em compensação, te trarão tua boneca...

* * *

E' já noite, e a mãe de Martha contempla na janella do quarto o sapato da filha que espera o presente dos Reis Magos. Viu-o assim, durante annos, sem que sua miseria lhe permitisse dar á pequena uma diminuta illusão. Em silencio, vae fechar a porta da rua. E quando o faz, Maruja, acompanhada da creada, se approxima della, trazendo nos braços uma grande boneca, vestida de rosa, e com dois brilhantes olhos azues. A menina olha a mulher no fundo dos olhos sombrios, e lhe diz, com uma simplicidade impressionante:

— Entregue a Martha, senhora, e diga-lhe que lha trouxeram os Reis...

E, emquanto a mãe da amiguinha lhe beija, entre lagrimas, as mãos pallidas e frias, Maruja volta para sua casa, sem imaginar que ella foi para com uma criança miseravel, perdida em uma casinha modesta de um bairro ignorado do mundo, mais piedosa e mais justa do que os Reis Magos...

ALCOVA

(*Do poema "Intimidade", inédito.*)

Como está differente esta alcova! Parece
que venho aqui pela primeira vez...
Eu sei que o meu olhar quasi nunca se esquece,
mas aqui não havia tanta nitidez...

Ha qualquer cousa, sei, que não entendo.
O biombo japonez, o "abat-jour", as cortinas...
Neste ambiente apenas comprehendo
que desfolharam a rir perfidias femininas...

Mas agora percebo. Si ella viesse,
não veria o "abat-jour" e o biombo japonez..
Lembro-me bem como ella desfallece
e como eu sei beijar a sua timidez...

Estranho essa penumbra, esse perfume,
e me invade um langor que é quasi de aban-
[dono...

O silencio é tal qual como um queixume
nem consigo acordar, nem consigo ter somno...

QUEIROZ JUNIOR

A culpa de LEONOR

EDGARD MORAES se afiançou em sua resolução a um tempo heroica e covarde; heroica, porque era um sacrificio para elle mesmo; covarde, porque destruia para sempre a illusão de Dina, aquella joven ingenua que nada soube negar a seu amor.

Dina! Como devia soffrer naquelle momento! Edgard se comprazia em recordal-a como nos tempos felizes em que floresceu seu idyllio, cada vez mais formosa e cada vez mais apaixonada, indo para elle, cega na subconsciencia da primeira paixão... E elle, egoista, não quiz ou não soube respeitar o santuario de sua pureza, promettendo-lhe, no emtanto, dar-lhe o nome.

Seu nome! Valia acaso alguma coisa? Edgard Moraes era filho desse amor que, envergonhado de si mesmo, se occulta sob o anonymato e atira seu fructo aos hospitaes. Dali o recolheu o doutor Nazario, sob cuja protecção se fez homem e a quem devia seu pomposo titulo.

Quando o moço installou seu escriptorio com a placa doirada: "Edgard Moraes. Advogado" — lançou um olhar retrospectivo para sua vida e sentiu-se cheio de profunda gratidão para seu protector. Este, que o havia arrancado da casa dos expostos, teve para elle ternuras de pae, e, não contente com isso, se sacrificou para encarreirál-o.

E Edgard, não sabendo como pagar aquella enorme divida moral, compromettia-se, agora, a casar com a unica filha do doutor Nazario, uma pobre menina feia, que enlanguescia na espera d · *principe azul*, e a quem seu pae idolatrava.

Naquella mesma tarde, o joven advogado escrevia a Dina. Confessava-lhe tudo e pedia-lhe que tivesse resignação. "Talvez o destino — dizia — te reserve melhor sorte. Deus saberá premiar o desinteresse com que tu me amaste."

A pobre abandonada não disse nada nem nada tentou. Desappareceu da vida delle, mas não poude afastál-o de sua lembrança, e seu desespero culminou com o annuncio da maternidade.

O tempo foi acalmando a dôr de Dina e exacebando a ansiedade de Moraes, que, na frieza de seu lar sem amor, pensou, muitas vezes, na mulherzinha bôa de seus primeiros amores e naquelle filho que nunca havia conhecido.

. . . .

Muitas vezes, Mario Veiga, o *braço direito* no escriptorio do doutor Moraes, suspendia seu trabalho, gratamente interrompido pelas filhas do advogado.

Dedicava ás tres jovens uma affectuosa sympathia, mas em particular á mais velha, uma formosa mulher, a quem elle confiava suas derrotas e seus triumphos na vida.

Um dia, quando a seguia com olhar terno, o surprehendeu o doutor Moraes.

Maria não se perturbou; o advogado era para elle tão bom e complacente como um pae. Fizera delle seu amigo e confidente, introduzira-o em sua casa, revelára-lhe segredos de familia.

Por isso, Mario não desviou seu olhar da silhueta da Maria Helena, e só quando esta desappareceu, voltou a vista para seu chefe e amigo.

— Que formosa e que bôa creatura! — murmurou, como si falasse comsigo mesmo.

E, depois de uma pausa, ajuntou:

— Sua doçura recorda minha mãe.

Edgard Moraes empallideceu. O filho de Dina, que tambem era seu por lei inviolavel do sangue, tinha para a mãe um fervoroso carinho. Era uma accusação constante aquelle rapaz sensivel que se enternecia até as lagrimas, ao relatar a vida de sacrificios e privações passada antes que o doutor Moraes lhes estendesse a mão...

E sempre, nas narrativas do filho, a figura de

dos paes

E MUÑOZ

Dina, exaltada pela miseria e pelo amor, se enaltecia até adquirir relevos de martyr.

Aquelle estado de animo, aquella exaltação da lembrança no filho accendia na alma de Moraes uma profunda preoccupação que o fazia voltar a seu passado, e o obcecava com o nome e a figura de Dina.

Nunca mais, desde seu casamento, Edgard tornára a vêl-a. Sabia que ella tinha um filho e se casára tambem pouco depois. Quando, mais tarde, soube de sua prematura viuvez, quiz ajudal-a, mas ella o repelliu dignamente, e nunca mais voltaram a ter noticia um do outro.

Um dia, o acaso levou Mario a pedir emprego no escriptorio de Moraes. O advogado julgou ver deante de si o espectro do passado. Eram os mesmos olhos de Dina, azúes e francos, os que o olhavam, a mesma fronte ampla e branca. Apenas a bocca tinha um gesto amargo e orgulhoso, que não desmentia a origem paterna...

E Mario foi, desde então, o primeiro empregado do escriptorio de Moraes.

Edgard levou-o a sua casa, fêl-o amigo de sua esposa, de suas filhas. Empenhava-se em reparar o mal que fizera e justificar a ternura que sentia pelo filho moço que cumulava suas aspirações.

Em casa de Edgard, Mario já não era o empregado a quem se impõem naturaes respeitos, mas o amigo a quem se dispensam as mais cordiaes considerações.

Nunca o advogado lhe perguntou por Dina. Ambos fingiram não conhecer-se, quando Mario fallava a um do outro.

Até que, um dia, Mario falou a sua mãe. Estava disposto a casar-se com Maria Helena Moraes; falaria ao advogado.

Dina ficou inquieta. Pediu, supplicou, appellou para seus sonhos de mãe; tudo foi inutil. Mario não podia comprehender sua obstinação. Surprehendeu-se da attitude da mãe, sem poder chegar a comprehender o motivo de uma opposição que lhe parecia irreductivel.

A pobre mulher vacillava ante tão tremendo problema... Que faria ella? Teria que revelar ao filho que o morto venerado não era seu pae? Não a repudiaria elle?...

Não teve coragem para detêl-o quando o filho sahiu, e ficou esperando, com as unhas cravadas nas palmas das mãos, como um réo que espera sua sentença, até que cahiu em um completo estado de inconsciencia.

Assim permaneceu longo tempo.

Quando voltou a si, ouviu ruido no quarto do filho. Levantou-se e, nas pontas dos pés, foi observal-o, vendo-o soluçar como uma criança.

Correu a seus pés, chorando.

— Perdôa-me! Perdôa-me!

Mario teve um impulso de rebeldia; mas o desespero da mulher que lhe havia dado o ser reviveu em seu coração todos os sacrificios della, quando elle era uma criança inconsciente e caprichosa. Uma chamma de ternura illuminou-lhe o coração; Mario levantou Dina em seus braços e a depositou no leito, murmurando:

— Não chores, mamãe! Ella nunca saberá de nada... Iremos para longe, para bem longe...

.. ..

Mezes depois, dizia ao doutor Moraes um amigo que ignorava sua tragedia:

— Ah, a vida, meu amigo, sempre nos dá dissabores.

— E' verdade, e ás vezes tão grandes... — respondeu o advogado.

E ficou pensando na filha querida, em Maria Helena, reclusa no convento das carmelitas, levada pela desillusão que lhe causára a inexplicavel ingratidão do unico homem a quem amára.

O TELEGRAPHO HUMANO

Em sua recente visita ao Asylo de Orphãos, a condessa X.. foi testemunha de uma scena extraordinaria: quatro meninos disputavam um livro velho e rasgado, empenhados para isso em terrivel luta puxada a grandes soccos.

— Meninos! Meninos! Que significa isso? Estão brigando! — exclamou a dama, com desolado assombro. Agora, como castigo, nenhum de vocês provará o pão de gengibre e, ainda por cima, vão ficar de penitencia, ajoelhados a um canto.

— Elle tirou-me o "Robinson Crusoe"! — aventurou-se a dizer um dos culpados, á maneira de desculpa.

— Mentira! Foi elle quem mo tirou! — contestou outro.

— Oh, que maneira de mentir! — gritou um terceiro. Foste tu que mo arrebataste!

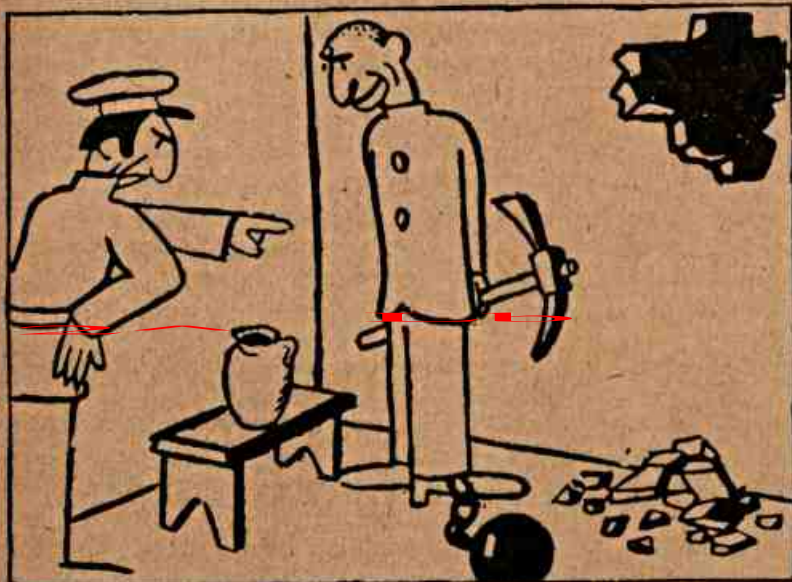
A irmã de guarda explicou á condessa que, apesar da estricta vigilancia, essa scena era frequente, porque os meninos gostavam muito de ler e no Asylo não havia livros.

Um vislumbre de estranha sensação illuminou vagamente o espirito da condessa, mas procurou esquecer aquella scena, que muito a impressionou. Só alguns dias depois, achando-se em visita na residencia do primeiro conselheiro, onde, habitualmente, se discutiam themas religiosos e philanthropicos, se lembrou de referir o caso. Contou minuciosamente o incidente do Asylo e alludiu á explicação dada pela irmã de guarda.

O conselheiro, que escutava attentamente, experimentou tambem uma sensação estranha, e como era um pouco mais adepto a pensar, achou que seria uma bôa idéa enviar alguns livros aos orphãos. Recordou que nos armarios de sua bibliotheca ou nalgum bahú devia haver toda uma collecção de volumes, que provavelmente se estavam perdendo, comprados havia muitos annos para seus proprios filhos. Mas... não tinha tempo para procurar esses livros.

Nessa mesma noite, o conselheiro foi em visita á casa do senhor X...., que dedicára sua vida inteira a prestar toda sorte de serviços aos representantes da humanidade comprehendidos nas classes VII a III da gerarchia official. Em seu desejo de ser agradavel, o conselheiro relatou ao senhor Z... o que a condessa tinha visto no Asylo de Orphãos e o que havia dito a representante da irmandade religiosa. E accrescentou, por sua conta, que... que... evidentemente... se devia proporcionar livros aos orphãos.

— Nada mais simples — exclamou o senhor Z... — Tenho que ir, amanhã, ao diario *O Correio* e farei publicar uma noticia a respeito.

No dia seguinte, o senhor Z... se apresentou na direcção commercial do *Correio* e, vivamente [illegible] supplicou, em nome de todos

NO CARCERE. — Miseravel, que estás fazendo?
— Não está vendo? Um buraquinho na parede, para collocar um prego e dependurar o retrato de minha mãe...

De Boleslao Prus

santos, que se publicasse um appello ao publico afim de que fizessem donativos de livros para os meninos do Asylo.

Chegou em momento opportuno, pois o jornal precisava de um assumpto qualquer para algumas linhas de sensação sentimental. O reporter que o attendeu se poz a escrever, immediatamente, um suelto com longos titulos: *Um grupo de meninos a cargo da beneficencia publica soffre a falta de livros. — Os pequenos desejam instruir-se. — Lembrae-vos da fome de suas almas!*

Em seguida, assobiando, satisfeito, foi jantar.

Poucos dias depois, um domingo, ao chegar ao jornal com meu amigo, o professor de physica, me encontrei, deante da porta fechada da direcção, com um homem miseravelmente vestido e de mãos tão sujas como as de um limpador de chaminés, o qual estava acompanhado de uma menina pallida, conduzindo um pacote de livros velhos.

— Que deseja o senhor?

O homem tisnado tirou o gorro e, timidamente, respondeu:

— Vimos trazer uns livros, senhor, para esses meninos *famintos de que falla o jornal.*

A menina pallida tentou uma saudação cohibida e se ruborizou um pouco: o pouco que lhe permittia sua anemia incipiente.

Tomei-lhe os livros e os entreguei ao empregado.

— Como se chama o cavalheiro? — perguntei ao homem.

— Mas... para que deseja saber meu nome? — disse elle, confuso.

— Vamos publicar os nomes de todos os que offerecem livros para os meninos do Asylo, como é natural.

— Oh, não, senhor! Não é necessario. — Eu sou apenas um pobre operario da fabrica de chapéos... Não é necessario.

E retirou-se acompanhado da filha.

Provavelmente, em virtude de achar-me ao lado do professor de physica, pensei, então, em um novo systema de telegraphia. A estação principal era o Asylo de Orphãos e a estação receptora o operario da fabrica de chapéos. Quando a primeira dava o signal "Attenção!", a segunda respondia immediatamente. Quando uma pedia, a outra dava. E todos nós não passavamos dos postes do telegrapho...

— Não te dizia eu que ahi móra um casal?

A MÃO

A mão é uma extremidade do corpo do homem, que passa das mangas da camisa, e, por conseguinte, do paletot e do sobretudo... Comprehende varias partes.

Primeira: a palma.

A palma fica, geralmente, situada na face interna da mão. Isso, porém, não é uma regra sem excepção; em circumstancias particulares se pode achar momentaneamente applicada sobre diversas superficies.

Essa porção da mão pode prestar-se a multiplos usos; e nos tempos antigos servia até de copo e de taça. Depois passou um pouco essa moda, e para isso contribuiu, sem duvida, a introducção do café, do chá e de outras bebidas quentes.

Si, abandonando a palma, se observa a extremidade da mão, a gente se encontra com os dedos.

Os dedos são em numero de cinco — em cada mão — e cada um delles desempenha uma funcção particular:

1.° — *O pollegar*. E' o mais grosso e mais forte de todos os dedos. Responsabilizam-no por todas as torpezas que os outros dedos commettem e ainda o corpo inteiro. Esse dedo deve ter um sabor muito doce, por isso que os bebês gostam de chupal-o. Graças a esse barbaro costume, o pollegar é mais curto que os demais dedos.

2.° — *O indice*. Dedo pouco sympathico, sobre o qual é melhor não insistir. Serve de indicador, e, sobretudo, para ser mettido no nariz.

O MYSTERIO DE UM CRIME

— E' um crime que...

— Sim, é claro, mas o autor não é o que dizem.

— Você o sabe?

— Para o caso, é como si o soubesse. E' uma infamia politica.

— Você se exalta muito, o que quer dizer que não está seguro...

— Não, senhor! Quero dizer que estou indignado, e nada mais.

— Assim não se discute...

— Sei-o, mas eu não estou discutindo... Digo que esse autor, que encontraram, da morte de Paulo Rios, é um innocente como eu e como você... Digo que o autor ha de ser outro...

— Pode ser..., pode ser... Mas, ora!, por que não o prova? Hein?

— Sim; é o que digo commigo: por que não o prova?... Será necessaria a prova... e esta ha de apparecer... E' impossivel que Ernesto seja o criminoso... Eu procurei visital-o hontem, hoje, esta manhã, e não me deixaram... Continúa incommunicavel!... Não ha maneira de se saber o que disse elle, qual foi sua declaração...

— Elle não deve ter feito declaração... Logo que o faça, o juiz retirará a incommunicabilidade...

— Mas, continuam effectuando prisões! Ha já trinta ou quarenta pessôas detidas e incommunicaveis!... Parece que toda vez que interrogam Ernesto sahem ordens de prisão, ás duzias...

— E quem sabe si elles têm motivos para isso?

— Mas, que tem a ver Ernesto com essas investigações?...

* * *

Falavam assim dois socios do Club Social, na calçada de um café. A capital do Estado de... tinha assumpto para aquella semana. Na volta de um caminho solitario, fôra encontrado o cadaver de Paulo Rios. Tinha um ferimento por bala na face direita. Um ponto negro, apenas. Nem uma gotta de sangue. A bala ficára dentro do craneo da victima. Esta, recostada em uns arbustos, dava a impressão de que morrera tranquillamente. Até parecia sorrir.

Quando a noticia correu a cidade, muita gente foi ver o cadaver, mas todos se puzeram a conversar, a fazer commentarios. As primeiras hypotheses se basearam na simples idéa do suicidio. Mas, como não havia arma alguma perto do morto, começou a crescer a idéa, mais complicada, de um crime.

Quem poderia ter interesse em eliminar do seio dos vivos o vivissimo Paulo Rios?

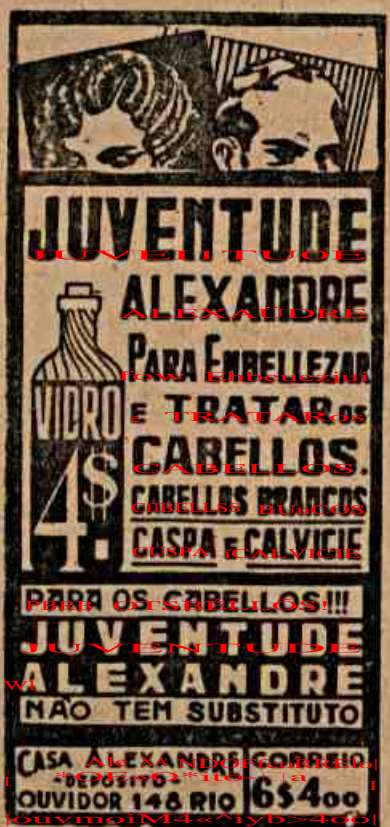
Ignorava-se. Nem uma suspeita... Mas, para que serve a politica? Para intervir nesse e noutros casos. E interveiu...

Paulo Rios era um dos chefes indiscutiveis da fracção verde do partido Iris. O partido Iris, como seu nome está a indicar, se dividia em muitas côres. Dividia-se sem compostura possivel. O Iris nunca se formava em arco, nem depois das tormentas. O verde estava e não estava no Iris. Mas dava muito o que fazer ás outras côres, especialmente ao vermelho. O vermelho tinha, como um de seus chefes, talvez o principal, o senhor Ernesto Tintóreo. Dahi, o serem Paulo Rios e Ernesto Tintóreo inimigos irreconciliaveis, com toda a alma, como se usa nos logares pequenos. A inimizade desses dois personagens contagiava-se a suas respectivas familias e a suas relações. Os Vermelhos e os Verdes não se podiam ver. Naquella capital, de mais politica que habitantes, os que lá residissem tinham que se ver duas ou tres vezes por dia. Um passeio de cinco quarteirões significava que a gente havia de encontrar-se com uma grande maioria de pessôas conhecidas, amigas ou inimigas. Haveria, ou não, os cumprimentos da praxe. E, no emtanto...

* * *

Quando a politica interveiu, a metade da população teve um nome na bocca: Ernesto Tintóreo.

Como o juiz e a Policia pertenciam áquella população de cidade alimentada, mas cheia de rancor, tambem se surprehenderam sentindo aquelle nome.

E acontece — como são as coisas neste mundo! — que Ernesto estava bem com o governo...

E o senhor Ernesto Tintóreo foi mettido na prisão, rigorosamente incommunicavel, até que o mysterio se aclarasse...

— E os amigos, correligionarios e parentes de Tintóreo?

— Mas, isso não é permanente? Será que se faça! — rugiu o delegado.

— Para a prisão tambem! E' preciso descobrir a ponta do fio...

* * *

O enterro de Paulo Rios foi imponente. Como em vida o morto estava bem com o governo, este encordou que em anteriores e outros havia lutado a seu favor e desempenhado um cargo officio. Foi o bastante para que se appro-

De Bernard Gervaise

3.º O *maior*, que tem muita estatura, mas bem poucas habilidades.

4.º O *annular*, assim chamado, porque serve para guardar anneis... emquanto estes não vão para a casa de penhores.

5.º Afinal, o *minimo* ou auricular, dedo anão e rancoroso, que muita gente emprega para metter nos ouvidos, como si não houvesse no mundo algodão hydrophilo.

Todos os dedos estão terminados por unhas, especie de vegetações corneas, de que cinco entre cem pessoas tratam, e que servem para rasgar as luvas e arranhar a cabeça, quando o dono se coça, por qualquer motivo. Algumas pessôas devoram esses appendices, e assim dispensam completamente o uso da tesoura.

Ponto de parte isso, a mão tem suas excellencias zoologicas e anthropologicas. A darmos credito — puramente intellectual, aliás — a certos historiadores dos tempos archiprimitivos, á mão deve o homem o ser o que é.

Mas surge uma duvida. Si o homem deve a suas mãos o ter subido na escala dos seres, inventando as maças, as armas que se arremessam e os instrumentos de toda especie, como é que os macacos, que possuem quatro mãos em vez de duas, estão cada vez mais atrazados? Ahi está um problema que não sei como os sabios resolverão.

A mão, em seu conjuncto, presta bons serviços. Talvez por isso, alguns ambiciosos não se conformam com as duas que a natureza lhes deu, e procuram a mão de alguma mulher rica...

De B. G. Arrili

Passou o decreto que, noutra circumstancia, não se justificaria. Compareceram ao enterro o governador e seus secretarios. Atraz delles, como sempre, se estenderam todos os que tinham alguma ligação com o governo; até os fornecedores officiaes. E, além disso, a banda militar, com seus musicos uniformizados em grande gala...

Oito discursos foram proferidos á beira do tumulo, antes de ao mesmo descer o caixão mortuario.

Paulo Rios teria ficado muito satisfeito si os ouvisse. Quanta coisa tocante se disse áquelle "mallogrado cidadão que cahia covardemente assassinado pela mão indigna do adversario traidor"!

Enterrado o corpo, todos disseram, segundo o annunciou o jornal semanal dos *verdes*:

— Agora, é fazer justiça!...

O director da penitenciaria — verde, já se vê — teve conhecimento daquelle desejo do povo soberano, e ordenou ao carcereiro que, até segunda *ordem*, só se desse a Tintóreo pão e agua.

E o commissario encarregado do summario fez o resto... De vinte e quatro em vinte e quatro horas apresentava ao juiz uma lista de pessoas suspeitas, dez ou vinte vermelhos que era conveniente interrogar. O juiz, *diligentemente*, dava as ordens necessarias, ou desnecessarias, e os dez ou vinte adversarios politicos, suspeitos de criminosos, ingressavam na cadeia publica, incommunicaveis e a *pão e agua*, até segunda *ordem*...

Um mez depois sabia-se o mesmo que no primeiro dia, isto é, ninguem podia dizer quem dera o tiro na face do *mallogrado cidadão* Paulo Rios. As pessoas suspeitas foram reconquistando, pouco a pouco, a sua liberdade, até ficar apenas na prisão Ernesto Tintóreo.

Algum jornal da capital federal se interessou muito pelo assumpto, mas debalde, porque os correspondentes, como toda gente, afinal, já estavam convencidos da innocencia de Tintóreo. Innumeras circumstancias *aggravantes* constavam no processo, e até entre seus correligionarios poucos restavam capazes de *pôr as mãos no fogo* em sua defesa.

No entanto...

Aconteceu que, dois annos depois de ser preso Ernesto Tintóreo, triumpharam nas eleições e tomaram conta do poder os da facção *vermelha*. Naturalmente, os *verdes* ficaram por baixo. E um juiz elegante escutou os pedidos da familia Tintóreo, e estudou o famoso processo que dera com Ernesto na cadeia. E estava estudando-o, admirado da perfeição com que havia sido levado a bom termo, quando se apresentou uma mulher... Ella sabia quem fôra o matador de Paulo Rios!...

A mulher — Agostinha de tal, conhecidissima — confessou que acceitára de bom grado os galanteios de Rios, quando era favorecida pelo amor do sr. José Hondo, o delegado geral do governo anterior. Não poude averiguar como o soube o sr. José, mas o certo era que, na noite do encontro com Rios, numa casa afastada, fôra o mesmo assassinado. Ella o soube pela manhã do dia seguinte, como todo mundo, depois de ter passado a noite em claro. E muito tempo depois soube que o criminoso fôra o proprio delegado, que, inteirado do encontro, foi esperar Rios na estrada, onde o assassinára, desfechando-lhe o tiro tão certeiro na face direita.

* * *

No Club Social voltou-se a falar muito do caso.

— Viu, amigo, como o que eu lhe dizia era verdade?

— Sim, agora vejo...

— O pobre Ernesto era, apenas, uma victima innocente.

— Mas, que poderia suspeitar!...

— De que?... De que era innocente?...

— Não; de que o autor do crime fôra o proprio delegado geral, encarregado das investigações...

— Isso era secundario para mim. O importante e o certo era que Ernesto não podia matar Paulo, assim como eu o affirmei... Assentado isso, procurava-se o verdadeiro criminoso... E, escute, amigo, eu creio que, apesar dos annos que tem gasto a humanidade civilizada em aperfeiçoar-se, estamos vivendo ainda uma *idade de loucura*. Aqui, qualquer idiota póde enganar-nos a todos, e todos somos capazes de nos deixar enganar, e permittir que um innocente apodreça entre quatro paredes.

— E' verdade — disse o outro, que não gostava dessas philosophias. — E' verdade... E que será de José Hondo?

— Que o condemnem á morte, que é o que elle merece — exclamou seu interlocutor.

ENTRE CANNIBAES. — Pobresinho! Por que o faz chorar desta maneira?
— Para enternecel-o.

A FAIXA

(SHERLOCK - HOLMES)

I

Ao percorrer as minhas notas referentes aos setenta casos curiosos, em cujos tramites levei oito annos a estudar o modo de proceder do meu amigo Sherlock Holmes, encontro muitos de caracter tragico, alguns de caracter comico, e avultado numero delles simplesmente extravagantes; mas não ha um unico que seja banal, o que se explica pelo facto de, trabalhando elle mais por amor á arte do que com o fito de ganhar dinheiro, jamais encetou um inquerito que não apresentasse vislumbre de estrambotico, e até de phantastico.

Entre tantos e tão diversos casos, nenhum encontro, porém, apresentando mais originalidade do que aquelle que diz respeito a uma familia muito conhecida no condado de Surrey: os Roylotts de Stoke-Moran.

Os acontecimentos a que acabo de me referir desenrolaram-se nos primordios da minha intimidade com Holmes, ao tempo em que moravamos juntos em Baker Street. Tel-o-ia, talvez, publicado, ha muito tempo, a não haver promettido guardar segredo, e fui apenas desobrigado da minha palavra, o mez passado, pela morte inesperada daquella a quem a dera. E' chegado o ensejo de tornar conhecidos semelhantes factos, visto como de sciencia certa vim a saber haverem-se espalhado ácerca da morte do doutor Grimesbey Roylott certos boatos, que concorriam para tornar ainda mais grave o negocio, do que na realidade o foi.

Ahi pelos principios do mez de abril de 1883, acordando eu, uma manhã, eis se me depara Sherlock Holmes, vestido e paramentado, junto ao meu leito.

Não era madrugador, por habito, e como o relogio de cima do fogão accusasse apenas seis horas e um quarto, mirei-o com tal ou qual surpresa, e uma pontinha de rabugice, pelo facto de me ter vindo cortar o somno, a mim, homem dorminhoco.

— Sinto deveras acordal-o, Watson, disse elle, mas é sorte commum a todos, esta manhã. Mrs. Hudson foi quem começou e, obrigada a sahir da cama abruptamente, vingou-se na minha pessoa, e eu na de você.

— Que aconteceu, então? Ha fogo?

— Não, mas apresentou-se em minha casa uma rapariga, muito afflicta, e insiste em me falar. Está á espera, na sala. Ora, quando uma rapariga anda a correr as ruas da metropole a estas horas, obrigando a erguer da cama pessoas que ainda estão em somno, conclúo disso que será caso urgente para me relatar. Se por ventura nos trouxer negocio importante e digno de ser estudado, estou certo, Watson, de que quererá acompanhal-o desde o principio. Ocorreu-me, pois, acordal-o para que não perca tão bom ensejo.

— Desgostar-me-ia, sobretudo, deixal-o escapar, meu caro Holmes.

Nada havia que mais me apaixonasse do que seguir Holmes nas suas investigações profissionaes, admirar as deducções rapidas, mediante as quaes desvencilhava os problemas que lhe eram submettidos. Vesti-me, pois, á toda a pressa, e, volvidos minutos, fui ter com elle á sala.

Encontrámo-nos em presença de uma senhora trajada de preto. Tinha tapado o rosto com um denso véo e, assim que nos viu, ergueu-se da cadeira em que se assentára, ao pé da janella.

— Muito bons dias, minha senhora, disse Holmes em tom cordial. Sherlock Holmes é o meu nome, e este cavalheiro é o doutor Watson, meu intimo amigo.

SARAPINTADA

Por CONAN DOYLE

meu socio, em cuja presença póde falar tão desassombradamente como se me tivesse encontrado sózinho. Ora ainda bem! Estimo ver que Mrs. Hudson teve a optima lembrança de accender o fogão. Tenha a bondade de se aproximar, vou lhe mandar vir uma chicara de café, pois vejo que está tiritando de frio.

— Não é de frio que eu estou a tremer, observou em voz baixa a dama, mudando de lugar.

— De que é então?

— E' de medo, sr. Holmes, direi, até, de pavor.

Ergueu o véo, e verificamos achar-se effectivamente em estado e afflicção deveras lastimoso: contrahidas as feições do rosto, livida a cutis, os olhos irrequietos, espantados e assustadiços. O seu todo era de uma mulher de trinta annos, mas prematuramente envelhecida, e com uma expressão de extremo cansaço. Tudo isto observou Sherlock com um daquelles seus olhares rapidos e penetrantes.

— Não se assuste, disse elle em tom carinhoso, curvando-se para a visita e tocando-lhe no braço. Estou certo de que vamos esclarecer rapidamente o seu caso. Afigura-se que terá vindo de trem.

— Conhece-me?

— Não, mas estou-lhe vendo o bilhete de ida e volta na abotoadura da luva da mão esquerda. Calculo que partiu de madrugada e que fez jornada um tanto longa em tilbury, por pessimo caminho, antes de chegar á estação.

Sobresaltou-se, e, estupefacta, fitou os olhos no meu companheiro.

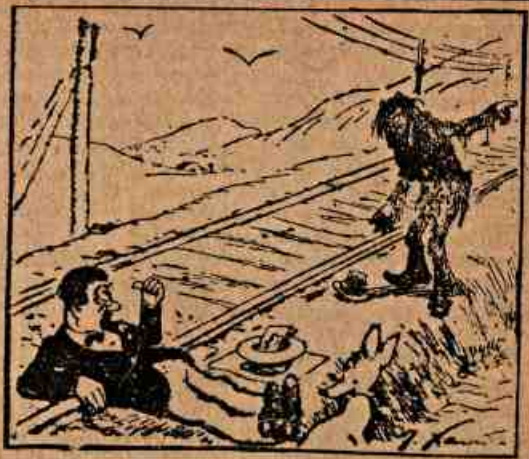
— Não é nenhum mysterio, minha querida senhora, disse Holmes sorrindo. A manga esquerda do seu casaco esta salpicada de lama em sete pontos diversos; e as manchas ainda estão frescas. Para salpicar alguem a esse ponto não ha como um tilbury, e muito mais indo a pessoa ao lado esquerdo do cocheiro.

— Seja qual fôr o seu methodo de raciocinar, acertou, respondeu a visita. Sahi de casa antes das seis horas, cheguei a Leatherhead no primeiro trem. Ah! senhor, não posso mais! Se isto assim continúa, fico doida! Não tenho uma unica pessoa para quem possa appellar, e a unica que por mim se interessa, um rapaz, apenas poderá prestar-me fraquissimo auxilio. Ouvi falar no senhor Holmes. Contou-me Mrs. Farintosh que o senhor lhe tinha valido em circumstancias bem singulares. Foi ella quem me ensinou a sua morada. Ah! senhor Holmes, creio que poderá valer-me a mim tambem, ou, ao menos, lançar alguma luz no chaos em que me vejo envolvida! Actualmente não me acho em condições de remunerar os seus serviços, mas dentro de um ou dois mezes estarei casada, poderei dispôr do que é meu, e verá então que não sou nenhuma ingrata.

Holmes voltou-se para a secretaria, sacou de uma carteira e poz-se a folheal-a, dizendo:

— Farintosh? Ah! sim, lembro-me desse caso. Era a proposito de uma corôa de opalas. Creio que ainda não é do seu tempo, Watson. Posso affirmar-lhe, minha senhora, que me dou por feliz consagrando-me ao seu negocio, assim como me consagrei ao da sua amiga. Não falemos em retribuição, por quem é. A minha profissão implica a propria recompensa. Concedo-lhe plena liberdade de me embolsar das despesas que poderão occorrer, quando e como lhe convenha. E agora, queira expôr-me o seu negocio sem omissão do minimo pormenor que possa elucidar-nos.

— Valha-me Deus! retorquiu a visitante, o horror da minha situação provém de serem tão vagos os meus receios e as minhas suspeitas assentarem em

(Continúa na pagina seguinte)

— Ah! vem o trem! Com sua permissão, vou suicidar-me tambem.
— Bem, deite-se, porém, sobre o outro trilho, senão me vaes sujar as rodas deste lado...

bases tão fracas, direi até tão pueris, que esse proprio a que me assiste o direito de pedir auxilio e conselho os considera como fructo de imaginação de mulher nervosa. Não que elle o diga, mas eu adivinho-o pelas suas respostas consoladoras e pela compaixão que lhe leio nos olhos. Disseram-me, porém, senhor Holmes, que o senhor sabia ler no mais intimo do coração humano. Talvez possa dar-me um conselho em presença dos perigos que me ameaçam.

— Presto-lhe toda a attenção, minha senhora.

— Chamo-me Helena Stoner, e vivo em companhia de um padrasto, ultima vergontea de uma das mais antigas familias saxonias da Inglaterra, os Roylotts de Stoke-Moran, estabelecidos nos confins occidentaes do condado de Surrey.

Holmes acenou a cabeça:

— E'-me familiar o appellido.

— Aquella familia, proseguiu a visitante, foi, em um dado momento, uma das mais ricas da Inglaterra, e os seus bens iam até ao Berkshire, para a banda do norte e até ao Hampshire, para os lados do poente. E todavia, no seculo passado, succederam-se quatro gerações de prodigos e de devassos e o descalabro da casa vieram consumal-o, durante a Regencia, os desmandos de um jogador. Ficaram sem um palmo de terra, salvo poucas geiras de terreno e a casa de morada contando mais de duzentos annos, e essa mesma acha-se inteiramente crivada de hypothecas. O ultimo possuidor arrastou o viver miserando de fidalgo arruinado: o seu filho unico, meu padrasto, teve, porém, a consciencia de que era urgente dar alguma volta á sua vida. Por intervenção de um parente, alcançou da universidade de Harrow um adiantamento sufficiente para se transportar a Calcuttá, e ali, graças á sua aptidão profissional e força de vontade, logrou reunir uma excellente clientela. Num impeto de colera, motivado por um roubo perpetrado em sua casa, matou o seu mordomo indio, e por pouco que não foi condemnado á pena ultima. Esteve preso alguns annos e regressou á Inglaterra, sombrio e azedado de genio.

"O doutor Roylott, durante a sua permanencia na India, havia desposado minha mãe, Mrs. Stoner, viuva ainda joven do major-general Stoner, da artilharia de Bengala.

"Minha irmã Julia e eu eramos gemeas, e contavamos apenas dois annos quando se celebrou o segundo matrimonio da minha mãe. Esta era rica, pois tinha de renda mil libras esterlinas, e legou a sua riqueza ao doutor Roylott, afim de que elle nos conservasse em sua companhia e sob a condição de, dado que viesse a casar outra vez, nos constituir a cada uma um rendimento cuja quantia ella propria estipulou. Pouco tempo depois de havermos regressado a Inglaterra, falleceu minha mãe, victima de um accidente de estrada de ferro, nas proximidades de Crewe, haverá uns oito annos. A datar desse momento, o doutor Roylott não empregou o minimo esforço no sentido de reunir clientela em Londres, e levou-nos comsigo para a sua velha casa em Stoke-Moran. Os haveres que minha mãe deixára chegavam e sobejavam para supprir as nossas necessidades e coisa alguma deste mundo parecia vir privar-nos do bem estar.

"De subito, porém, o genio de meu padrasto começou a apresentar terrivel alteração. Em vez de attrahir amigos e permutar visitas com as pessoas da vizinhança, que viam com satisfação estabelecido novamente na veneranda residencia familiar a um Roylott de Stoke-Moran, encerrou-se em casa, e apenas sahia para disputar e provocar toda e qualquer pessoa que encontrasse pelo caminho. Uma violencia de genio vizinha da loucura era aliás caso hereditario entre os varões da sua familia, e em meu padrasto fôra, segundo julgo, aggravada pela sua demorada permanencia em clima tropical.

"Produziram-se rixas deploraveis que, por duas vezes, o arrastaram á policia correccional; veiu a ser o terror da aldeia e os moradores assim que o viam deitavam a fugir, pois é dotado de immensa força physica e, quando está irado, não póde ter mão em si.

"A semana passada, atirou com o ferreiro do parapeito da ponte abaixo, dentro do rio, e só consegui evitar um escandalo publico dando á victima quanto dinheiro pude arranjar.

"Não tem um unico amigo, á excepção dos ciganos: a esses vagabundos consente-lhes que venham acampar em umas geiras de terra, cobertas de tojo, unica propriedade da familia, e em troca, acceita-lhes a hospitalidade nas barracas que armam, e viaja até, de sucia com elles, semanas e semanas inteiras. Ainda por cima, nutre paixão por certos bichos indianos que lhe envia um correspondente, e actualmente tem uma panthéra e um macaco que deixa andar á solta, e de que os aldeões têm tanto medo como do proprio dono.

"Por tudo isto póde suppôr que tanto a minha pobre irmã Julia como eu não levavamos vida muito alegre. Não conseguimos conservar um creado só que seja, e, por muito tempo, tivemos que servir-nos a nós mesmos. Minha irmã, quando falleceu, tinha apenas trinta annos, e não obstante, os seus cabellos principiavam a encanecer-lhe, tal qual os meus."

— Com que então, morreu sua irmã?

— Morreu, ha dois annos, exactamente, e é a respeito da sua morte que venho falar-lhe. Deve comprehender que, levando uma vida como a que lhe descrevi, poucas occasiões se nos offerecessem de tratar com gente da nossa idade e da nossa jerarchia. Tinhamos, porém, uma tia, uma irmã casada de minha mãe, Honoria Westphall, que reside nas proximidades de Harrow, e de tempos em tempos alcançavamos licença para lhe ir fazer uma curta visita. Julia passou com ellas as festas do Natal, ha dois annos, e encontrou ali um capitão de mar e guerra reformado com metade do soldo, com quem tratou casamento. Meu padrasto teve noticia do caso, no regresso de minha irmã, e não fez objecção ao consorcio; mas uns quinze dias antes do dia aprazado para a ceremonia, desenvolveu-se o temeroso drama que veiu privar-me da minha unica companheira."

Sherlock Holmes permanecera encostado ao espaldar da cadeira, com os olhos cerrados, e a cabeça derreada sobre um coxim; neste instante, porém, descerrou as palpebras e dardejou um olhar sobre a sua cliente.

— Queira expor-me os pormenores com a mais rigorosa exactidão.

— Ser-me-á facil, visto como, cada minuto de tão pavorosa noite me ficou estampado na memoria. A residencia é, conforme lhe disse já, muito antiga, e apenas um dos andares do edificio se acha habitado. Os quartos de cama occupam o rez-do-chão; as salas o corpo central. O primeiro quarto é o do doutor Roylott, o segundo, o de minha irmã, e o terceiro o meu. Não communicam entre si, mas abrem todos para o mesmo corredor. Creio que me faço entender.

— Perfeitamente.

— As janellas destes tres aposentos dão para o pateo relvado. Naquella noite fatal em que morreu minha irmã, recolhera cedo o doutor Roylott, mas não se deitou, visto que Julia se achou de subito incommodada pelo cheiro dos charutos indianos muito fortes que elle costumava fumar. Minha irmã ausentou-se, pois, do seu quarto e entrou no meu, onde se demorou um certo tempo a papaguear acerca do seu casamento. A's onze horas levantou-se para se ir deitar, mas, parando á porta, disse:

— A proposito, Helena, não tens ouvido um assobio lá pelo meio da noite?

— Nunca, respondi.

— Quer-me parecer que não assobiarias, a dormir, não é assim?

— Certamente, mas por quê?

(Continúa no proximo numero)

ASSIM é que, ha mais de meio seculo, o **LEITE DE MAGNESIA PHILLIPS** é transmittido de geração em geração, receitado pelo clinico como o unico digno de confiança, e louvado com enthusiasmo por todo aquelle que a elle recorreu.

Nada o excede, para a neutralização da acidez excessiva do estomago, nada a elle se compara, em brandura e em efficacia, como laxante. Por estes motivos, é o remedio ideal, nos casos de

INDIGESTÃO · ESTADOS BILIOSOS
SENSAÇÃO DE FARTURA APÓS AS REFEIÇÕES · ERUCTAÇÕES
AZIAS · ARDOR NA BOCCA DO ESTOMAGO
PRISÃO DE VENTRE

Incomparavel para tornar assimilavel ás creanças o leite de vacca, evitando as colicas e os vomitos.

O Leite de Magnesia Phillips verdadeiro, creado e preparado por Phillips, ***apresentou-se e continuará a apresentar-se sob a forma liquida.*** A magnesia em pó, em comprimidos ou em pastilhas, é de solução difficil e póde dar logar a irritações, ou accumular-se nos intestinos.

Para evitar os perigos duma imitação, exijam o envolucro azul com rotulo em Portuguez, e verifiquem o nome PHILLIPS, impresso no mesmo.

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Rua Ouvidor, 98, Rio de Janeiro — Rua S. Bento, 35, S. Paulo